

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO

JULIANO LOPES DA COSTA

**O TAEKWONDO NO RIO GRANDE DO SUL:
UMA LEITURA DO TEMPO SOBRE A PRÁTICA DE LUTA (1970-1980)**

Porto Alegre

2019

JULIANO LOPES DA COSTA

**O TAEKWONDO NO RIO GRANDE DO SUL:
UMA LEITURA DO TEMPO SOBRE A PRÁTICA DE LUTA (1970-1980)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências do Movimento Humano.

Orientadora: Prof. Dra. Janice Zarpellon Mazo

Porto Alegre

2019

CIP - Catalogação na Publicação

Costa, Juliano Lopes

O TAEKWONDO NO RIO GRANDE DO SUL: UMA LEITURA DO TEMPO SOBRE A PRÁTICA DE LUTA (1970-1980) / Juliano Lopes Costa. -- 2019.

116 f.

Orientadora: Janice Zarpellon Mazo.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Taekwondo. 2. luta. 3. arte marcial. 4. memória esportiva. 5. História do Esporte. I. Mazo, Janice Zarpellon, orient. II. Título.

*Dedico a todos aqueles que mantiveram
acesas as chamas da cortesia, da
integridade, da perseverança, do auto-
controle e do espírito indomável!*

AGRADECIMENTOS

Nossas jornadas são conjuntas, engana-se aquele viajante que julga alcançar seu destino sem suporte. Assim são nossas jornadas diárias, sinuosas, perigosas e estafantes. Todos os dias somos convidados a desistir, seja pelas notícias, pelo transporte, pelo cansaço, ou pela insensibilidade daqueles que deveriam garantir nossos direitos mínimos. É aí que o papel da família se cumpre, oferecendo seu lar e seu afeto, e muito mais que isso: o suporte completo ao viajante. Nesse momento ele é capaz de escalar montanhas, desbravar florestas, atravessar oceanos e combater os mais terríveis males. Agradeço a toda a minha família por este suporte, assim como os companheiros de viagem, meus amigos.

Agradeço a minha mãe, Márcia, meu espelho de serenidade, resiliência e empatia.

Agradeço ao meu pai, Nilson, meu exemplo máximo de inteligência, perspicácia e retidão de caráter.

Agradeço ao meu irmão Maurício, pelos momentos desde a infância, muitos deles no Taekwondo, e que se estendem até hoje.

Agradeço a minha companheira Franciele, que vem acompanhando minha caminhada desde o tempo da graduação e dividindo as dificuldades do dia a dia.

Agradeço ao Professor Dr. Rodrigo Flores Sartori, pela confiança na minha inserção no “mundo da pesquisa” e pelo carinho ímpar que sempre teve no tratamento comigo e com todos os seus alunos.

Agradeço à Professora Dr. Vera Lúcia Pereira Brauner pelos conselhos cuidadosos e a atenção que dedicou a mim no tempo da iniciação científica.

Agradeço a Marcos Rogério Carvalho por, no seu trabalho magnífico, ter feito a mim e a tantas outras pessoas a se apaixonarem pelo Taekwondo.

Agradeço a minha orientadora Janice Zarpellon Mazo, pela paciência, e pelo carinho com que sempre me tratou. Sendo uma luz a ser seguida no caminho do conhecimento. E a todos os meus colegas do NEHME, que sempre me motivaram a melhorar, seja com palavras, seja com suas trajetórias no mundo acadêmico.

Agradeço também a todos aqueles professores dos tempos de colégio que acenderam em mim a chama da curiosidade e permitiram que essa levasse o meu balão a vôos maiores e viagens mais distantes.

Sou um viajante com uma mochila carregada de lembranças e motivos para seguir em frente. A todos, os meus mais sinceros agradecimentos.

É certamente impossível estudar o passado sem a assistência de toda uma cadeia de intermediários, incluindo não apenas os primeiros historiadores, mas também os arquivistas que organizaram os documentos, os escribas que os escreveram e as testemunhas cujas palavras foram registradas.

(BURKE, 2004, p. 24).

RESUMO

O Taekwondo é uma prática de luta, originária da península coreana, difundida em vários países. No Brasil foi incorporado no treinamento de militares, aplicado por coreanos que passaram a residir no país. Com a progressiva queda de demanda neste treinamento, os instrutores coreanos fundaram seus próprios estabelecimentos de Taekwondo no estado de São Paulo. No estado do Rio Grande do Sul, as primeiras manifestações da prática do Taekwondo são datadas da década de 1970, com a vinda do coreano Yung Man Kim para a cidade de Porto Alegre. Estudos acadêmicos sobre a emergência de práticas de luta no Brasil são escassos, e no que se refere ao Taekwondo no Rio Grande do Sul e Porto Alegre também são raros. Desta forma emerge o problema de pesquisa: como ocorreu a prática do Taekwondo em Porto Alegre nas décadas de 1970 e 1980. A fim de responder o presente problema foram consultadas reportagens de jornais e revistas; fontes iconográficas como fotografias de acervos de praticantes; e fontes orais obtidas por meio de entrevistas. Com o aporte dos pressupostos teóricos da História Cultural, e análise das informações oriundas das referidas fontes, as interpretações dão conta de que as primeiras manifestações do Taekwondo aconteceram na cidade de Porto Alegre. O Taekwondo dividiu espaços e adeptos com outras práticas de luta, quando da chegada Yung Man Kim ao estado, entretanto sem que houvesse exacerbados conflitos entre as distintas práticas. Por meio de apresentações o Taekwondo foi difundido para a região metropolitana de Porto Alegre, Serra Gaúcha e litoral do estado. A partir desta propagação inicial, e a formação de praticantes faixas-pretas, as competições a nível estadual emergem no cenário. Neste contexto as aulas de Taekwondo giraram em torno de Yung Man Kim e os alunos formados por ele e davam ênfase às técnicas de luta e defesa pessoal.

Palavras-chave: Taekwondo; luta; arte marcial; memória esportiva; História do Esporte.

ABSTRACT

Taekwondo is a fighting practice, originating from the Korean peninsula, widespread in many countries. In Brazil it was incorporated in the military training, applied by Koreans who came to reside in the country. With the progressive decline in demand for this training, Korean instructors founded their own Taekwondo establishments in the state of Sao Paulo. In the state of Rio Grande do Sul, the first manifestations of Taekwondo practice date from the 1970s, with the Korean Yung Man Kim coming to the city of Porto Alegre. Academic studies on the emergence of fighting practices in Brazil are scarce, and Taekwondo in Rio Grande do Sul and Porto Alegre are also rare. Thus emerges the research problem: how did the practice of Taekwondo in Porto Alegre in the 1970s and 1980s. In order to answer the present problem, newspaper and magazine reports were consulted; iconographic sources such as photographs of practitioners' collections; and oral sources obtained through interviews. With the support of the theoretical assumptions of Cultural History, and analysis of information from these sources, the interpretations show that the first manifestations of Taekwondo took place in the city of Porto Alegre. Taekwondo shared spaces and supporters with other fighting practices upon the arrival of Yung Man Kim to the state, however without exacerbated conflicts between the different practices. Through presentations Taekwondo was spread to the metropolitan region of Porto Alegre, Serra Gaucha and the state coast. From this initial spread, and the formation of black belt practitioners, statewide competitions emerge on the scene. In this context Taekwondo's classes revolved around Yung Man Kim and his students and emphasized fighting and self-defense techniques.

Keywords: Taekwondo; fight; martial arts; sports memory; Sport history.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Esquema Noções de Prática e Representação em História Cultural...	25
Imagem 2 - Esquema representativo de História.....	27
Imagem 3 - Etapas da Análise de imagens.....	33
Imagem 4 - Indício Inicial de Praticantes.....	39
Imagem 5 - Yung Man Kim e as bandeiras.....	56
Imagem 6 - Yung Man Kim e Myung Joon Kim.....	59
Imagem 7- Quebramento de telhas.....	67
Imagem 8 - Quebramento de tijolos.....	68
Imagem 9 - Campeonato de Taekwondo em 1978.....	73
Imagem 10 - Academia Choi promove exame.....	75
Imagem 11 - Momento da vitória.....	76
Imagem 12 - Esquema da Formação inicial das aulas.....	77
Imagem 13 - Alunos aguardando comando.....	79
Imagem 14 - Alongamento em aula.....	81
Imagem 15 - Técnicas com os pés.....	82
Imagem 16 - Técnicas com as mãos.....	84
Imagem 17 - Yung Man Kim demonstra chute.....	90
Imagem 18 - Luta de três contra um.....	92
Imagem 19 - Graduações e sacos de pancada.....	96
Imagem 20 - Graduações na parede.....	97
Imagem 21 - Exame de faixa.....	99
Imagem 22 - Faixas-pretas formados por Yung Man Kim.....	102
Imagem 23 - <i>Dobok</i> e distinções.....	103

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DOPS – DEPARTAMENTO DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL

GPS - SISTEMA DE POSICIONAMENTO GLOBAL

ITF – INTERNACIONAL TAEKWONDO ASSOCIATION

KKA – KOREAN KONGSUDO ASSOCIATION

KTA – KOREA TAEKWONDO ASSOCIATION

WTF – WORLD TAEKWONDO FEDERATION

PREÂMBULO

Em um dia qualquer dos últimos meses, passando de carro pela BR-116, comentei com a minha mãe que quando fazia aquele trajeto pela manhã me permitia imaginar que estava indo ou, em sentido oposto no fim da tarde, voltando de um campeonato de Taekwondo. Ela me interrompendo, e quase roubando as palavras da minha boca, disse: "Que tempo bom aquele, né?!".

Recordo como se fosse hoje a organização da comida, a procura dos ginásios sem GPS, passar o *dobok*¹, comprar esparadrapo para enrolar no pé, o chimarrão, esperar ter três lutas, e colocar nosso "golzinho" verde rumo a várias cidades do estado. Rapidamente vem à memória inúmeras histórias legais, engraçadas, de superação, e momentos em lutas de diversos de meus colegas, que por motivo ou outro, assim como eu, tiveram que ausentar-se das competições. Quem sabe um dia isso tudo retorne, sim, em outros moldes, mas que seja possível.

Desde saída da minha família em 1995, da cidade de Bagé, no interior do Rio Grande do Sul, para a cidade de Canoas em busca de oportunidades, meu lazer foi dividido com as mais diversas brincadeiras de infância, pouco brinquei com jogos eletrônicos, pois não os tinha, e mesmo depois os tendo, pouco me interessei pelos por eles. Nesta altura, às vésperas de entrar para a escola, a influência cultural do futebol já ocupava horas do meu dia.

Nesta transição, do tranquilo interior gaúcho para acelerada vida na região metropolitana da capital, tivemos a grande sorte de contar com o imensurável suporte de minha tia avó paterna. Ela foi essencial na nossa inserção no esporte. Foi ela quem matriculou meu irmão, em meados de 1999, no Canoas Taekwondo Clube, a 500 metros de nossa casa, e se sentindo em dívida comigo me matriculou no futsal. Permaneci nesta prática durante alguns anos, nos quais fiquei responsável por levar e buscar meu irmão "naquela lutinha lá". Entre estas idas e vindas também o acompanhei nos campeonatos, quase mensais. Em todos estes momentos os professores do meu irmão me convidavam para a prática, ato sempre respondido com o meu desejo de seguir no futsal. Sentimento fragilizado por conta de toda aquela esfera do Taekwondo, na qual já me encontrava inserido, já que cada vez mais acompanhava os treinos em sua totalidade e voltava dos torneios com muita vontade de estar ali dentro do *dojang*².

¹ Uniforme utilizado para a prática do Taekwondo.

² Sala de treino de Taekwondo.

A distância da escola de futsal onde eu jogava era grande, exigindo tempo e transporte, coisa que já acontecia com a minha escola estadual. A academia de Taekwondo ficava muito próxima, três minutos a pé; pensei: por que não? Então a troca foi realizada. A mudança se deu com extrema naturalidade, afinal eu já me encontrava inserido naquele contexto há algum tempo, e praticamente sem me dar por conta.

Após o início, na prática do Taekwondo, vieram campeonatos regionais, nacionais, exames de faixa, faixa preta, seleção gaúcha. Esses momentos foram responsáveis por minha opção pelo curso de Educação Física, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Local longe da minha residência, mas que com uma bolsa conquistada no Programa Universidade Para Todos (PROUNI) incitava o metade sonho, metade desafio. Após isto, veio o serviço militar obrigatório e a permanência no mesmo por sete anos, e assim o Taekwondo aos poucos foi ficando longe, mesmo que ainda de tempos em tempos eu retornasse aos treinos e relembresse bons momentos.

Sempre me senti em dívida com Taekwondo, pelos momentos que me proporcionou e os atributos que, penso eu, tornaram possível a chegada de um jovem de família simples a um curso de pós-graduação em uma grande instituição como a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Desta forma, não poderia ser diferente que meu objeto de pesquisa fosse o Taekwondo. Atualmente, me sinto pleno por poder cursar este curso de mestrado, muito fruto do auxílio dos meus orientadores do tempo de PUCRS, Rodrigo Flores Sartori e Vera Lúcia Pereira Brauner, que não mensuraram tempo, paciência e confiança comigo naqueles tempos de incertezas. Além, do acolhimento cordial de todos os integrantes do Núcleo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física (NEHME) e da hoje minha orientadora Janice Zarpellon Mazo. Sempre me auxiliaram, com carinho, e incentivo. Permitindo, além do retorno de minhas atenções ao Taekwondo, que eu me encontrasse realizando estudando História do Esporte. Minha eterna gratidão.

Reafirmo minha satisfação em, neste estudo, poder investigar como foram os primeiros passos da minha amada prática de luta no estado. Pagando, ainda uma dívida de gratidão (e por que não de vida?) com o Taekwondo e com todas as pessoas que tornaram possível o começo e a consolidação de momentos tão ímpares nas vidas de outros tantos praticantes.

Que tempo bom!

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
2	QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO.....	19
2.1	História Cultural.....	19
2.2	Coleta e Interpretação de Indícios.....	28
2.3	Leituras históricas do Taekwondo: emergência e consolidação da prática.....	39
3	O TAEKWONDO NO RIO GRANDE DO SUL A PARTIR DE PORTO ALEGRE.....	48
4	AS AULAS DE TAEKWONDO EM PORTO ALEGRE NA DÉCADA DE 1970.....	78
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
	REFERÊNCIAS.....	108
	APÊNDICES.....	112

1 INTRODUÇÃO

O Taekwondo³ é uma prática de luta que emergiu na península coreana, sendo nomeada assim desde 1955, a partir da concepção do general sul coreano Choi Hong Hi. No Rio Grande do Sul, atribui-se o pioneirismo do Taekwondo ao coreano, então faixa preta de 3º dan⁴, Yung Man Kim. Tal informação foi difundida por meio da oralidade e de registros fotográficos, na medida em que há uma carência de publicações sobre essa prática de luta no Rio Grande do Sul.

Tal situação pôde ser mensurada, através da revisão bibliográfica empreendida em Bases de Dados digitais, a fim de localizar estudos que pudessem contribuir para a discussão e contextualização acerca da história do Taekwondo no âmbito nacional e estadual. Assim, o conhecimento sobre o Taekwondo e sua história no estado vem sendo propagado, na maioria dos casos, por meio de relatos dos praticantes da primeira geração, que tiveram contato pessoal com o tempo histórico da chegada da prática ao estado, no município de Porto Alegre.

Os estudos encontrados por meio de revisão bibliográfica, em sua grande maioria compõem a área das biodinâmicas, um reflexo também das publicações em âmbito mundial. Conforme Pérez-Gutiérrez (2015), do ano de 1989 até 2013 foram publicados 176 artigos sobre o Taekwondo, sendo apenas 5,1% deles no domínio das Ciências Sociais, onde o autor localiza a História do Esporte. Ao restringir as buscas para pesquisas sobre Taekwondo no estado do Rio Grande do Sul, as ocorrências se tornaram ainda mais raras. E, quando delimitamos aos estudos históricos e socioculturais sobre o Taekwondo, a incidência acompanhou as buscas citadas anteriormente.

O estudo de Moenig (2011) reforça esta carência ao mencionar: “A pesar de ser un deporte olímpico oficial, apenas existen unas pocas publicaciones exhaustivas sobre la historia, formación y desarrollo del taekwondo” (MOENIG, 2011, p. 119). Isso pode ser também um reflexo do tipo publicação, pois até pouco tempo, os estudos sobre o Taekwondo tratavam somente do uso de técnicas e autodefesa. E, mesmo que trouxessem relatos históricos sobre sua ascendência e princípios filosóficos, este conteúdo não avançava em suas reflexões, reproduzindo deste modo, versões como se fossem verdades (MOENIG; KIM, 2017).

³ Em tradução ao coreano Taekwondo significa Caminho dos Pés e das Mãos, sendo “tae”= pés, “kwon”= mãos e “do” caminho.

⁴ Graduação posterior a faixa preta.

Deste modo, para além das histórias que os antigos praticantes contam, pouco se tem documentos a respeito da emergência do Taekwondo no contexto do Rio Grande do Sul. Trata-se de um grande mosaico, de peças espalhadas, que pouco a pouco adquire contornos delineados por relatos de pessoas presentes nos primeiros anos da prática no Rio Grande do Sul, por fotografias há muito tempo guardadas pelos praticantes, e ainda pelo registro dos veículos de comunicação da época. Diante do exposto, emerge o presente problema de pesquisa: como ocorreu prática do Taekwondo em Porto Alegre nas décadas de 1970 e 1980?

A emergência do Taekwondo a nível mundial ainda hoje é tema de discussão. Na literatura que trata da prática, e nos registros mais antigos trazidos pelos mestres coreanos, as versões dão conta de que o Taekwondo teria emergido de práticas de luta de épocas remotas, de aproximadamente 2.000 anos atrás (MEGULHÃO FILHO; LEE, 1978; COOK, 2011). Além disso, estes registros mencionam que estas práticas foram organizadas e transmitidas de geração em geração, sendo reconstruídas com o nome de Taekwondo, com o fim do domínio japonês. Todavia, estudos recentes (MOENIG, 2011; CAPENER 2016; MOENIG; MINHO, 2016; PARK; KIM, 2016; MOENIG; KIM, 2017) apontam que o Taekwondo possui linhagem em práticas de luta originárias da China e do Japão. Há ainda, uma terceira leitura histórica acerca da ascendência da prática, que contempla as duas versões anteriores (MOENIG; KIM, 2017). Contudo, mesmo diante de distintas representações, o Taekwondo com o passar dos anos foi construindo sua legitimidade tanto em solo coreano como em outros países ao redor do mundo.

As diferentes influências, das distintas escolas de lutas da Coreia, após a Segunda Guerra mundial (1939-1945), geraram diversos debates acerca do nome que seria dado para a prática. Afinal, algumas das escolas se originaram da influência de práticas de lutas chinesas, outras de japonesas e ainda por práticas de origem coreana. Apesar de tais influências, o termo Taekwondo conferiu à prática uma identidade coreana, em contraponto a outros nomes utilizados pelas diferentes escolas luta, que se aproximam mais de representações identitárias dos países vizinhos, e no passado colonizadores, China e Japão.

O nome, Taekwondo, não garantiu inicialmente a uniformidade da prática no que tange às técnicas, representando naquele momento apenas uma unificação de várias escolas de luta da Coreia, agora sob um único nome de origem coreana

(MOENIG; MINHO, 2016). Entretanto, esta uniformização ajudou a prática a se massificar por vários países.

Dentre os fatores que contribuíram para o reconhecimento do Taekwondo enquanto prática de luta em níveis mundiais está a nomeação do mesmo como esporte nacional da Coreia do Sul, em 1973. Bem como podemos citar, a realização dos Jogos Olímpicos de Seul em 1988, quando o Taekwondo passou a constar no programa olímpico como esporte de apresentação. Porém, anteriormente aos Jogos Olímpicos de 1988, a instituição central do Taekwondo na Coreia do Sul, a *Kukkiwon*, já enviava mestres a muitos países com o intuito de difundir a prática, que atualmente conta com mais de 70 milhões de praticantes representantes de diferentes nacionalidades (FORREST; FORREST-BLINCOE, 2018).

É neste contexto de difusão do Taekwondo pelo mundo, que no ano de 1970 chegou ao Brasil o mestre⁵ coreano Sang Min Cho, para realizar o treinamento de contingentes militares. Logo após, vieram os mestres Kun Mo Bang e Sang In Kim e fundaram suas próprias escolas de Taekwondo no interior de São Paulo. Depois, outros coreanos chegaram ao país e se instalaram pelos estados brasileiros. Contudo, ainda antes da chegada dos referidos mestres, há indícios da presença de imigrantes coreanos no Brasil que, talvez, praticassem o Taekwondo no seu cotidiano (SANTOS, *et al.*, 2014), e também podem ter participado deste processo de difusão da prática pelo país.

O recorte temporal da pesquisa (BARROS, 2009) delimitou-se as décadas de 1970 e 1980. O marco inicial remete a versão atualmente aceita sobre a introdução do Taekwondo no Brasil, em razão da chegada do Mestre Sang Min Cho ao estado de São Paulo. Já o marco final, assinala a inclusão do Taekwondo como esporte de apresentação nos Jogos Olímpicos de Seul em 1988, momento em que o Taekwondo, por meio da mídia, alcançou projeção mundial, o que pode ter ajudado a consolidá-lo como prática de luta em vários países. Esse acontecimento, no final de década de 1980 contribuiu para que mais tarde a prática viesse a compor o quadro oficial de esportes nos Jogos Olímpicos de Sydney, realizados em 2000.

O período investigado a se apresentar nesta dissertação remonta uma época do Taekwondo no estado, onde a maior parte das versões históricas que se tem conhecimento vem sendo passadas de praticante para praticante de forma oral,

⁵“Mestre” - denominação simbólica legítima no interior do campo das artes marciais de elevado reconhecimento, que classifica hierarquicamente o agente específico que tem muitos anos de prática no campo” (PIMENTA; DRIGO, 2015, p. 167).

carecendo, até aqui, de uma sistematização, tanto metodológica como crítica. Assim, de posse dos pressupostos da História Cultural (CHARTIER, 1988; PESAVENTO, 2003; BURKE, 2005); e da construção do *corpus documental* (BARROS, 2009) formado a partir do tripé: indícios orais, textuais e iconográficos, este estudo busca responder o seu problema de pesquisa.

Este trabalho também teve a intenção de representar um “pontapé inicial” para futuros estudos sobre a história do Taekwondo e suas particularidades em solo sul-rio-grandense, frente à escassez de fontes e estudos sobre o tema. Visto que, na revisão bibliográfica empreendida foi observado que este pode ser um dos precursores, pois o tema vem sendo raramente trabalhado no meio acadêmico. Situação esta, que pode ser um reflexo das práticas de luta em geral, tal como sugere o estudo de Franchini e Vecchio (2011), após levantamento no diretório de grupos de pesquisa do CNPq, existiam apenas quatro grupos de pesquisa voltados diretamente ao estudo das práticas de luta no Brasil.

Cabe ainda ressaltar, que as publicações dos grupos citados concentram-se em sua maioria nas áreas das biodinâmicas, ou seja, pouco contemplam a perspectiva sociocultural. Os estudos socioculturais que versam sobre a introdução de práticas de lutas, sobretudo àquelas denominadas pela maioria dos autores como artes marciais, no Brasil e suas regiões, tem sido apresentados por meio de trabalhos com o Karatê (JUNIOR; OLIVEIRA, 2014; OLIVEIRA; JÚNIOR, 2017; FILHO; FILHO, 2017), Judô (NUNES; RÚBIO, 2012), Jiu-Jitsu e até mesmo o MMA/Luta livre (GARCIA; SILVA; VOTRE, 2016). Entretanto, quando nos referimos às práticas de luta de origem não japonesa como o Taekwondo, Hapkido, Muay Thai, e Kung-fu, os estudos se tornam muito escassos.

Quanto à estrutura, a presente dissertação de mestrado está organizada da seguinte forma. Após a INTRODUÇÃO, o capítulo 2 intitulado “QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO: leitura dos indícios de outro tempo”, está subdividido em três subcapítulos, denominados: “2.1 História Cultural”, no qual são apresentados os pressupostos teóricos que sustentam estudo; “2.2 Coleta e Interpretação dos Indícios”, são apresentados os caminhos de coleta dos indícios, assim como a forma como estes foram interpretados; e “2.3 Leituras históricas do Taekwondo: emergência e consolidação da prática”, trata de uma revisão sobre a história do Taekwondo a nível mundial, onde são apontadas três leituras sobre a emergência da

prática. A fim de aprofundar as interpretações presentes nos demais capítulos do estudo.

No capítulo 3, intitulado “O Taekwondo no Rio Grande do Sul a partir da cidade de Porto Alegre” é feita a exposição acerca da maneira como o Taekwondo chegou e se difundiu pelo estado por meio de apresentações partindo da cidade de Porto Alegre, nas iniciativas de Yung Man Kim. Trata também das relações e tensionamentos da prática com as demais no contexto porto-alegrense. Assim como, a emergência dos eventos competitivos.

No capítulo 4, intitulado “As Aulas de Taekwondo em Porto Alegre na década de 1970” é abordada a maneira como as aulas eram ministradas, a metodologia empregada, os materiais utilizados e o sistema de graduações dos praticantes. Além disso, as primeiras reorientações da prática após a chegada de Te Bo Lee.

Nas Considerações Finais são apresentadas as leituras possibilitadas pela consulta e interpretação das fontes históricas que privilegiamos, elucidando principalmente as formas como o imaginário acerca da prática do Taekwondo no Rio Grande do Sul se constituiu com relação ao recorte temporal empregado. Em seguida são listadas as “Referências” que serviram para a elaboração da pesquisa. Por fim, no “Apêndice”, consta o roteiro de entrevista utilizado nesta pesquisa, assim como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

2 QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO: leitura dos indícios de outro tempo

Neste capítulo são apresentados os pressupostos teórico-metodológicos que orientaram a presente dissertação. Inicialmente será apresentado o pano de fundo do trabalho, situando o mesmo no campo da História Cultural. Após, serão apresentados os passos metodológicos traçados para a busca e a interpretação das fontes. E por fim, são apresentadas as leituras históricas acerca da prática do Taekwondo a partir de seu desenvolvimento e difusão para várias regiões do mundo.

2.1 História Cultural

Para a realização desta dissertação foi desenvolvida uma pesquisa historiográfica, tendo como referencial teórico a perspectiva da História Cultural. Para Chartier (1988, p. 23): “A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. Já, para Pesavento (2003), a História Cultural tem como cerne interpretar o passado por meio das representações que a humanidade tem utilizado para se expressar ao longo de sua existência:

Em termos gerais, pode-se dizer que a proposta da História Cultural seria, pois, decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas pelas quais os homens expressaram a si próprios e ao mundo (PESAVENTO, 2003, p. 22).

A História Cultural tem trazido uma contribuição inestimável aos estudos da história do esporte entendendo-o como objeto cultural das sociedades (BARROS, 2011), se constituindo de uma importante aproximação dos historiadores com os antropólogos e sociólogos, para nesta união de esforços, melhor compreender as culturas. Para Burke (2005, p. 10) o redescobrimto da História Cultural aconteceu em 1970, e teve como antepassada a História Popular:

A história cultural não é uma descoberta ou invenção nova. Já era praticada na Alemanha com o nome (Kulturgeschichte) há mais de 200 anos. Antes disso havia histórias separadas da filosofia, pintura, literatura, química, linguagem e assim por diante. A partir de 1780, encontramos histórias da cultura humana ou de determinadas regiões ou nações.

Entretanto, cabe ressaltar a crise que os paradigmas explicativos da realidade sofreram no contexto da história dos anos 1970. Esta crise de paradigmas

colocou em crise conceitos da História. Os sistemas globais explicativos que colocavam certezas normativas pareciam não mais explicar a realidade, já que a conjuntura pós Segunda Guerra Mundial trouxe à tona novos grupos sociais que incitavam a novas questões e novos interesses de pesquisa.

As críticas se deram principalmente no sentido de que as respostas às investigações já estavam à espera dos modelos consolidados, anteriormente ao início da pesquisa. Neste ponto, duas matrizes com estas características foram repudiadas: o Marxismo e a corrente do Annales. A corrente marxista por suas análises predominantemente classistas e a escola dos Annales por praticar o que chamaram de uma “história reduzida”, representada por narrativas incapazes de explicar com profundidade os fenômenos (PESAVENTO, 2003, p. 7), os estudos pareciam ter se esvaziado teoricamente e reduzido seu poder explicativo.

Além disso, a crítica se voltava também para a premissa de que a história elegia, coletava e organizava seus dados, mas quem os interpretava eram as áreas da Antropologia, Ciências Sociais e Economia. Áreas que há tempos atrás eram suas auxiliares e, naquele momento, passaram a ter como auxiliares a História. Indo ao encontro do parágrafo anterior, a História parecia ter se esvaziado seu poder de explicação e teoria que embasavam suas análises.

Os modelos fechados de análise da realidade fizeram com que pensadores como Thompson procurassem novos referenciais de análise (PESAVENTO, 2003, p. 7). Ele foi importante ao criticar a posição positivista do método ao objetivar a operação empírica, além de introduzir outros métodos, temáticas e fontes a serem buscadas. Sendo o mesmo um grande expoente da história oral.

Tendo os modelos hegemônicos que davam base a história, entrado em colapso crítico, começa a emergir a História Cultural, que por sua vez deixa de lado as concepções marxistas, e a concepção de cultura como materialização de costumes superiores em detrimento do popular. Passando a colocar em prática o entendimento e concepção de culturas, por meio de modos diferentes de se conceber e operar no mundo. Assim, para Pesavento, esse novo olhar sobre a cultura “trata-se, antes de tudo, de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo” (PESAVENTO, 2003, p. 8).

A escola dos Annales deu abertura a este novo olhar da história quando passou a também se preocupar com os domínios do simbólico para além das

análises de classe, ou da economia, das gerações anteriores de sua corrente epistemológica. Assim, esta nova corrente que já ampliava o campo do historiador, avançou sobre os domínios culturais. Seus autores, ainda que não se denominassem como grupo, já demonstrava preocupações comuns. Para Pesavento esta concepção de cultura tem ainda outras nuances. Nesse caminho, a autora sugere:

A cultura é ainda uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentem de forma cifrada, portanto já um significado e uma apreciação valorativa (PESAVENTO, 2003, p. 8)

Compondo a esteira que se propõe a buscar do entendimento dos sentidos, uma importante noção para o entendimento das concepções de cultura emerge. A noção de representação. Esta passa a tomar forma inicialmente no campo da Antropologia: “Émile Durkheim, nos domínios da Etnologia e da Antropologia, conferiu destaque às representações, com suas pesquisas sobre os povos primitivos contemporâneos” (PESAVENTO, 2003, p.13). E a partir daí, toma força nos estudos que objetivavam compreender as culturas.

Este conceito chave, inserido nas Ciências Sociais, fez o olhar se voltar à cultura na década de 1980 ao dar importância às instâncias de solidificação mental da realidade “produtor de coesão social e de legitimidade a uma nova ordem instituída, por meio de idéias, imagens e práticas dotadas de significados que os homens elaboravam para si” (PESAVENTO, 2003, p. 13), ou seja, uma dimensão simbólica que mostra muito mais do que os registros formais. Assim, o historiador passou a aguçar o olhar para silenciamentos que a história hegemônica pouco trabalhava, mirando entre outras inovações a análise e compreensão de objetos como ritos, crenças, hábitos. O que levou o historiador a se voltar para novas fontes como “jornais, processos criminais, registros policiais, festas, etc.” (PESAVENTO, 2003, p. 16)

Deste modo, a História Cultural se solidificou como uma nova linha historiográfica, sendo portadora de novos objetos e novas formas de olhar as fontes e indícios. Assim como, novas formas de fontes foram tomadas para busca de traçados e indícios de outros tempos, alargando as temáticas de investigação para além dos conflitos entre classes ou a linearidade contínua dos antigos estudos históricos: “Essa espécie de giro teórico opera como uma espécie de *novos óculos*

para enxergar a realidade, a partir de um corpo articulado de conceitos que passam a explicar o mundo de outra forma” (PESAVENTO, 2003, p. 32)

Neste contexto de História Cultural, Barros (2011) explica as noções de “práticas” e “representações”. As “representações” são explicadas sinteticamente pelo mesmo como os “modos de ver” de indivíduos envolvidos em determinado contexto. As representações são geradoras de condutas sociais. Delas emergirão práticas, e por sua vez novas representações. São as representações que dão sentido e coerência à vida dos indivíduos, é a partir delas que eles dão razão e operam no mundo. Para Pesavento (2003, p. 21):

As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade.

Elas são evocadas a partir de nossas construções e percepções do mundo, a partir das mais diversas formas de presença e ausência: “A substituição, que recoloca uma ausência e torna possível uma presença” (PESAVENTO, 2003, p. 21). De onde organizamos processos de identificação, exclusão, legitimidade. Sendo elas, não uma cópia exata do real, mas do que é construído a partir das percepções que cada indivíduo ou grupo social concebe no mundo onde vive. Para Chartier (2007, p. 51): “As representações não são simples imagens, verdadeiras ou falsas, de uma realidade que lhes seria externa; elas possuem uma energia própria que leva a crer que o mundo ou o passado é, efetivamente, o que dizem que é”.

Estas representações em conjunto são entendidas como imaginário. O imaginário é uma noção essencial ao tentar se pesquisar o “ter sido”. Esta noção insere o pensamento ao reconstruir o passado em um sistema de significados de onde o pesquisador traça as suas escolhas e caminhos investigativos. Para Pesavento (2003, p. 23): “Entende-se por imaginário um sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo”.

Foi com a emergência da História Cultural que a noção de imaginário passa a ser considerada percepção chave, à medida que é um enlace das mais diversas representações do tempo que nos propomos a ler, tentando resgatar, ainda que saibamos ser impossível alcançar, os regimes de verdade em formas de leituras de outros tempos vividos:

É, verdadeiramente, com o advento da História Cultural que o imaginário se torna conceito central para análise da realidade, a traduzir a experiência do vivido e do não vivido, ou seja, do suposto do desconhecido, do desejado, do temido, do intuído. (PESAVENTO, 2003, p. 27)

Entretanto, ainda como pano de fundo às representações e o imaginário que até então foram apresentados, se coloca a noção de sensibilidade. Esta noção permeia os conjuntos de representações, conferindo a elas uma espécie de núcleo primário do modo humano de operar no mundo. Para Pesavento (2003, p. 32): “As sensibilidades corresponderiam a este núcleo primário de percepção e tradução da experiência humana do mundo”. A elas são executadas as percepções anteriores ao raciocínio, sendo observadas nas sensações, nas emoções, e principalmente na subjetividade.

Elas são complementares a noção de imaginário, uma vez que dão cor aos indícios presentes das representações constituintes do mesmo. E, aproximam os supostos acontecidos a realidade vivida pelas pessoas, incitando uma leitura mais próxima e humana dos indícios dos tempos passados no presente: “As sensibilidades seriam, pois, as formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber, comparecendo como reduto de tradução da realidade por meio das emoções e dos sentidos” (PESAVENTO, 2003, p. 33). Possibilitam também, o aguçar de olhares para os detalhes da vida dos agentes envolvidos na história, atentando para as formas de ocultação ou exteriorização de sentimentos.

A análise das representações de forma isolada torna-se um tanto superficial, se não tomarmos conhecimento de algumas outras noções que permeiam e dão sentido a elas no mundo simbólico. Compreendendo as sensibilidades como pano de fundo ao imaginário, que por sua vez constitui-se de um conjunto de representação de determinado tempo, apresentamos a seguir a noção que materializa estes conjuntos de representações. Para Barros (2011), a força motriz que materializa as representações é denominada “prática”. Essa noção se solidifica à medida que a História Cultural passa a olhar, por exemplo, a história das práticas de leitura em substituição à história do livro. Ainda sobre a relação entre História Cultural e História do Esporte, Burke (2005, p. 53) discorre acerca de a História Cultural ter papel fundamental na transformação da História do Esporte via noção de práticas:

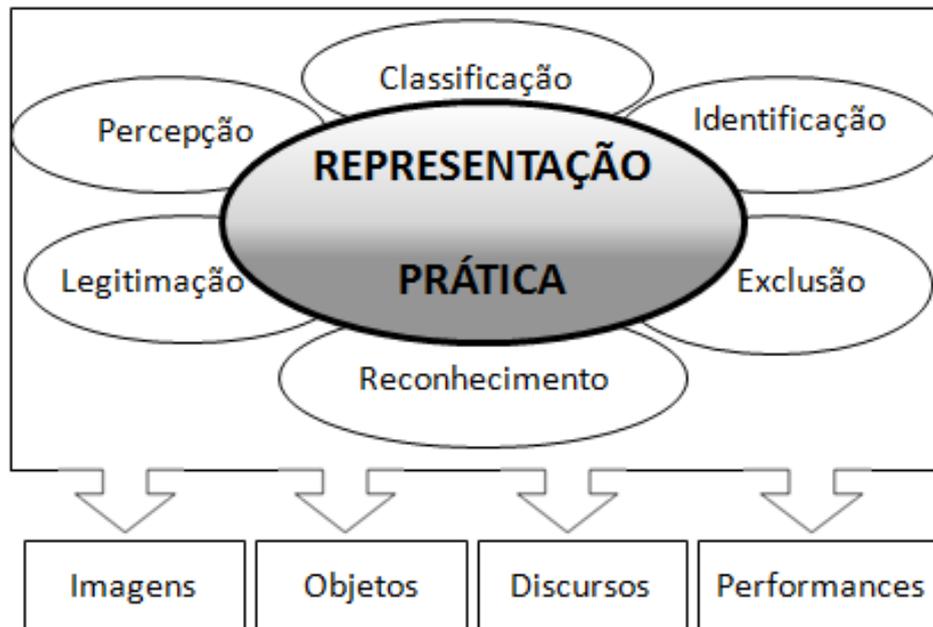
“Práticas” é um dos paradigmas da NHC⁶: a história das práticas religiosas e não da teologia, a história da fala e não da linguística, a história do experimento e não da teoria científica. Graças a essa virada em direção às práticas, a história do esporte, que antes era tema de amadores, tornou-se profissionalizada, um campo com suas próprias revistas, como *International Journal for the History of Sport*.

Esta noção também alicerça, no caso deste estudo, a maneira como são representadas as manifestações das lutas como conceito, em detrimento de, por exemplo, Artes Marciais, como normalmente se alcunham os sistemas de técnicas e filosofia das lutas. Ou seja, práticas dotadas de sentido, geradoras e geradas a partir de representações que dão a ler seus indícios no tempo passado circunscritos no recorte temporal proposto pelo estudo. As práticas influenciam e são influenciadas pelas representações. Vivem em pólos próximos se retroalimentando. De maneira que uma representação pode gerar uma prática, assim como, com o surgimento desta, emergirão novas representações. E assim, para este quase “In-Yang” de concepção e operação da realidade percebida, as atenções deste estudo estão voltadas. Elas mudam a partir do grupo em que as pessoas estão inseridas, tanto nas “práticas”, como nas formas de “representação” sobre si e de outros grupos.

O esquema a seguir não pretende engessar a forma como se dão os estudos em História Cultural, mas propiciar uma possibilidade de visualização mais sucinta e geral, ainda que superficial, de como de forma não estruturalizada se organiza o pensamento neste estudo. Que por sua vez se encontra na ampla gama de possibilidades que a História Cultural oferece (CHARTIER, 1988).

⁶ Nova História Cultural (BURKE, 2005).

Imagem 1: Esquema representativo das noções de Prática e Representação em História Cultural



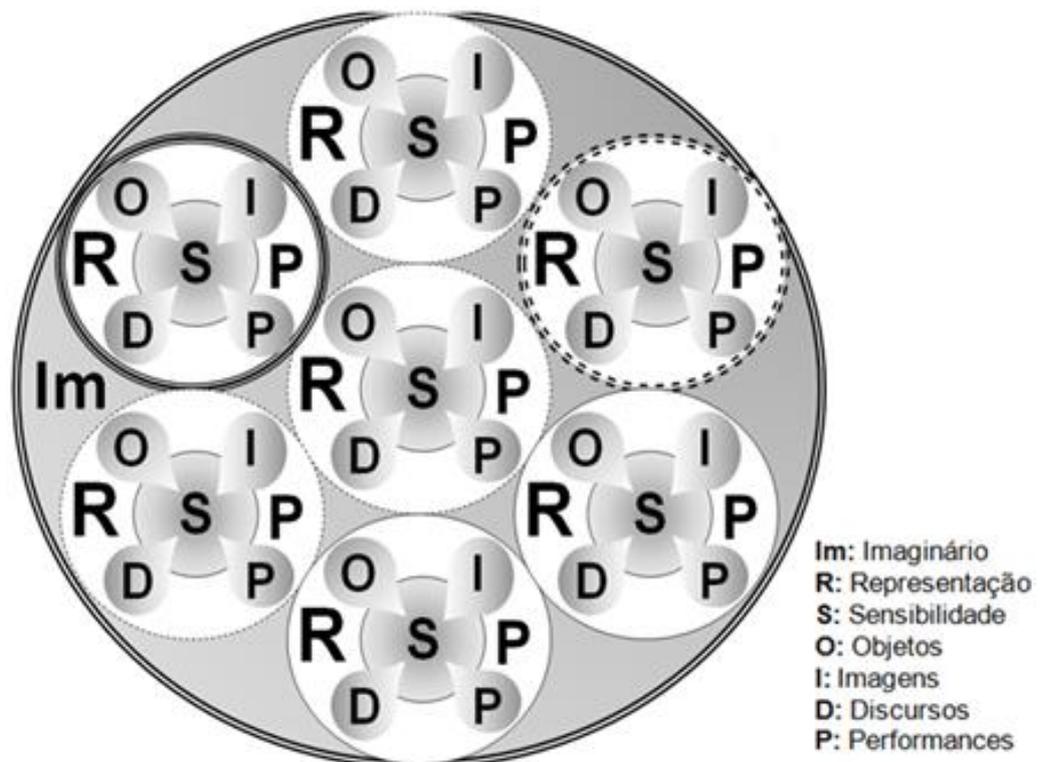
Fonte: Autoral

Este modelo foi norte para as análises deste estudo, já que se buscou compreender práticas e representações e seus fatores de classificação, identificação, percepção, legitimação, exclusão e reconhecimento, a partir de imagens, objetos, discursos e performances (PESAVENTO, 2003). Estes últimos presentes nos indícios analisados, representam vestígios em documentos textuais, orais e iconográficos. No modelo apresentado podemos ver a ação conjunta, indissociável e retroalimentável das noções de práticas e representações. Além disso, também, as particularidades geradas a partir da análise desta díade por sobre os indícios.

Estas particularidades são observadas nas quatro materializações de práticas e representações dispostas abaixo do quadro principal. Assim, é possível que se compreenda a análise das práticas e representações por meio de imagens como fotografias, desenhos, esquemas e distintivos. Por objetos como bandeiras, materiais de aula, ferramentas e armas. Nos discursos disponíveis em matérias de jornais, revistas, e nas falas de entrevistados. Assim como nas performances de movimentos, lutas, e como eu vulgarmente diria “no jeito como se faz a coisa”, estas, também, presentes nas outras materializações das práticas e representações.

Desta maneira, apresento o esquema abaixo visando elucidar essa ampla gama de noções descritas e debatidas nos parágrafos acima. Nele, as principais noções tomadas para a realização desta dissertação estão organizadas de modo a podermos visualizar desde o núcleo primário da percepção do operar no mundo concebido como sensibilidades (S), passando pelas práticas (P) e representações (R) passíveis de compreensão a partir das materializações em objetos (O), imagens (I), discursos (D) e nas performances (P). Estes todos organizados conferem solidez simbólica ao imaginário.

Imagem 2: Esquema História Cultural



Fonte: Autoral

Cabe ressaltar, que o imaginário estudado e todas as suas noções constituintes, são passíveis de diferentes interpretações. A partir do tempo em que se busca investigar o objeto de estudo eleito, podemos ser capazes de fazer novas análises, novas ligações, e até mesmo buscar novas fontes complementares. Desta forma, cada uma destas interpretações são leituras. Assim, cada estudo pode ser chamado de leitura do tempo, pois apesar de termos o compromisso de nos aproximarmos com o real acontecido, esta presentificação do passado é passível de novas leituras. Corroborando com o enunciado, Pesavento (2003, p. 19) aponta: “Mas no campo da História Cultural, o historiador sabe que a sua narrativa pode

relatar o que ocorreu um dia, mas que esse mesmo fato pode ser objeto de múltiplas versões”.

A escrita, entendida como uma leitura do tempo se baseia, a partir dos indícios das fontes, em regimes de verdade. Estes são caracterizados não como verdades absolutas, mas como um conjunto de lógicas que tem por base as informações que neste tempo dão possibilidade de se ler o passado desde o presente (PESAVENTO, 2003). Porém, sempre em estado de suspeição, de crítica aos indícios, e ciente de que fatos novos podem reconfigurar a leitura feita na escrita que se está produzindo.

Com isso, emerge um estado de dúvida e de suspeita, de interrogação. Os argumentos de hoje passam a ser entendidos como passíveis de novas leituras, novas versões. Assim como várias versões, particulares a cada olhar. Neste contexto, uma possibilidade importante da História Cultural, é a de diálogo com outras áreas do conhecimento, tais como a sociologia e antropologia. Esta interdisciplinaridade auxilia no aprofundamento das investigações e aproxima o pesquisador ao seu objeto de pesquisa, e por que não, ressignifica antigos conceitos já considerados como dados. Como sugere Burke (2005, p. 47):

A razão para discutirmos aqui os teóricos não é convencer os leitores a aceitarem suas ideias e simplesmente aplicá-las ao passado, mas encorajá-los a testar as teorias e, ao fazê-lo, investigar novos temas históricos ou reconceitualizar antigos.

Outro pressuposto importante ao presente estudo é o Paradigma Indiciário de Carlo Ginzburg (1989). Este autor italiano, conhecido por fazer parte de uma corrente histórica mais vinculada à Micro História, fornece importante forma de pensar ao pesquisador histórico, já que confere a ele um novo patamar, que podemos chamar de investigador, ou detetive. Este contributo é conferido aos historiadores na medida que os mesmos tem de realizar suas pesquisas atentando aos pequenos detalhes das fontes, e na maneira como estes detalhes podem se concretizar em importantes significações em torno ao objeto estudado. Para Burke (BURKE, 2005, p. 41).

A década de 1970 testemunhou a ascensão, ou pelo menos a definição, de um novo gênero histórico, a “micro-história”, associado a um pequeno grupo de historiadores italianos, como Carlo Ginzburg, Giovanni Levi e Edoardo Grendi.

O historiador chega a este importante contributo rememorando o trabalho de Morelli. Este que diante de um problema em atribuir aos pintores renomados a autoria de quadros prejudicados pelo tempo, atentou aos padrões de pintura de

partes do corpo, em especial a orelha para identificar os autores de quadros a óleo. Ginzburg (1989, p. 144) explica:

Para tanto, porém (dizia Morelli), é preciso não se basear, como normalmente se faz, em características mais vistosas, portanto mais facilmente imitáveis, dos quadros: os olhos erguidos para o céu dos personagens de Perugino, o sorriso dos de Leonardo, e assim por diante. Pelo contrário, é necessário examinar os pormenores mais negligenciáveis, e menos influenciados pelas características da escola a que o pintor pertencia: os lóbulos das orelhas, as unhas, as formas dos dedos das mãos e dos pés.

Essa aproximação do historiador investigador é ainda representada por Ginzburg pelos contos do detetive Sherlock Holmes, onde o personagem resolve complicadíssimos casos criminais a partir de pequenos indícios. E, também, nas interpretações de sonhos de Freud, onde os detalhes são dotados de significados importantes à compreensão. Nos dois casos é dada importante atenção aos detalhes, assim, tanto Holmes quanto Freud, resolviam seus casos mais difíceis mesmo frente à escassez de fontes de investigação:

Essa comparação brilhantemente desenvolvida por Catelnuovo, que aproximou o método indiciário de Morelli ao que era atribuído, quase nos mesmo anos, a Sherlock Holmes pelo seu criador, Arthur Conan Doyle. O conhecedor de arte é comparável ao detetive que descobre o autor do crime (do quadro) baseado em indícios imperceptíveis pela maioria (GINZBURG, 1989, p. 145).

Para Pesavento, esta posição de detetive que presume a ação do historiador na atenção aos detalhes, é também treinar o olhar aos vestígios circundantes. E na junção destas percepções ir além do que as pessoas com olhares menos treinados observariam e deduziriam um fato do passado. Neste sentido cabe também salientar a montagem da dedução a partir das mais diversas fontes, originando, na medida do possível, interpretações “3D” dos objetos investigados. Com relação ao aspecto de historiador detetive Pesavento (2003, p. 37) completa:

Ir além daquilo que é dito, ver além daquilo que é mostrado é a regra de ação desse *historiador detetive*, que deve exercitar o seu olhar para os traços secundários, para os detalhes, para os elementos que, sob um olhar menos arguto e perspicaz, passariam despercebidos.

O pano de fundo do estudo, apresentado até aqui, foi operacionalizado a partir dos aportes presentes no próximo subcapítulo “Coleta e Interpretação de Indícios”.

2.2 Coleta e Interpretação de Indícios

A presente dissertação possui uma abordagem qualitativa e se caracteriza como uma investigação no âmbito da História do Esporte. Os indícios foram coletados por meio de distintos procedimentos e formaram o *corpus documental* do

estudo (BARROS, 2009). A construção do *corpus documental* se deu a partir da coleta de indícios textuais, indícios iconográficos e indícios orais. A escolha deste caminho se propôs à medida que, quando de posse dos indícios, foi possível fazer cruzamentos entre os mesmos, e desta forma se permitiram possibilidades de leituras do contexto do Taekwondo em Porto Alegre, nas décadas de 1970 e 1980. Nos tópicos a seguir será explicado como se deu a captação, organização, e análise de cada um dos conjuntos de indícios que compuseram o *corpus documental*. Na sequência tratamos de cada processo de coleta de informações: a) Indícios Textuais; b) Indícios Iconográficos; c) Indícios Oraís.

a) Indícios Textuais: o Taekwondo em Caracteres

Os indícios textuais foram obtidos através de reportagens de jornais presentes no site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional⁷ onde foram feitas buscas com os termos “taekwon-do”; “tae kwon-do”; “tae kwon do”; “tae-kwon-do”; “taekwondo”; “Yung Man Kim” e “Young Man Kim”. E registros como um todo das academias das décadas de 1970 e 1980, que continham material referente à prática do Taekwondo no estado do Rio Grande do Sul, cedidas pelos participantes entrevistados na pesquisa. Estes indícios foram fichados seguindo as sugestões de Bacellar (2005), que reforça a importância de um bom fichamento, pois além de auxiliar na melhor compreensão do objeto de pesquisa, confere ao mesmo maiores possibilidades de significação das informações.

Os pressupostos de Bacellar atuaram como suporte em um primeiro nível de análise dos indícios textuais, na medida em que contribuíram com questões importantes acerca da compreensão dos materiais coletados. Para o mesmo, em estudos cujo *corpus documental* é composto, entre outros indícios, pelos Indícios Textuais, é fundamental que alguns cuidados sejam tomados. Bacellar (2005) salienta alguns deles, a fim de auxiliar em uma rica análise dos documentos estudados.

De maneira geral, o contexto é uma das noções mais importantes ao pesquisador de história, haja vista a necessidade da tão sensível compreensão de contextos passados, em sociedades com outras maneiras de pensar e agir. Assim como “entender o texto no contexto de sua época, e isso diz respeito também, ao significado das palavras e das expressões” (BACELLAR, p. 63, 2005). Neste caso,

⁷ <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

muito caras a esta dissertação, já que muitos dos discursos e representações relacionadas à prática se dão no idioma coreano.

Coube a mim também, investigar e buscar compreender determinadas palavras e expressões, já que as mesmas guardam diferentes significados de acordo com o contexto histórico onde se inserem, assim como a sensibilidade com que aquela cultura particular recebia e articulava estas palavras e expressões, sendo que estas “devem ser entendidas em sua particularidade” (BACELLAR, p. 69, 2005). Como alguns antigos nomes de técnicas já em desuso e encontradas nas fontes.

Os indícios textuais necessitaram, também, de cuidados no que tange a forma como se apresentam determinadas informações veladas e imprecisões encontradas nas mesmas: “entender as fontes em seus contextos, perceber que algumas imprecisões demonstram os interesses de quem as escreveu” (BACELLAR, p. 64, 2005). Essa observação se fez presente na medida em que determinados silenciamentos não estão livres da personalidade de seu autor, no seu interesse pessoal em errar propositalmente um registro, ou na inserção de determinada terminologia que pode indicar determinadas ideologias, cabíveis de análise por parte do pesquisador, que nesse ponto reforça o seu papel de investigador. No mesmo sentido, coube interpretar e “discutir os critérios possivelmente adotados por quem a produziu” (BACELLAR, p. 66, 2005), seu impulso pessoal e a quem foi destinada aquela construção textual.

De maneira geral, o uso de indícios textuais exigiu afinada atenção aos detalhes dos documentos, fazendo relações entre eles e outros, conforme Bacellar (2005, p. 71): “cotejar informações, justapor documentos, relacionar texto e contexto, estabelecer constantes, identificar mudanças e permanências”, não esquecendo também de fazer a suas relações com outras fontes. No caso deste estudo foi feito entre indícios orais e iconográficos, o que veremos nas próximas duas seções da construção do *corpus documental*.

As questões acima descritas ainda foram suplementadas por sugestões práticas de Luca (2005, p. 142), que trata mais especificamente sobre revistas e jornais, posto que nesta dissertação, os indícios textuais se constituem, em grande maioria, de indícios textuais impressos. Este mesmo autor coloca que, na medida do possível deve-se “encontrar as fontes e constituir uma longa e representativa série”

(LUCA, 2005, p. 142), a fim de construir fios condutores que protejam a compreensão destas fontes de forma isolada, evitando assim más significações.

Coube também reparar nas matérias das revistas ou jornais como um todo e “atentar para as características de ordem material que pudessem alicerçar reflexões (periodicidade, impressão; papel, uso/ausência de iconografia e de publicidade)” (LUCA, 2005, p. 142). Assim como foi necessário “assenhorar-se da forma de organização interna do conteúdo” (LUCA, 2005, p. 142). Levar em conta a presença de indícios iconográficos, e as funções pretendidas com a sua presença: “caracterizar o material iconográfico presente, atentando para as opções estéticas e funções cumpridas por ele na publicação” (LUCA, 2005, p. 142).

Cabe aqui destacar, que foi necessário também despender maior atenção para quem foi responsável pela publicação da matéria: “caracterizar o grupo responsável pela publicação” (LUCA, 2005, p. 142). Estes grupos invariavelmente tenderão a determinados modos de pensar e agir, por isso, destaca-se a importância de notar e “identificar os principais colaboradores” (LUCA, 2005, p. 142). Esta atenção também lançou reflexões no que tange à identificação do grupo ao qual a matéria era destinada e como havia sido financiada, já que estes fatores levam a mudar a maneira como viremos a compreender suas práticas e representações, tal como as tendências em exaltar determinados acontecimentos e pessoas, assim como silenciá-los.

Por último, e não menos importante, destaca-se a análise do material relacionado à temática eleita para o estudo, o que de certa maneira já foi descrito com as sugestões de análise de Bacellar (2005), no início deste capítulo, atinentes ao contexto geral do tema do estudo e suas particularidades culturais. A seguir serão indicados os caminhos tomados na coleta e interpretação dos Índicos Iconográficos.

b) Índicos Iconográficos: o Taekwondo em Imagens

Os índices iconográficos do presente estudo caracterizam-se por fotografias em modo físico e digital, relativas à prática de Taekwondo, que remontam o recorte histórico determinado para esta dissertação (décadas de 1970 e 1980). As mesmas foram buscadas junto a praticantes e ex-praticantes, assim como coletadas em plataformas passíveis de consulta, tais como a *internet*. Esta escolha metodológica

teve por objetivo buscar ainda mais pistas para a compreensão do contexto da prática do Taekwondo no Rio grande do Sul e suas particularidades.

O uso das fotografias nesta conjuntura foi imprescindível à medida que os indícios textuais acerca da prática do Taekwondo, nas décadas de 1970 e 1980 são raros, e sozinhos não se tornaram capazes de elucidar os acontecimentos alusivos a esta pesquisa. Desta maneira, em consonância com Burke (2004, p. 233) os indícios iconográficos:

Oferecem aspectos do passado que outras fontes não alcançam. Seu testemunho é particularmente valioso em casos em que os textos disponíveis são poucos e ralos, o caso da economia informal, por exemplo, ou do ponto de vista das de baixo, ou as mudanças na sensibilidade.

O uso de fotografias como indícios em estudos históricos não é recente, porém seu uso apenas cumpria apenas papel ilustrativo, visando principalmente resgatar paisagens e arquiteturas já inexistentes em antigas cidades. Seu valor era complementar aos indícios textuais, necessitando ser legitimada pelas mesmas, conforme mencionam Lima e Carvalho (2012, p. 48):

O valor de prova ou testemunho da fotografia, quando lastreada pelas fontes textuais, servia como documento complementar para a construção de narrativas de cunho positivista, baseada no encadeamento factual biográfico.

Todavia nos anos 1980, a fotografia se constituiu como força representacional na produção de sentidos, conquistando assim, um novo nível de importância documental. Tornou-se então importante ferramenta de investigação historiográfica, desde que guiada pela problemática histórica do estudo.

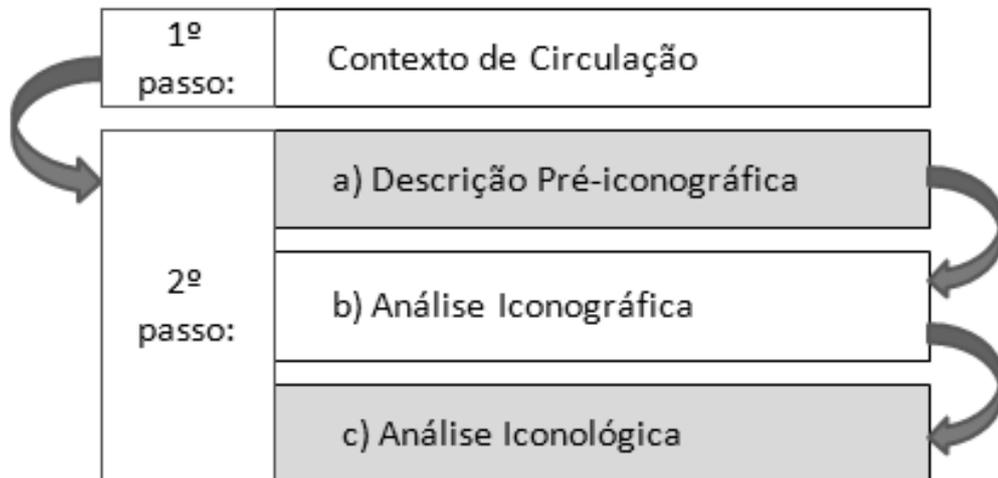
Foram realizadas, neste estudo, duas etapas na análise iconográfica, em consonância com Burke (2004). Na primeira delas foram levados em conta os contextos de circulação, bem como, coube o cuidado com o objetivo da realização das imagens, ou seja, qual propósito a originou, e por qual motivo foi posta em circulação, além de se fazer importante a análise do veículo na qual se tornou pública. Para Burke (2004, p. 236):

O testemunho das imagens necessita ser colocado no “contexto, ou melhor, em uma série de contextos no plural (cultural, político, material, e assim por diante), incluindo as convenções artísticas para representar as crianças (por exemplo) em um determinado lugar e tempo, bem como os interesses do artista e do patrocinador original ou do cliente, e a pretendida função da imagem

Assim, foi escrito um pequeno texto fazendo considerações acerca dos pontos colocados no parágrafo anterior. A partir destas interpretações de contexto foi possível avançar para o próximo passo de análise e seus níveis analíticos, a ler-se:

a. Descrição pré-iconográfica (gramatical); b. Análise iconográfica (histórica); c. Análise iconológica (cultural). A imagem abaixo ilustra a operação realizada com os Índícios Iconográficos, seus passos e níveis analíticos.

Imagem 3: Etapas da Análise das imagens



Fonte: Autoral

No primeiro nível do segundo passo de análise: a. Descrição Pré-iconográfica. As fotografias foram submetidas a uma descrição onde foram detalhados os locais, todas as estruturas, objetos, e as pessoas presentes na mesma, assim como as vestimentas que estas vestiam. Abaixo um exemplo de análise no passo de Descrição Pré-iconográfica realizada na Imagem 11: Momento da vitória.

LOCAL/ESTRUTURA	Piso em tabuão. Parede à esquerda com 5 janelas/portas. Na frente da primeira janela a estrutura presente nas imagens anteriores. Ao fundo, parede à esquerda, à direita e ao centro porta/janela, ao lado escada para um mesanino. À direita parede com divisórias em madeira, logo ao lado grande janela/vitral. Quatro pilares na sala, um à frente; outros dois alinhados entre o fundo e o meio da foto suportando outra estrutura que cruza a sala, logo abaixo desta outra madeira que vai de um pilar para o outro; e outro terceiro ao fundo. Bem à frente existem duas linhas no chão.
OBJETOS SOLTOS	Na parede da esquerda, entre a primeira e segunda porta/janela que aparecem, um informativo. Bem ao centro um saco de pancadas pendurado. Na parede do fundo e acima um relógio
PESSOAS, VESTIMENTA, MATERIAL, AÇÃO.	Ao centro Yung Man Kim veste roupa social com sapato, ele está levantando o braço do praticante à direita dele. Ao centro, mais à esquerda, um homem vestindo dobok, usa protetor de tórax, aparentemente sem protetores de antebraço, canela, cabeça ou genital; ele está com o braço esquerdo levantado por Yung Man Kim. Ao centro e à direita, homem vestido de dobok, usando protetor de tórax, aparentemente sem protetores de antebraço,

	canela, cabeça ou genital. À esquerda sete pessoas sentadas no chão vestindo dobok, a quarta delas vestindo protetor de tórax, sem capacete. Ao fundo e à direita pessoas vestindo roupa social, sentadas em cadeiras.
--	---

No segundo nível: b. Análise Iconográfica. Foram elencadas as funções dos itens detalhados no primeiro nível. Assim como a função da ação que as pessoas estavam performando, além da função de suas vestimentas.

No terceiro nível: c. Análise Iconológica. Os itens e suas funções, tal como as pessoas e suas performances, resultantes da análise no nível anterior, foram interpretados de acordo com a lógica da constante da imagem, e a correspondências entre os itens da mesma. E a partir daí postas em análise com as demais fontes. Assim, levando em consideração o quadro e o passo anterior, por exemplo: Em uma competição realizada no interior de uma academia, o lutador à esquerda tem seu braço levantado, sendo por este gesto, determinado pelo árbitro como o vencedor da luta. O Evento tem boa participação de público, o que evidencia a sua importância.

Os dois passos citados acima, adaptados a partir das particularidades da prática do Taekwondo, levaram em conta também as sínteses de problemas de interpretação apresentadas por Peter Burke no capítulo de “A História Cultural das Imagens” no livro Testemunha Ocular (2004, p. 236). Estas sínteses, conforme coloca o autor, visam abrir horizontes no uso destes tão ricos indícios que ainda não são amplamente aceitos e utilizados pelos historiadores. Assim, Burke (2004, p. 236) afirma:

Apesar dos contrastes, tanto nas técnicas analíticas como no propósito de diferentes historiadores, alguns poucos aspectos gerais emergiram da análise de exemplos específicos em capítulos anteriores, e com a devida cautela poderiam ser apresentados aqui, não como princípios universais, mas simplesmente como uma síntese dos problemas de interpretação que regulamente reaparecem em diferentes contextos.

Estas sínteses foram utilizadas para a análise das imagens em auxílio aos dois passos de análise, para que fossem compreendidos alguns dos pontos importantes, ainda que não universais, da análise que foi feita nas fontes iconográficas organizadas para este estudo. Tendo em vista a importância que tiveram ao apresentar elementos para a compreensão das imagens. Para Burke é importante levar-se em conta a visão masculina das mulheres, a imposição da classe social, assim como as tendências opostas encontradas em fotografias e imagens:

As imagens dão acesso não ao mundo social diretamente, mas sim a visões contemporâneas daquele mundo, a visão masculina das mulheres, a da classe média sobre os camponeses, a visão dos civis da guerra, e assim por diante. Os historiadores não podem dar-se ao luxo de esquecer as tendências opostas dos produtores de imagens para idealizar e satirizar o mundo que o representam. Eles são confrontados com o problema de distinguir entre representações do típico e imagens do excêntrico (BURKE, 2004, p. 236).

É importante também que seja interpretada uma série de fotos, para que sejam observadas várias as nuances das mesmas, afinal, desta forma pode-se captar mais particularidades dos contextos investigados pelo pesquisador. Para realização deste estudo foram analisadas 36 fotografias dos acervos de Medeiros, Carvalho. Dentre as quais várias faziam parte de uma sequência de fotos. Para Burke (2004, p. 236):

Uma série de imagens oferece testemunho mais confiável do que imagens individuais, seja quando os historiador focaliza todas as imagens ainda existentes que os espectadores poderiam ter visto em lugares e épocas específicas (na expressão de Zanker, “a totalidade de imagens que um contemporâneo poderia ter experimentado”), seja quando observa as mudanças nas imagens do purgatório (por exemplo) ao longo do tempo. O que os franceses chama “história serial” vem a ser extremamente útil em determinadas ocasiões.

Além disso, para a análise iconográfica dos indícios usados neste estudo foi tomada muita atenção e cuidado. Os detalhes e pormenores em dados momentos pareciam pouco passíveis de análise, mas se apresentaram como chave no estudo após os passos de análise empregados. Assim, a posterior confrontação com os demais indícios desvelou importantes pistas, as quais a documentação e os indícios orais não iluminaram. Para Burke estas entrelinhas são muito importantes:

No caso de imagens, como no caso de textos, o historiador necessita ler nas entrelinhas, observando os detalhes pequenos, mas significativos – incluindo ausências significativas – usando-os com pistas para informações que os produtores de imagens não sabiam que eles sabiam, ou para suposições que eles não estavam conscientes de possuir. A identificação de Morelli dos autores de pinturas específicas pelo estudo das formas das orelhas ou mãos pintadas (Capítulo 1) tem importantes implicações para historiadores. (2004, p. 236)

O passo seguinte consistiu em eleger os primeiros participantes das entrevistas para a reunião das fontes orais. Estes participantes puderam contribuir, a partir de seus relatos, para a compreensão do contexto do Taekwondo nas décadas de 1970 e 1980, assim como os meandros da prática quando de sua possível chegada ao estado. O que será tratado na próxima seção: indícios Orais: o Taekwondo em Vozes.

c) Indícios Orais: o Taekwondo em Vozes

Os indícios orais foram coletados por meio da gravação e transcrição de entrevistas semiestruturadas, com três dos primeiros praticantes de Taekwondo do estado que foram faixas-pretas formados pelo mestre Yung Man Kim, no tempo compreendido no recorte histórico do estudo (1970-1980). Foram tomados os seguintes passos para a coleta e interpretação dos Indícios Oraís deste estudo, a serem explicados mais pormenorizados ao longo da seção: Formulação do roteiro de entrevista; mapeamento dos possíveis participantes; contato inicial; agendamento das entrevistas; realização das entrevistas; transcrição das entrevistas; interpretação e confrontação com os demais indícios.

Neste estudo, os indícios orais foram encarados como método onde são complementadas pelos demais indícios. Para Meihy (2000, p. 44): “O diálogo promovido pelo uso de diferentes fontes quase sempre se vale da história oral como forma de complemento de afirmações conseguidas a partir de vários recursos”. Desta forma foram anexadas à discussão documental e historiográfica ao longo da construção narrativa.

A escolha pelos Indícios orais se deu em função da escassez dos demais indícios e publicações sobre o Taekwondo no estado do Rio Grande do Sul. Os entrevistados foram praticantes, ou ex-praticantes de Taekwondo que foram alunos de Yung Man Kim, nas décadas de 1970 e 1980. Esta escolha se deve à tentativa de reconstruir o contexto da prática não somente com aqueles que alcançaram a faixa preta, mas também de outros personagens que foram agentes na prática (THOMPSON, 1992).

Cabe ressaltar, a validade do uso de indícios orais, como documento de igual valor frente aos indícios impressos e textuais. Estes também são carregadas de subjetividade e necessitam de vários cuidados, assim como o já explicitado na seção de fontes textuais. Para Meihy (2000, p. 47): “A objetividade reclamada da história oral é a mesma que deve ser cobrada de qualquer outro documento escrito, pois limitações idênticas permeiam a produção de documentos oficiais”.

As entrevistas tiveram formato semiestruturado e constam no apêndice A e B, correspondendo a homens e mulheres, respectivamente. O roteiro foi elaborado pensando em conseguir o máximo de indícios que pudessem auxiliar na compreensão dos significados inerentes a prática do Taekwondo naquele contexto de pioneirismo (ALBERTI, 2005). Este roteiro semiestruturado buscou traçar uma lógica na entrevista de maneira que se apresentassem indícios do objeto de estudo,

de forma fluída e de maneira a se apresentar quase como uma conversa. Thompson (1992, p. 254), sugere este tipo de procedimento a medida que pode produzir melhores resultados à busca de indícios:

Porém, há muitos estilos diferentes de entrevista, que vão desde a que se faz sob a forma de conversa amigável e informal até o estilo mais formal e controlado de perguntar, e o bom entrevistador acaba por desenvolver uma variedade do método que para ele produz os melhores resultados e se harmoniza com a sua personalidade.

Inicialmente foram mapeados na rede social *facebook* na imagem 4, as pessoas que se tinha conhecimento de terem treinado Taekwondo no estado em seu contexto inicial, na quantidade de oito. A partir daí, foi feito o contato, principalmente pelo chat do *facebook* (*Messenger*), solicitado o número de telefone e explicado o tipo de pesquisa que se desejava fazer. Inicialmente, algumas pessoas se propuseram a dar seus testemunhos. Assim como, a partir deste contato inicial foram indicados mais quatro possíveis participantes.

Porém, à medida que foi retomado o contato para o agendamento da entrevista, muitos destes possíveis participantes mapeados não mais retornaram. Desta forma, dos 12 participantes inicialmente apontados para a realização deste estudo, três concederam entrevista. Foram ainda recebidos, após o encerramento do período hábil para a realização das entrevistas, o contato positivo de mais dois participantes. Entretanto, não seria possível serem realizadas todas as etapas da entrevista, a contar sua transcrição análise e escrita junto às demais fontes.

Os praticantes entrevistados autorizaram a inserção de seus nomes verdadeiros no corpo do texto por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido por via do projeto “Cenários Históricos e Socioculturais dos Esportes e da Educação Física no Rio Grande do Sul – Brasil”, aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS pelo número 27331. Foram eles: Celso Carvalho, em entrevista realizada em: 25 de outubro de 2018. Carvalho é hoje em dia (2019) mestre 6º Dan de Taekwondo. Exerce as funções de professor de Taekwondo, Hapkido e dança de salão. Verônica Medeiros, em entrevista realizada em: 26 de novembro de 2018. Medeiros é faixa preta 1º Dan e pratica Taekwondo até os dias atuais, a mesma é aposentada. E Leonardo Barbosa, em entrevista realizada em: 2 de maio de 2019. Barbosa é faixa preta 1º de Taekwondo e exerce a função de professor de Taekwondo, Muay Thai e instrutor de academia.

Imagem 4: Indício inicial de praticantes



Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10218038861303712&set=g.164128187078008&type=1&theater&ifg=1>

As entrevistas foram registradas com o gravador e reproduzidor de voz - Sony Digital Voice Recorder 4gb - Icd-Px240. Assim como, no gravador do celular de uso pessoal, para que fosse evitado qualquer tipo de eventual término de bateria, ou má qualidade do som por parte do gravador portátil. Cabe ressaltar que a transcrição das entrevistas se deu de forma manual, sem ajuda de quaisquer aplicativos ou programas além do *Windows Media Player*.

As entrevistas além de transcritas foram escutadas à exaustão, para que na leitura dos fragmentos utilizados não fossem artificializados os sentidos, as emoções e as sensibilidades constantes nelas. Desta forma buscou-se fazer a ligação entre as outras fontes de maneira a dar lógica a escrita do trabalho. Segue abaixo um quadro organizado de forma a apresentar de forma mais detalhada o processo de entrevista e transcrição:

Participante	Tempo de entrevista	Tempo de transcrição	Páginas de transcrição
Celso Carvalho	14min	1h51min	4 p.
Verônica Medeiros	113min	7h30min	20 p.
Leonardo Barbosa	40min	4h 46min	16 p.

2.3 Leituras históricas do Taekwondo: emergência e consolidação da prática

Nesta seção será apresentada uma revisão que objetivou compreender, de forma mais aprofundada, a história do Taekwondo a nível mundial. Ela serve de pano de fundo à compreensão dos diversos desdobramentos acerca da prática do Taekwondo no Rio Grande do Sul. Além de permitir, de maneira mais apropriada, a interpretação de como se deram as constituições de práticas e representações que permearam a prática do Taekwondo no cenário sulriograndense.

Devido à carência de literatura especificamente da história do Taekwondo no Brasil, e subsequentemente no Rio Grande do Sul, a revisão de literatura nas bases de dados se baseou nos termos “Taekwondo”, “Taekwon-do” “Tae Kwon Do” e “Tae-Kwon-Do”, a fim de angariar estudos em subáreas como a de Estudos Socioculturais, e até mesmo das Biodinâmicas, que permitissem algum diálogo com o objeto de pesquisa. Os quatro termos descritos são comumente encontrados em grafias que objetivam representar a prática, e foram adotados com intuito de garantir minimamente que importantes textos não ficassem fora da busca.

O termo mais utilizado atualmente é “Taekwondo”, entretanto, na década de 1970 o corrente era o uso do termo “Taekwon-do”, grafia também encontrada no estudo intitulado “Comparação de aptidão física em atletas de taekwon-do masculino em diferentes níveis” que data de 1990 e é a primeira publicação sobre o Taekwondo, localizado em uma Revista Científica em solo Brasileiro, ou seja, um marco para o Taekwondo brasileiro em nível acadêmico. Se tratando este projeto de um estudo histórico, viu-se a necessidade de abarcar outros termos possíveis, já que também foi recorrente a grafia “Tae Kwon Do” em determinadas épocas, além, também, de outra versão com hifens: “Tae-Kwon-do”. Esta opção de termos de busca entra em consonância também com outros estudos de revisão de literatura ligadas ao Taekwondo, tais como o realizado por Perez-Gutierrez, Gutierrez-Garcia e Escobar-Molina (2011) e Perez-Gutierrez; Valdes-Badilla; Gomez-Alonso; Gutierrez-Garcia (2015).

Além das Bases de Dados Scielo, Lilacs, MedLine, foram também acessados os repositórios da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações e o Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, na tentativa de encontrar trabalhos que de maneira semelhante aos já citados pudessem contribuir para a discussão e contextualização sobre a história do Taekwondo no Brasil e no Rio Grande do Sul.

A partir dos procedimentos descritos anteriormente, os estudos fossem eles Artigos, Dissertações de mestrado, Teses de doutorado ou Livros, foram eleitos desde que consistissem de estudos socioculturais, dada a importância interdisciplinar que esta área representa ao vincular as Ciências Humanas e Sociais tendo com foco investigativo os fenômenos do movimento humano (GUEDES, 1999). Além da busca em grandes bases de dados, o estudo do estado da arte em modalidades esportivas de combate realizado por Franchini e Vechio (2011) indicou algumas outras revistas cuja indexação não constava nas bases citadas anteriormente. Busca esta que também foi realizada no Google Scholar, EbscoHost e Microsoft Academic.

O Taekwondo possui três leituras históricas acerca de sua origem. A primeira delas, apresentada na seção “a) O Taekwondo oriundo de práticas de luta da península”, trata da ancestralidade do Taekwondo a partir de práticas de luta genuinamente coreanas. Na segunda, em seu embrião, o Taekwondo teria vindo à Coreia por meio de estudantes coreanos que treinaram o Karatê no Japão, e também teria se consolidado com a obrigatoriedade das práticas de lutas japonesas nas escolas coreanas no período de domínio japonês, tendo ao fim apenas se denominado Taekwondo, ela será apresentada na seção “b) O Taekwondo como apropriação coreana do Karatê”. E uma terceira em que as práticas de luta coreanas teriam sido influenciadas de alguma forma pelo domínio japonês fruto da obrigatoriedade da prática de *Kendo*, Judô e Karatê no currículo escolar na Coreia durante o período de colonização nipônica (1910 –1935), formando a partir daí uma prática de luta híbrida resultante dessas apropriações e ressignificações (PARK; KIM, 2016; MOENIG; KIM, 2017), constante na seção “c) O Taekwondo a partir de apropriações e ressignificações de práticas de lutas coreanas, japonesas e chinesas”. A seguir serão apresentadas essas leituras.

a) O Taekwondo oriundo de práticas de luta da península

A mais difundida das versões é que o Taekwondo foi desenvolvido a partir de práticas de luta oriundas da península coreana, desde o período de 57 a.C. Estas práticas eram utilizadas pelos primeiros povos que se estabeleceram na região, principalmente, como meio de defesa de seus territórios. Os primeiros povos que formaram a região da Coreia foram chineses, em meados de 1122 a.C. Em 193 a.C. mais invasões aconteceram, obrigando a população existente a ocupar as outras regiões da península coreana, formando três reinos distintos denominados Silla; Baek-je e Koguryo (LEE; MERGULHÃO-FILHO, 1978).

Destes três reinos, *Koguryo* foi o mais próspero, fruto de seu intenso comércio com China e Japão, e juntamente com *Baek-je*, seguidamente pilhava e atacava o então menor reino dos três, *Silla*. O período em que a península coreana era dividida em três reinos perdurou por 668 anos, quando o reino de *Silla* resolveu treinar um jovem grupo de guerreiros, denominado *Hwarang* (PARK; OK, 2016). Este grupo, formado por membros da alta sociedade coreana, foi treinado em vários tipos de combate, entre eles o *Subak*⁸ e *Taekkyon*⁹. Além destas técnicas de defesa pessoal e de montaria e arco, tiveram também ensinamentos filosóficos. A organização deste grupo de guerreiros acabou por conseguir defender o reino de Silla, dos seguidos ataques dos reinos vizinhos e, anos após, anexar os reinos de Baek-je e Koguryo, formando um novo reino unificado, sob o nome de Koryo, que compreendia a península em sua totalidade e formava o primeiro momento da Coreia como país único, até sua divisão após a 2ª Guerra Mundial (COOK, 2011).

Em 1910, o Japão passa a colonizar a Coreia e proíbe as principais manifestações culturais do povo coreano. O *Taekkyon* e o *Subak* são proibidos de serem praticados, assim como outros costumes coreanos. Então, somente após o fim da 2ª Guerra Mundial, os coreanos puderam voltar a realizar as suas práticas de luta nativas que em 1955 foram unificadas sob o nome de Taekwondo, sendo declarado a partir daquele momento que a prática de luta teria mais de 2.000 anos, devido a sua ligação com o *Subak* e *Taekkyon*, que segundo esta versão são encontrados, em suas formas primitivas em pinturas, e esculturas, que remontam ao

⁸ O *Subak* é uma prática de luta coreana provavelmente desenvolvida a partir do Shōu bó Chinês, no período de 206 A.C – 220 D.C (FORREST; FORREST-BLINCOE, 2018).

⁹ O *Taekkyon* é uma prática de luta coreana nomeada como patrimônio imaterial mundial pela UNESCO em 2011, com certa semelhança com a Capoeira, e apontada como a única prática de luta genuinamente coreana (FORREST; FORREST-BLINCOE, 2018).

mesmo período histórico (PIMENTA; MARCHI JUNIOR, 2009). Entretanto, como cita Capener (2016) existem outras duas versões acerca da origem do Taekwondo além desta versão histórica tradicional, e amplamente difundida pelos mestres e professores.

b) O Taekwondo como apropriação coreana do Karatê

Tendo a Coréia uma posição geográfica estratégica no continente asiático, em um ponto de intenso trânsito comercial, a mesma sofreu diversos ataques, ocupações e até mesmo colonizações, o que dificultou sua consolidação como estado/nação unificado. Estes acontecimentos refletiram profundamente nas práticas culturais daquele país, e de mesmo modo, nas práticas de luta realizadas na península, as quais acabaram influenciadas pelas culturas chinesas e pela cultura japonesa, sendo esta última de forma mais profunda e traumática. Assim, sob dominação japonesa, estudantes coreanos foram obrigados a estudar no Japão, praticando por lá o Karatê, e assim que retornaram a Coréia, fundaram suas escolas de Karatê, sob o nome de *Kongsudo*, termo que é uma tradução coreana, e é a ideia central de remeter a ascendência do Taekwondo ao Karatê. Além disso, no período de dominação japonesa sobre a Coréia, eram obrigatórias nas escolas coreanas a prática de Karatê e Judô, fato que pode alicerçar o sentimento de negação às origens japonesas quando o Taekwondo é pensado em sua forma embrionária (CAPENER, 2016).

A colonização da Coréia só teve fim no ano de 1945, após 35 anos sob o jugo japonês, com a vitória dos Aliados contra os inimigos do Eixo na 2ª Guerra Mundial. O Japão, uma das lideranças do Eixo, com a derrota na guerra, teve a Coréia, até então sob seu domínio colonial, dividida entre a comunista União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) na parte norte e a partir de então denominada República Popular Democrática da Coréia. Ao sul, os Estados Unidos da América (EUA) capitalista, denominando o então novo país como República da Coréia do Sul. Com o fim do domínio japonês foram criadas diversas escolas de práticas de lutas na Coréia, as quais eram denominadas *kwans*, sendo estas as escolas originais da prática de luta em solo coreano, influenciadas pelo aprendizado de seus mestres nas mais variadas artes marciais, entre elas o Karatê.

Após o período de relativa paz em solo coreano em 1950 irrompe a Guerra da Coréia, combate travado entre o norte comunista e o sul capitalista, o que

novamente travou o desenvolvimento da cultura local e das práticas de luta. Em meio a Guerra da Coréia já existiam mais de 40 *kwans*, oriundas de novas ramificações. Tentativas de uma organização que alinhasse todas estas *kwans* foram observadas já em 1950 com a *Korean Kongsudo Association* (KKA), entretanto, devido a guerra este de organização foi postergado até o fim do combate, o que gerou ainda mais fragmentações e denominações para as práticas como: *Kangsudo*¹⁰, *Kongsudo*¹¹ e *Kwŏnbŏp*¹². As *kwans* somente perderam força individual no fim dos anos 70, quando a prática alcançara um estilo mais equânime, fruto das ações do *Kukkiwon* e da *World Taekwondo Federation* (WTF) (MOENIG; MINHO, 2016).

Em 1954, o General Choi Hong Hi formula a prática de luta como nome de Taekwondo, com nome aproximado ao Taekkyon, prática de luta nativa da Coréia, também na tentativa de afastar o nome da prática das suas origens japonesas. Este nome não era de comum acordo entre todos os mestres responsáveis por *kwans*, então, Gen Choi utilizou sua influência como militar e amizade com o então presidente sul-coreano para forçar vários mestres a se unirem em uma organização sob a sua liderança, denominada Associação Coreana de Taekwondo, o que durou apenas até a queda do presidente Rhee Syngman, em 1961, novamente fragmentando a prática.

O novo governo forçou, juntamente com a Associação Coreana de Esportes Amadores, a unificação das escolas de práticas de luta, objetivando também, que elas se unissem sob um nome de prática. Neste momento o *Taesudo* foi o nome escolhido, empregando o prefixo do primeiro termo criado por Choi Hong Hi (Tae) e o segundo tanto oriundo tanto do *Kungsudo* quanto do *Tangsudo*. Sendo completado pelo termo final “do”, empregado em várias das práticas de luta modernas. Assim foi criada a *Korean Tangsudo Association* (KTA).

Por fim, o General Choi, que havia sido enviado em missão diplomática à Malásia, volta à Coréia do Sul e novamente por via de atos políticos torna-se presidente da organização e troca o nome da mesma para Associação Coreana de Taekwondo. Seu mandato durou apenas um ano, pois foi expulso possivelmente devido a sua direção impopular. Com sua saída, criou a *Internacional Taekwondo Federation* (ITF) que em nada mais influenciaria a organização técnica da *Korean*

¹⁰Kongsudo é a respectiva pronúncia coreana para Karate-do (MOENIG, 2011).

¹¹Tangsudo se refere aos "caminhos da mão" (su do) da dinastia Tang da China do (MOENIG, 2011).

¹² Prática de luta Chinesa (MOENIG, 2016)

Taekwondo Association (KTA) que originaria a *World Taekwondo Federation* (WTF) e o Taekwondo como Esporte Olímpico. A transformação em esporte olímpico se deu de forma muito rápida, haja vista que após a união das escolas sob o nome de Taekwondo já em 1964 foi realizado o primeiro campeonato mundial da prática, conforme Pimenta e Drigo (2015, p. 168) “Após sua criação oficial em abril de 1955, o primeiro campeonato de Taekwondo do mundo foi feito na Coreia do Sul em 1964”. Fator que contribuiu desde cedo para a sua esportivização (PIMENTA, 2011).

Foi por volta de 1964 que o historiador nacionalista sul-coreano Yi Seon Geun, teria entrelaçado a tradição do *Taekkyon*, do *Hwarang*, e a unificação dos três reinos e das demais práticas de luta realizadas na Coreia com o Taekwondo, fazendo deste o último descendente de uma antiga linhagem de práticas de lutas coreanas (FORREST; FORREST-BLINCOE, 2018). Sendo nomeado, em 1971, como esporte nacional da Coreia do Sul, sob o propósito de atuar como ferramenta do governo para impulsionar o país reforçando o sentimento de pertencimento de seus habitantes. Estratégia esta, adotada pelo governo que defendida a restauração moral e patriótica do país, onde os esportes se encaixavam perfeitamente, além de promoverem a saúde e a disciplina da juventude coreana.

Este movimento em prol da transformação do Taekwondo em esporte nacional se deu também devido ao sucesso dos soldados treinados em *Tangsudo* que haviam sido enviados ao Vietnã. Após este sucesso, o Taekwondo foi oferecido como treinamento às tropas americanas, em retribuição à ajuda na Guerra da Coreia, o que expôs o treinamento à mídia e projetou a prática do Taekwondo pelo mundo, em grande parte nos EUA. A partir disto, o governo viu no Taekwondo uma grande ferramenta de propaganda sul-coreana ao redor do mundo, investindo pesado na formação de professores, solicitando a inclusão da modalidade no currículo escolar sul-coreano, bem como investiu na promoção de eventos, e no envio de mestres a várias regiões do mundo. Fatores estes, que parecem ter contribuído para criação do mito acerca da origem nativa do Taekwondo (MOENIG; KIM, 2017).

c) O Taekwondo a partir de apropriações e ressignificações de práticas de lutas coreanas, japonesas e chinesas

Estando o presente estudo localizado no campo da história do esporte, e orientado pela abordagem da História Cultural, objetivamos neste capítulo interpretar e discutir as leituras que circundam a história do Taekwondo.

Deste modo, tomamos como ponto de partida a terceira leitura sobre a história desta prática de luta, por considerarmos ser a mais aceitável, frente as duas leituras anteriores, uma vez que não isola e nem nega as influências da prática, sendo elas coreanas ou não. A terceira leitura apresentada neste capítulo aborda a mútua influência das práticas de luta de origem coreana, como o *Subak* e o *Taekkyon*, entre as práticas de luta estrangeiras Chinesas na figura do *Kwonbop*, e das práticas Japonesas nas figuras do *Judô* e principalmente do *Karatê*. Ao retomarmos a primeira das versões, percebemos que há certo isolamento cultural da Coréia, de maneira que ao leitor parece que o país nunca sofreu com as invasões e dominações tanto do Japão como da China. Já a segunda leitura parece negar a influência da cultura coreana sob qualquer prática inserida pelos invasores.

As práticas de luta coreanas ficaram proibidas durante todo o tempo de dominação japonês, que perdurou até o fim da 2ª Guerra Mundial. Neste período, se tornou obrigatório nas escolas coreanas a prática de *Karatê*, assim como a do *Judô* e *Kendo*. Assim como, jovens coreanos foram obrigados a estudar no Japão. Entretanto, neste período doloroso da história coreana, onde foi proibido realizar quaisquer tipos de manifestações culturais, as práticas de luta nativas seguiram sendo realizadas em segredo, sendo manifestações permitidas somente após término do jugo nipônico. Neste panorama pós 2ª Guerra Mundial, onde além da inserção de práticas estrangeiras não se abandonou a prática das lutas nativas surgiram as diversas escolas de práticas de lutas coreanas. Cada qual com sua influência cultural, tal como *Subak*; *Taekkyon*; *Karatê*; *Judô*; *Kwonbop*; *Aikido*; e ainda as suas eventuais ressignificações de prática com elementos de duas ou mais artes.

O ego ferido do povo coreano, após anos de colonização e humilhações refletiu na negação da influência estrangeira em suas práticas de luta, o que formou um excelente panorama para a criação do nome Taekwondo e sua unificação. Vários nomes foram propostos para representar a prática, entre eles o do General Choi Hong Hi que apresentava o nome Taekwondo por aproximar-se do nome da prática nativa da Coréia o *Taekkyon*. Mas, também, havia a resistência dos que defendiam o *Tangsudo*, que era quase uma tradução ao *Karatê*. Assim, sob a proposta do

General Choi Hong Hi e o interesse do Governo sul-coreano em fortalecer a ideia de estado-nação genuinamente coreano obrigou a nomenclatura, declarou o Taekwondo o esporte nacional sul-coreano. Essa estratégia ganhou força à medida que tropas treinadas por sul-coreanos obtinham sucesso na Guerra do Vietnã (MOENIG; MINHO, 2016).

A função do Taekwondo na Coreia do Sul, naquele momento teve um papel que vai além da prática de luta. Naquele momento foram conferidos ao Taekwondo, em ampla ascensão, a ideia de ancestralidade do povo coreano a partir da versão autóctone do Taekwondo, advindo das práticas de luta nativa, que em tempos remotos teriam não somente contido as invasões das potências vizinhas, como também, unificado, pela primeira vez, os reinos coreanos em um reino coreano único. Como aponta Millán (2015, p. 9):

Por otro lado, como proyecto de identidad nacional este arte marcial tuvo éxito en construir un puente con un pasado milenario, unificando mediante una serie de rituales y símbolos, eventos y personajes históricos en una concatenación ininterrumpida desde la mítica fundación del pueblo Han en el 2333 A.C, hasta los movimientos de resistencia durante la ocupación japonesa en la primera mitad del siglo XX. Constituye, pues, una verdadera *tradición inventada* (Hobsbawm, 2002), y un espacio de lucha por la imposición de la "historia verdadera".

Essa leitura encaixou-se perfeitamente nos ideais do governo, já que a partir dela nascia uma ferramenta de fortalecimento do sentimento de pátria coreano tão ferido pelas invasões, pela colonização e sua posterior divisão. A abordagem da busca de ancestrais comuns e um passado nacional compartilhado é observada em várias outras culturas na mesma tentativa, e foram muito utilizadas no período anterior a 2ª Guerra mundial. Conforme Pesavento (2003, p.10):

No decorrer da primeira metade do século XIX, o espírito romântico produziu historiadores preocupados em escrever histórias nacionais, que fossem atrás da captura do espírito do povo, da alma das nações, que recuperassem os heróis com seus grandes feitos e que registrassem a saga da construção de cada Estado, a demonstrar que o germe da identidade nacional já estava presente naquele tempo das origens, com os pais fundadores.

Neste caso, ainda que um tanto tardio, o mesmo expediente foi utilizado, agora na figura de uma prática de luta, a carregar tanto a história quanto a identidade étnica do povo coreano (MOENIG; MINHO, 2016). Com este papel conferido ao Taekwondo, a Coreia do Sul representava sua cultura usando a prática de luta como exportadora de seu poder mundial e competitividade com seus vizinhos poderosos, Japão e China (FORREST; BLINCOE-FORREST, 2018).

Diante da compreensão destes meandros, a leitura, que ainda não é a mais aceita, parece mais factível, levando-se em consideração diversos outros aspectos da história, os jogos das relações de poder e as tensões geradas a partir da escolha de determinadas versões históricas. Por fim, parece pouco discutível, mesmo que polêmico, que o Taekwondo não seja uma prática de luta híbrida, dado o contexto de seu surgimento, assim como as diversas incongruências encontradas nas versões que negam as inter-relações culturais da trajetória coreana até o momento de consolidação do Taekwondo em seu país.

Fruto desta política de internacionalização da Coreia do Sul, também por meio da difusão do Taekwondo, foram enviados mestres a diversos países do mundo com o intuito de estabelecer prática em cenário internacional. Partindo da península coreana o Taekwondo expandiu-se para várias regiões do mundo, tendo rápida disseminação, sendo beneficiado também com a divulgação por meio dos Jogos Olímpicos de Verão de 1988 em Seul, onde o Taekwondo foi esporte de apresentação, alcançando adeptos em diversos países, sendo reconhecido no ano de 2000 como um dos esportes dos Jogos Olímpicos.

Diante do exposto, os capítulos à seguir tratarão particularmente da prática do Taekwondo no Rio Grande do Sul e das características que compuseram a mesma.

3 O TAEKWONDO NO RIO GRANDE DO SUL A PARTIR DE PORTO ALEGRE

Em relação a outras práticas de luta como o Karatê, o Judô e Kung-Fu (FERREIRA; MARCHI JÚNIOR; CAPRARO, 2014), a chegada de Taekwondo se deu de forma mais tardia, consequência do processo de imigração coreana no Brasil que aconteceu de forma mais posterior quando comparado ao chinês e ao japonês, além da prática ter se organizado de forma semelhante ao que conhecemos hoje, apenas em 1955. Ao que se sabe teria chegado ao Brasil em 1970, com a vinda de mestres coreanos ao estado de São Paulo. O primeiro deles, Sang Min Cho. Segundo Santos *et al.* (2014):

Foi instrutor das primeiras turmas de mestres formados na Coréia do Sul, com o objetivo de difundir o Taekwondo pelo mundo. Também foi instrutor das forças armadas coreanas e da Agência de Inteligência da Coréia, a KCIA, entre outras.

Logo após a chegada de San Min Cho, outros mestres como Kun Mo Bang e Sang In Kim aportaram em terras brasileiras. Estes mestres foram enviados da Coréia do Sul pelo General Choi Hong Hi. Este envio se deu em virtude do pedido do então presidente do Brasil Emílio Garrastazu Médici, que desejava os serviços destes praticantes no controle de crimes diversos realizados à época:

Os mestres Sang Min Cho (1970), Sang In Kim (1971) e Kun Mo Bang (1971) foram os primeiros a chegar ao Brasil, enviados pelo general Choi Hong Hi, a pedido do Presidente do Brasil na época, Emílio Garrastazu Médice, para ajudar no combate ao “terrorismo” (impedir o avanço comunista) (SANTOS; *et al.*, 2014).

Este pedido ao presidente da Coréia do Sul, no referido período Singman Rhee, se deu muito por influência do sucesso dos soldados sul-coreanos na Guerra do Vietnã, que ficaram conhecidos por sua eficiência em combate: “Aí nessa época coreano ficou famoso por causa de guerra do Vietnã: um soldado matou 28 vietcongues sem arma, assim, notícia no mundo inteiro. Então como é? “Ah, eles estão treinando Taekwondo” (PIMENTA; DRIGO, 2015, p. 169).

Os primeiros mestres chegaram ao país com a incumbência de treinar agentes do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS). Após um primeiro momento, devido à decrescente incidência das ocorrências de terrorismo associados a crimes políticos, os mestres já estavam sendo pouco utilizados no treinamento policial, acabando assim por montar as suas próprias academias, já destinadas ao público em geral. Com este novo panorama o mestre Sang Min Cho foi responsável pela abertura da dita primeira academia de Taekwondo no Brasil, a Academia Liberdade de Taekwondo no ano de 1970 (RIOS, 2005).

Outro ponto pouco estudado até aqui, referente à introdução do Taekwondo no Brasil, é de que forma a imigração coreana, sem a intencionalidade de trazer a prática da luta, acabou por torná-la reflexo de suas práticas culturais, disseminando-a assim em algumas regiões brasileiras. Concernente a este contexto, Marta (2004) em seus estudos também relacionou o Taekwondo com a imigração coreana.

Neste caso em especial se apresentam as figuras do mestre Cho Nam Chil e de Yung Man Kim, que teriam já em 1968, oferecido aulas de Taekwondo no interior da Bahia, contraponto a leitura histórica mais aceita da chegada do Taekwondo ao Brasil, que data de 1970, como já tratado anteriormente. Entretanto, pelo menos Yung Man Kim, nunca teria reclamado da versão oficial.

Nunca reclamou reconhecimento como introdutor do Taekwondo no Brasil, talvez por ter aceitado a autoridade do Mestre Sang Min Cho, líder do grupo do Sudeste, que lhe prestou grande apoio, em suas atividades no Rio Grande do Sul (SANTOS; *et al.*, 2014).

Este ponto é motivo de muita discussão ainda hoje, sendo já aceita a leitura de que Yung Man Kim tenha sido um dos primeiros coreanos a realizar aulas de Taekwondo no Brasil, sendo ele, depois de algumas andanças, quem trouxe o Taekwondo ao estado do Rio Grande do Sul (SANTOS; *et al.*, 2014). Diante destas leituras, muitos questionamentos surgem com o intuito de desvendar se a prática de luta realizada antes da chegada de Sang Min Cho poderia ser chamada de Taekwondo, como traz Marta (2000, p. 156):

Contudo, outro mestre, Yeo Jin Kim contesta a hipótese do taekwondo ter sido introduzido no país primeiramente no Estado da Bahia. Afirma que a modalidade introduzida na Bahia se refere a um tipo primitivo de taekwondo e não ao taekwondo que se conhece hoje.

Após a vinda dos primeiros mestres, muitos outros desembarcaram em solo brasileiro e, estes, juntamente com os alunos formados, disseminaram o Taekwondo em território brasileiro, alcançando no ano de 2002 a marca de 27 federações estaduais espalhadas pelo Brasil, entre elas o Rio Grande do Sul (NOGUEIRA, 2006).

O contexto de chegada do Taekwondo ao Rio Grande do Sul se deu de forma diferente de outras práticas esportivas, já que seu precursor viera para o país em circunstâncias diferentes ao processo de colonização que, como veremos a seguir, muito contribuiu para a difusão de inúmeras práticas que se confundem com a própria história do estado. Pertencendo a esse processo histórico, práticas chegadas durante o século XIX, como o remo, a ginástica, o turfe, eram fortemente identificadas com sul-rio-grandenses de descendência europeia: “No Rio Grande do

Sul, as primeiras práticas esportivas chegaram em meados do século XIX, juntamente com os imigrantes que vieram de diversos países, principalmente da Europa” (SILVA; MAZO, 2017, p. 2).

Este fato trouxe um contexto diferente à disseminação destas das práticas em relação ao Taekwondo, haja vista que, elas eram mais ligadas a determinadas identidades etnoculturais compuseram o povoamento do Rio Grande do Sul, o que facilitava a realização das práticas entre os que delas se originavam. Logo, havia forte ligação do remo aos ítalo-brasileiros, assim como a bocha e o cliclismo; aos teuto-brasileiros a ginástica, assim como o Bolão e as sociedades de tiro; e o turfe aos luso-brasileiros (SILVA; PEREIRA; MAZO, 2012).

Entretanto, a chegada do Taekwondo em contexto diferente em relação à outras práticas esportivas propiciou, por exemplo, a manutenção de nomenclaturas, cerimônias de aulas, assim com a contagem nos exercícios, na língua coreana, fator que diferiu das práticas ligadas a imigração, principalmente teuto-brasileira, que sofreram muita repressão no período da 1ª Guerra Mundial: “As associações esportivas que reuniam os imigrantes alemães e seus descendentes denominados “teuto-brasileiros” sofreram intensa pressão devido ao estado de beligerância entre o Brasil e a Alemanha” (MAZO, 2007, p. 1). Assim como a proibição de reuniões em lugares fechados e o “abrasileiramento” dos nomes dos clubes, nos anos 1930 mais impactos das políticas do Estado Novo recaíram sobre os clubes com identidades étnicas, coisa que as práticas de luta não passaram devido a sua chegada posterior:

As lutas, como, por exemplo, o Karatê, o Kung Fu, o Judô e o JiuJitsu (FROSI; MAIDANA; MAZO, 2011; NUNES, 2011; FROSI, 2012) são práticas culturais identificadas com outros grupos sociais e que se aportaram no Estado em um período posterior (ASSMANN; CARMONA; MAZO, 2014, p 89).

O Taekwondo no Rio Grande do Sul, em relação a outras práticas de luta, também teve sua chegada em contexto posterior. O boxe, por exemplo, já era praticado no estado desde a metade da década de 1910 e, talvez, tenha sido a primeira prática de luta a ser introduzida no estado (ASSMANN; CARMONA; MAZO, 2014). Além disso, por ser uma prática de luta institucionalizada e mais antiga que as demais, agregou as outras em departamentos na Federação Riograndense de Pugilismo na década de 1970.

As leituras do tempo apontam a introdução do Taekwondo no Rio Grande do Sul, em meados da década de 1970, por Yung Man Kim. Quando chegou na cidade

de Porto Alegre, já havia outras práticas de luta anteriores à sua chegada, como o Karatê lecionado por Watanabe, que chegou no ano de 1970:

Quando chegou a Porto Alegre no ano de 1970, Watanabe começou a ministrar aulas na Academia Tokio, localizada na Rua Osvaldo Aranha em frente à Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (AIRES; *et al.*, 2017, p. 124).

No que tange a chegada de práticas de lutas orientais, o Taekwondo foi inserido no estado mesma década que outras, como o Kung-fu, em 1975 (FROSI; MAIDANA; MAZO, 2011) e já citado Karatê na década de 1970 (AIRES; *et al.*, 2017). Estas relações entre práticas de luta distintas, além de se tratarem de práticas coreanas e japonesas, com histórico de grandes conflitos, permearam o imaginário de chegada do Taekwondo ao Rio Grande do Sul, como apresenta outro fragmento do estudo de Aires *et al.* (2017, p. 126), onde Yung Man Kim é citado:

Sobre as confusões em público e atitudes excêntricas conta que, por ser jovem, “não perdoava nada” (25 anos). No entanto menciona que, muitas vezes, o confundiam com um lutador coreano que morava na capital pela mesma época e que praticava Taekwondo. Esse lutador, chamado Kim, de acordo com Watanabe, costumava exceder-se na bebida pelos bares da cidade, gerando grandes confusões. Segundo ele, naquele tempo, as pessoas não diferenciavam muito um imigrante japonês de um coreano e, como Watanabe era mais reconhecido, isso contribuía para as acusações caírem sobre ele.

A citação acima remete a possíveis tensões vividas naquele contexto e que podem ter representado um fator de dificuldade para a inserção do Taekwondo no estado. Cabe ressaltar também, que no referido período, grande parte da população portoalegrense não tinha clara as diferenças entre o Taekwondo e outras práticas como Karatê e Judô. As práticas de luta no contexto de Porto Alegre dividiram espaço e público praticante, principalmente na década de 1970, quando nela chegaram à capital as práticas do Karatê, Taekwondo e Kung-fu. Esta divisão de espaço não causou grandes problemas ou disputa entre estas práticas, o que seria natural, haja vista a disputa mercadológica de procura e escolha por determinada prática.

Para Carvalho, não houve este tipo de disputa, justamente pela particularidade de cada prática: “Não, não houve este acontecimento. Cada uma tinha por distinção a sua estrutura, seus adeptos, seus praticantes, havia uma boa relação.” (CARVALHO, 2018). Afinal, já naquele momento, cada uma delas era altamente especializada, dotada de seus professores, seus sistemas de graduação, metodologia de trabalho e representações particulares. Assim como seus próprios departamentos na FRP (Federação Rio-grandense de Pugilismo).

Havia de certa forma concorrências entre práticas de mesma linha, assim como em outros esportes. Entretanto, no relato a seguir, surge um interessante indício: a participação de práticas de lutas distintas em eventos do Taekwondo. Este indício suscita, na coexistência das práticas, relações de apoio e auxílio, já que o convite a eventos como campeonatos dava visibilidade a práticas diferentes do Taekwondo, e enriquecia o evento dando ao público atrações diferenciadas. Conforme relata Carvalho (2018):

Essa é uma problemática que vai existir sempre, a concorrência entre um esporte e outro esporte na mesma linha, mas nós sempre convivemos bem com essa relação, na verdade as competições que eu realizava, em Canoas, na média de uma por ano, eu convidava equipes para fazer demonstrações no meu campeonato. Equipe de Karatê, Kung-fu, de Judô, de Capoeira, a gente tinha uma relação muito boa com todas as outras artes marciais.

O relato de Carvalho, acima, ainda corrobora com o anterior no que tange a boa relação entre as práticas de luta. O respeito entre as práticas de luta parece ter se consolidado para além do discurso, e a busca de manutenção desta relação era tratada com bastante cuidado. Não havendo assim indícios de confrontos ou discursos de disputas mais graves entre o Taekwondo e as outras práticas de luta já estabelecidas em Porto Alegre. Medeiros diz não se lembrar de qualquer confronto mais ríspido entre práticas quando lhe foi questionada esta possibilidade: “Que tenha acontecido alguma coisa? Olha... Confronto assim naquela época eu não me lembro de nada. Eu não me lembro de nada.” (MEDEIROS, 2018).

Havia inclusive a discurso de que não se deveria incitar, assim como concordar com quaisquer combates entre adeptos de práticas de luta distintas. Representando alguma manifestação de respeito entre as práticas de luta, na busca da manutenção da cordialidade entre as mesmas. Medeiros fala a respeito deste discurso de não combate entre práticas de luta distintas. E lembra que, com uma luta já marcada com uma praticante de Capoeira, obteve uma ríspida negativa de um instrutor de sua academia:

Então eu era verde e ela era não sei o que, tah? Da Capoeira. A gente quando é jovem não tem a noção das coisas por que tu não viveste ainda, então tu não tem também muito receio. Aí nós combinamos de fazer uma luta, nós duas: “Vamos lutar nós duas qualquer hora?” “Vamos”. Eu topei e ela topou, veio o Souza: “ Vocês não vão lutar coisa nenhuma! Por que uma é de uma modalidade e a outra é de outra, isso aí pode dar uma baita de uma zebra. Não tem luta entre vocês duas, eu proíbo!” Bom... eu acatei, eu queria fazer uma luta com a capoeirista. (MEDEIROS, 2018)

Este discurso parece ter permanecido no imaginário dos praticantes de luta durante muitos anos, até a emergência dos eventos de artes marciais mistas na

década de 1990, onde adeptos de práticas de luta distintas se enfrentavam em chamados combates “vale-tudo”. Estes eventos deram origem ao que conhecemos hoje como MMA, de ampla divulgação na mídia. Cabe ressaltar, que o Jiu-jitsu na figura da família Gracie teve importante papel na emergência e consolidação deste tipo evento.

Havia de fato, no contexto da prática de lutas na década de 1970, a competição que persiste na existência das mesmas, onde os praticantes procuram ser “o melhor lutador possível”. E, indo ao encontro disso, acabam defendendo seus estilos de luta como sendo os melhores que existem. Para Barbosa, isto era comum naquele contexto assim como ainda é nos dias atuais. Entretanto, estas representações de defesa da prática de luta própria a cada praticante, não demandava maiores problemas ou confusões:

E tinha aquela questão de que sempre um queria ser melhor que o outro. Isso existe até hoje. Tu vai numa academia “ah porque o meu Karatê é melhor”, “ah porque o Shotokan é melhor”. Mas é uma coisa que sempre vai ter, a vida inteira, entendeu? Mas não tinha problema nenhum não. (BARBOSA, 2019)

Para Barbosa, os praticantes das distintas práticas de luta em Porto Alegre respeitavam-se mutuamente. E até onde o mesmo sabe, nunca houve grandes desentendimentos entre estes grupos que dividiam espaço e adeptos na capital. Além disso, estes grupos, na figura de seus professores buscavam passar aos seus alunos este respeito e coexistência pacífica por meio da disciplina peculiar de cada prática de luta. Conforme Barbosa (2019):

O pessoal sempre respeitou todo mundo. Por exemplo, eu sempre respeitei o Karatê, o Edison também. Os caras todos respeitavam, nunca quis pegar nenhum, não. Kung-fu. Então todos se respeitavam muito. Isso até por que há limites nas artes marciais, não tem questão de “ah... Eu não falo com aquele cara porque aquele cara faz Karatê”, não. A gente ensinava, ensinava.

No relato abaixo podemos observar inclusive, que além da relação de respeito entre as práticas de luta havia também certa interação, dada a pormenorização das informações dadas a respeito das práticas de luta e seus respectivos praticantes. O relato de Carvalho reforça tais informações, ao citar que inicialmente, no município somente havia as práticas do Karatê e do Judô, e posteriormente emergiram outras práticas. Para Barbosa, mesmo depois da chegada posterior de outras práticas de luta, as relações permaneceram, nas palavras dele, tranquilas:

É tranquilo. Era Judô e Karatê. Depois de uma época, depois que o mestre Kim chegou aí, já veio Kung-fu, né? Já veio Capoeira, e tal. Mas ele se dava bem com os mestres, o mestre Li que era do Kung-Fu aqui. Se dava bem com o mestre Souza, que trouxe a Capoeira pra cá pra Porto Alegre. Mas ele se dava bem cara, se dava bem. Tinha, tinha essa questão que eu te falei, que as pessoas justamente falavam “ah que Taekwondo era melhor”, a outra “ah que o Karatê era melhor”. Isso aí era nada de mais. (BARBOSA, 2019)

Para Medeiros, a relação entre o Taekwondo de Kim e o Karatê de Watanabe trazia discussões. Entretanto, julga não ter experiência o suficiente na época para poder notar um possível atrito. Dado ao tempo que praticou Taekwondo sem que esta situação chegasse ao seu conhecimento, talvez não tivesse acontecido este choque entre o coreano e o nipo-brasileiro. Já que, se o atrito tivesse alcançado maiores proporções, seus alunos ainda que iniciantes estariam a par do acontecido, podendo assim acrescentar detalhes ao ocorrido.

Um de seus relatos sugere apenas uma discordância entre as técnicas realizadas pelos professores em suas respectivas práticas de luta. Este fato ilustra a confusão à compreensão da similaridade entre o Taekwondo e o Karatê. Certamente Watanabe pode ter afirmado que determinada técnica do Taekwondo era do Karatê, e a partir daí o debate haveria iniciado. Assim, Medeiros relata a fala de Yung Man Kim sobre a divergência:

“É mais o Watanabe bábábá, porque não sei o que. Por que esse golpe é do Karatê... bábábá”. Eu não entendia por que era uma iniciante em uma coisa da qual eu não tinha a mínima noção então eu não podia discernir. Mas havia controvérsias, e havia uma tal de divergência entre o Kim do Taekwondo e o tal do Watanabe, que eu nunca vi. (MEDEIROS, 2018)

Na fala de Barbosa surgiu a surpresa quando a mesma temática foi abordada. Após relatar as relações entre o Taekwondo e outras práticas de luta, o mesmo afirmou que não houvera qualquer tipo de atrito entre estes dois personagens icônicos das práticas de luta no Rio Grande do Sul. Surpreendentemente, conforme Barbosa, os dois se relacionavam muito bem e de certa forma alimentavam o mito de que não tinham boa convivência. Inclusive relata que os mesmos compartilhavam momentos de diversão na capital. Para Barbosa (2019):

Não tinha muito problema. O mestre Kim, ele se dava muito... nosso mestre se dava muito com o mestre Watanabe que era do Karatê, o Shotokan, tah? E ele tinha... Eles eram muito festeiros. Eles saíam muito, muito. Eles gostam de passar que não se gostavam um do outro, mas à noite saíam todos pra festa.

Barbosa relata que era taxista no centro de Porto Alegre à época, trabalhava à noite e treinava à tarde. E foi em algumas dessas noites de trabalho, que por vezes presenciou Yung Man Kim e Luis Watanabe juntos, e vestidos a caráter, dirigindo-se para algum tipo de diversão. Ele ainda detalha a vestimenta e o veículo no qual recorda de ver os mesmos naquelas noites:

Pegavam um Bugue que tinha lá, era muito conhecido, amarelo do mestre Watanabe. Saía o mestre Kim com o mestre Watanabe, saíam com aqueles tamancos coreanos bem altos. Aquelas roupas coreanas bem extravagantes, e saíam por aí pra fazer festa. Isso era muito conhecido, muito. (BARBOSA, 2019)

Entretanto, anteriormente à estas relações entre práticas e praticantes, foi necessária a chegada de Yung Man Kim ao estado. Ele estabeleceu-se na cidade de Porto Alegre, vindo da cidade de Maceió. Antes disso, inicialmente residiu no interior da Bahia, possivelmente em Cruz das Almas, cidade que teve forte imigração japonesa e coreana.

Yung Man Kim acabou abandonando o interior da Bahia por supostamente ter se envolvido em um desentendimento com um comandante militar de Lagoinha, chegando em Maceió em 1967, onde não fixou-se por muito tempo, passando ainda pelo Paraná e chegando ao Rio Grande do Sul em 1974:

Ainda naquele ano de 1967, transferiu-se para Maceió, Alagoas, onde montou academia no prédio da antiga Panificação Elétrica, Praça dos Palmares, Centro. Não ficou muito tempo, transferindo-se para o Paraná, onde também ensinou por algum tempo. Foi o introdutor do Taekwondo no Rio Grande do Sul, chegando a Porto Alegre em 1974, lá dando aulas em várias academias e formando uma das melhores equipes do país, na década de 70 (SANTOS; *et al.*, 2014).

Yung Man Kim, conforme sugerem seus antigos alunos e demais praticantes, enfrentou diversos desafios no estabelecimento da prática do Taekwondo na cidade de Porto Alegre. Era um exímio praticante. Na matéria da Zero Hora do dia 7 de março de 1976: “A luta de um coreano para os gaúchos” é relatado que Kim treinava Taekwondo desde os 13 anos de idade. Ele fazia uso de sua alta perícia no Taekwondo para difundir a prática que ainda engatinhava no Rio Grande do Sul.

Por meio de apresentações a céu aberto pelas ruas do centro de Porto Alegre, ele fomentava a prática e angariava alunos: “Consta que aquele pioneiro chegou ao Brasil na graduação de 3º Dan, pela Chin Moo Kwan, uma escola menor, na Coréia, e tinha excelente técnica e um Taekwondo bastante voltado para a luta.” (SANTOS; *et al.*, 2014). Era considerado um homem de temperamento forte, o que inclusive

teria sido o motivo pelo qual teria ido do interior da Bahia para Maceió em 1972 (NOGUEIRA, 2006).

Sobre Yung Man Kim recai a denominação de Introdutor do Taekwondo no Rio Grande do Sul, ele foi o primeiro a institucionalizar a prática. Ou seja, formalizar a sua prática dentro de um estabelecimento. Carvalho reforça esta alcunha: “Foi o mestre Yung Man Kim, que foi o introdutor do Taekwondo no Rio Grande do Sul.” (CARVALHO, 2018). Quando perguntado a Carvalho, a forma como teria conhecido o Taekwondo, ele inclusive aponta o ano em que Yung Man Kim chegou ao Rio Grande do Sul e iniciou as suas atividades com o Taekwondo município de Porto Alegre: “Eu assisti uma aula de Taekwondo pelo mestre Yung Man Kim, que foi o introdutor do Taekwondo em 1974 em Porto Alegre (CARVALHO, 2018).

Imagem 5: Yung Man Kim e as bandeiras



Fonte: Acervo pessoal Medeiros

Conforme Verônica Medeiros a foto acima foi tirada a pedido de Yung Man Kim. Ele teria mostrado a forma como gostaria que a fotografia fosse tirada e se

posicionou ao centro das bandeiras nacionais do Brasil e da Coréia do Sul. A presença das bandeiras na imagem, feita propositalmente, faz emergir a representação que Kim buscava construir, com identidade coreana e brasileira, um propagador da cultura coreana por intermédio da prática da luta. Para Burke (2004, p. 44) estes acessórios presentes em imagens ajudam a compreender essa construção de representação própria: “Os acessórios representados junto com os modelos geralmente reforçam suas auto representações”.

Estes indícios também dão pistas a respeito da construção da sua identidade étnica, e o reconhecimento da nova pátria, o Brasil, como o país que lhe acolheu. Assim esta escolha por um cenário ideal, que contemplasse suas representações de mundo assim como a identidade que representava, desvelava uma série de representações que para Pesavento traduz a sua prática social:

Como integrantes do imaginário social, as representações identitárias são matrizes de práticas sociais, guiando as ações e pautando as apreciações de valor. Elas se traduzem, pois, não apenas em performance de atores, mas em discursos e imagens, cumprindo alguns a função de verdadeiros ícones de sentido, altamente mobilizadores. (PESAVENTO, 2003, p. 55)

Em seu *dobok* podemos visualizar as duas bandeiras. À esquerda do peito a bandeira da Coréia do Sul, e à esquerda a brasileira. Podemos ver também outros dois patches presentes em seu *dobok*. O presente na manga direita é o emblema da ITF, e à esquerda o emblema de seu clube o Kim Taekwondo Clube. A utilização do símbolo da ITF na manga pode estar sinalizando uma resistência às mudanças propostas pela WTF na figura do *Kukkiwon*. Para Medeiros:

Houve mudanças de uma federação, mudanças internas nas federações e muitas dessas mudanças tinha que fazer “não sei o que”, e o Kim se desagradou. Eu acho que essa World Taekwondo Federation deve ter surgido por ocasião em que o Taekwondo fez a primeira demonstração olímpica, talvez referente à essas mudanças para as olimpíadas, entendeu, também não agradaram. (MEDEIROS, 2018)

O relato acima apresenta o descontentamento de Kim com as novas diretrizes da prática de luta a nível organizacional ao final da década de 1970. Ainda que Medeiros tenha ligado estas mudanças a um acontecimento bem posterior às estas mudanças, no caso a apresentação do Taekwondo nos Jogos Olímpicos de 1988 em Seul, às mudanças propostas pela WTF, e, substituição às da ITF foram profundas. E certamente não geraram resistência apenas em Kim, mas em todos os praticantes formados neste modelo de inicial prática de luta proposto e difundido por Choi Hong Hi. Ou seja, estas mudanças de certa forma desestruturaram Yung Man

Kim, que viu se estabelecerem novas classificações e divisões naquilo que praticamente definia seu modo de vida. Para Pesavento (2003, p. 22):

Implica que esse grupo vai impor a sua maneira de dar a ver o mundo, de estabelecer classificações e divisões, de propor valores e normas, que orientam o gosto e a percepção, que definem limites e autorizam os comportamentos e os papéis sociais.

Em outras palavras, conforme Medeiros, Kim não teria conseguido se encaixar nestas mudanças de diretrizes. Acabou assim, em julho de 1978, indo embora para São Paulo. De onde voltara apenas brevemente para conversar com seus alunos e de certa forma passá-los para o mestre Te Bo Lee. Medeiros completa com o relato abaixo:

Um ano, em (19)78 ele foi embora. Acho que junho, julho de 78, ele foi embora pra São Paulo... Foi embora por que houveram umas mudanças nas federações, e umas novidades, ele não se entrosou. E ele foi embora por causa disso. (MEDEIROS, 2018)

Ainda na chegada de Kim a Porto Alegre o mesmo não tinha atingido o 4º Dan, ou seja, a fins ao de organização interna para o Taekwondo, ainda não era mestre. No Taekwondo somente são chamados de mestres os praticantes que atingem o 4º Dan. Entretanto, naquele contexto, os alunos já o chamavam assim. O mesmo foi alcançar o 4º Dan alguns anos após sua chegada a Porto Alegre. Medeiros relata essa particularidade:

Quando eu treinei com o famoso Yung Man Kim, que não era, mestre na época, pelo que eu saiba ele não era nem 3º Dan. Parece que o Te Bo Lee regularizou a situação dele, por que o Te Bo Lee veio para regularizar a situação do Taekwondo no Rio grande do Sul." (MEDEIROS, 2018)

Medeiros relata que Kim era muito preocupado com seus alunos no aspecto técnico, o que será tratado com mais profundidade no capítulo referente às aulas. Mas também aflora em seu depoimento vestígios de sua preocupação com a manutenção de seus alunos praticando Taekwondo. Assim como tinha certa consciência do público que ele alcançava. Um aumento de suas mensalidades, por exemplo, poderia representar uma grande perda de alunos. Conforme Medeiros (2018):

Então, eu achava o Kim muito técnico, muito veloz e muito interessado nos alunos dele. Ele amava o que ele fazia, e ele gostava dos alunos dele. Ele podia brigar contigo dentro da sala de aula, mas ele era pelos alunos. Uma vez ele disse assim: "fulano", que eu não me lembro quem é a pessoa que disse pra ele, "por que não aumenta a mensalidade?!... Aumenta! A mensalidade muito baixa!", ele dizia: "Não pode aumentar mensalidade, meu alunos muito pobres, não pode aumentar mensalidade, não pode".

Então ele pensava no aluno... no que o aluno podia, e no que ele não podia pagar também, né, e não perder os alunos.

Este tipo de discurso pode ter cativado ainda mais os seus alunos. Medeiros ainda completa justificando que o tratamento como mestre era em função da admiração que os alunos sentiam por ele. E, também pelo reconhecimento do mesmo por ter sido pioneiro da prática no estado: “A gente chamava ele de mestre hoje por uma questão de carinho e reverência, e até de dever, de chamar ele de mestre. Foi o introdutor do Taekwondo aqui. Né?”. (MEDEIROS, 2018)

Imagem 6: Yung Man Kim e Myung Joon Kim



Fonte: Acervo pessoal Medeiros

A imagem acima mostra Yung Man Kim observando uma atividade em sua academia. Nela Kim está entre diversas pessoas de maneira descontraída, parece que o mesmo tinha bastante proximidade dos alunos, não exercendo a distinção que poderia exercer como mestre. Esta distinção comumente é apresentada em formas de se postar em posição de destaque, ou não ocupar locais comuns aos demais praticantes. Entretanto, a não ser nas situações comuns de posicionamento ao dar

aulas e na imagem 14 onde buscou representar ser difusor da cultura coreana em solo brasileiro, o mesmo demonstra proximidade aos demais praticantes.

Nesta imagem podemos ver também a figura de um senhor sentado junto à escada, acompanhando atividade que estava acontecendo. Segundo Medeiros, este era o pai de Yung Man Kim. Ele estava na cidade, vindo de São Paulo por alguns dias, para visitar o seu filho. Esse indício é muito importante, haja vista que não se encontrou registro algum de entes próximos a Kim que estivessem residindo no Brasil em nenhum dos documentos. Conforme o registro de entrada de estrangeiros no Brasil, seu nome era Myung Joon Kim. Medeiros faz um breve relato sobre o mesmo:

Eu conheci o pai do Kim, eu tenho um foto do pai do Kim. Tá aqui nas minhas fotos saiu nas minhas fotografias. Ele, muito tranqüilo ele... Ele: “Senholita hoji muito bunita”... (risos e risos)... Muito querido o velhinho, está numa foto minha aqui, o pai do Kim. (MEDEIROS, 2018)

Inicialmente, a prática do Taekwondo no Rio Grande do Sul foi institucionalizada na Academia Rui Barbosa, onde iniciaram com as primeiras turmas, ainda com poucos alunos e com dificuldade em virtude do preço das mensalidades. Conforme matéria do jornal O GLOBO, Yung Man Kim já se queixava à época do valor das mensalidades e a preocupação dos estabelecimentos em lucrar em detrimento de ensinar: “– As academias usam a luta para comércio. Cobram mensalidades altíssimas e não ensinam o suficiente” (O GLOBO, 1974, p. 24).

Na capital Gaúcha, no ano de 1974, a oferta às práticas de luta era bem diminuta, restando poucas opções. Como já citado, havia o Karatê e o Judô. Assim, quando o Taekwondo emergiu a partir da chegada de Yung Man Kim à cidade, muitas pessoas foram atraídas à pratica do Taekwondo, que se tornara uma terceira opção dentre as práticas já estabelecidas na capital. Conforme Barbosa foi por meio dos jornais que o Taekwondo foi sendo promovido em seus primeiros momentos em solo riograndense, o que gerou curiosidade:

Pois, é foi uma coisa bem... foi uma coisa bem estranha porque na época em Porto Alegre só tinha Judô e Karatê, Shotokan. Né? E era uma academia na Rui Barbosa na Caldas Júnior no centro da cidade. Então eu treinava com um amigo meu que ele não era nem preta de Karatê era marrom, e a gente viu uma matéria no Correio do Povo falando em coreano que havia chegado aqui em Porto Alegre é... com um novo estilo de arte marcial o Karatê Coreano. E aí a gente, não só eu como outros também, acharam interessante. E eu quis conhecer. (BARBOSA, 2019)

A curiosidade gerada pela matéria onde Kim era representado realizando algum de seus golpes era contemplada quando os leitores desta chegavam ao local da primeira academia onde Kim realizava as aulas. As representações em torno das práticas de luta negociadas à época pareciam encaixar com o perfil de Yung Man Kim. O que era complementado com a observação de suas técnicas em aula. Barbosa e um amigo, que ficaram curiosos com o anúncio, foram ao estabelecimento constante na matéria do jornal:

Isso me chamou atenção e eu e mais um amigo meu fomos no outro dia conhecer este mestre. Isso era na Independência em cima da lavanderia Milka, bem no início da Independência. E tinha uma academia, um prédio velho lá e ele tava dando aula. Chegando lá eu me deparei com um... aquele oriental assim, bem os traços, estilo Bruce Lee assim, cabelo bem liso um cara baixo assim, de estatura média, rasgado e dando um chutes bonitos, uns chutes altos, e não sei como é que era... chute lateral, frontal, fazendo espacato assim.(BARBOSA, 2019)

Segundo Carvalho, as práticas de luta em Porto Alegre eram bem restritas e pouco conhecidas. Sendo, apenas a partir de 1974, por meio das apresentações, que o Taekwondo começou a ter visibilidade e tornar-se popular. As apresentações a partir de 1975 se tornaram o principal vetor de difusão da prática no estado. Já que o Taekwondo era ainda neste momento pouco conhecido e praticado no Rio Grande do Sul. Assim, para Carvalho (2018):

O Taekwondo era desconhecido no Rio Grande do Sul, até porque o mestre Yung Man Kim chegou em agosto ou setembro de 1974. As artes marciais eram muito restringidas, e pouco populares, e a partir dali o taekwondo com várias apresentações, principalmente em Porto Alegre foi se tornando uma arte marcial brilhante.

Além de se tratar de uma novidade, segundo Carvalho, o trabalho realizado era peculiar e este fato fazia com que fossem atraídos muitos praticantes. Ele aponta que havia um grande número de alunos praticando à época em que a academia de Kim já havia saído da galeria Milka e situava-se na rua Sete de Setembro, no centro de Porto Alegre. Conforme Carvalho:

Era uma novidade, e como o trabalho que ele realizava era fora do comum, após ter fechado a academia na... em cima da lavanderia Milka, perto do IPA ela foi transferida para Meibukan, na rua 7 de setembro, centro de Porto Alegre. E lá nós chegamos a ter aproximadamente 600 alunos praticando. (CARVALHO, 2018)

Carvalho, no relato abaixo, dá um pequeno panorama dos locais onde Yung Man Kim manteve a prática do Taekwondo institucionalizada desde a sua chegada à Porto Alegre. Inicialmente na Academia Rui Barbosa acima da lavanderia Milka, passando pela academia Meibukan, locais onde os estabelecimentos pertenciam a

terceiros e se caracterizavam pela oferta de várias práticas de luta (LEDUR; CARMONA; MAZO, 2013). Até que o mesmo abrisse sua própria academia na Rua José Montauray, nº 25, esquina com a Rua Uruguai. Local onde, hoje em dia (2019) se encontra um novo prédio comercial. Abaixo Carvalho relata este acontecimento:

Eu comecei na academia acima da lavanderia Milca, lá na, perto do IPA. Depois foi pra academia Meibukan. E foi na academia Meibukan que eu me formei faixa preta. Na verdade, meu exame foi feito em Caxias do Sul, mas treinava na academia Meibukan. Ah... Tivemos também um trabalho na José Montauray, esquina com a... Ah eu não me lembro, bem ali no centro de Porto alegre. Ali a gente treinou muito. Na verdade a gente saiu da academia Meibukan que não era do Mestre Kim e ele colocou a sua própria academia na José Montauray. (CARVALHO, 2018)

No imaginário do portoalegrense da década de 1970 as práticas de luta eram praticamente iguais, não havendo distinção entre elas, desde apelidar o Taekwondo como Karatê coreano, a confundi-lo com o Judô. Para Pesavento (2003, p. 23): “O imaginário é histórico é datado, ou seja, em cada época os homens constroem representações para conferir sentido ao real”. Medeiros, por exemplo, procurava conhecer a prática do Judô. Um de seus colegas de trabalho indicou um local onde ele sabia que era praticado o Judô. Então, seguindo o conselho do colega, Medeiros se dirigiu até a Rua José Montauray nº 25, no centro de Porto Alegre para iniciar seus treinamentos, chegando lá se deparou com uma prática de luta que nunca ouvira falar. Entretanto, ficou para treinar, o que faz até hoje, passados 45 anos:

Eu disse “ahh eu vim aqui pra me inscrever no Judô”, - “ahh mas aqui não tem Judô, tem Taekwondo”, e eu “ mas o que que é isso?” eu perguntei pra ela “O que é isso?” –“Ah é o Taekwondo...” – “Mas o que que é isso, nunca ouvi falar” –“É uma arte marcial coreana”(MEDEIROS, 2018).

Dentre as primeiras localidades em que o Taekwondo passou a ser praticado, após sua chegada a Porto Alegre, está o município de Canoas. Conforme evidências, já em 1976 a prática havia alcançado adeptos, tendo as aulas realizadas por Celso Carvalho no extinto Clube Grêmio Niterói: “Bom aí, na verdade. Eu comecei a ensinar o taekwondo em 1976, em Canoas no Clube Grêmio Niterói” (CARVALHO, 2018). Entretanto, mesmo antes da difusão do Taekwondo na região Metropolitana de Porto Alegre, o Taekwondo parece ter alcançado primeiramente a região da Serra Gaúcha.

Carvalho, um dos pioneiros da prática na região metropolitana e no estado, relatou ter realizado seu exame de faixa para a graduação de faixa preta na cidade de Caxias do Sul. Devido ao fato de Caxias do Sul ter sido eleita como sede de um

exame de faixas pretas, emerge o indício de que ali já havia rede significativa de praticantes, corroborando com informações anteriormente mencionadas, que apontam esta localidade como um pólo de difusão do Taekwondo logo da chegada de Yung Man Kim à cidade de Porto Alegre.

Naquele momento, Caxias do Sul, não só servia de base para exames de faixa, mas também para competições a nível estadual a partir de 1977. A partir dela o Taekwondo angariou também praticantes nas cidades de Garibaldi, Farroupilha e Bento Gonçalves. Como cita o Jornal de Caxias em matéria do ano de 1977: “Garibaldi, Bento Gonçalves e Farroupilha, onde o Tae Kwon-Do está ganhando cada vez mais um número maior de praticantes” (Jornal de Caxias, 1977, p. 25).

a) A difusão da prática e as apresentações

Com a chegada de Yung Man Kim em Porto Alegre, o Taekwondo começa a dar os seus primeiros passos no Rio Grande do Sul. Por meio de diversas apresentações ao público, o Taekwondo foi arranjando espaço entre outras práticas de luta e se consolidando na região. Nestas apresentações eram mostradas as mais diversas técnicas da então recém chegada prática de luta ao estado.

Estas atividades se deram inicialmente em Porto Alegre, o que gerou a adesão de diversos praticantes que, nas palavras de Carvalho (2018), maravilhavam-se com as técnicas apresentadas. Com o crescimento do número de praticantes, Kim pôde impulsionar o alcance das apresentações que chegaram a outras regiões do Rio Grande do Sul. Assim iniciou-se a difusão do Taekwondo em áreas como a Serra Gaúcha, o litoral norte, alguns municípios do interior, e, principalmente, a região metropolitana de Porto Alegre: “Ele ia ali em Montenegro, ia em Campo Bom, ia lá em Gramado, ele circulava este Rio Grande do Sul. Eu sei por que ele falava aonde eles iam” (MEDEIROS, 2019).

A região metropolitana de Porto Alegre teve importante papel na consolidação da prática do Taekwondo. Foi um dos pólos iniciais, juntamente com Caxias do Sul na difusão da prática do Taekwondo. Este impulso contou com forte determinação de Kim. O mesmo estimulava muito a ida dos alunos às demonstrações, até com alguma veemência, conforme relata Medeiros (2018):

Outra coisa, ele promoveu o Taekwondo, por que ele ia demonstrar aqui, demonstrar ali, “vamos fazer aqui, demonstrar ali. Brigava com o aluno “por que não vai?”, “- não acho que é melhor não” “por que não vai?!? Vai,

vai, vai na demonstração sim!!". Ele instigava pra pessoa ir, ele era duro, entendeu, e talvez por isso eu tenha resistido por que eu também era dura.

Um exemplo desta busca por exposição por meio das apresentações se deu, a partir de 1974, nas primeiras edições da EXPOINTER¹³, no Parque Estadual de Exposições Assis Brasil (PEEAB), cidade de Esteio (Região Metropolitana de Porto Alegre). Evento que reúne, ainda hoje, grande público e cobertura da mídia: "A gente foi a primeira equipe a se apresentar na Expointer em Esteio, naquela feira que acontece todo ano aí. Que até hoje acontece, em Esteio" (BARBOSA, 2019).

Barbosa explica ainda, que por Kim ter dado aulas à Polícia Civil e Federal, era muito bem relacionado. E por este motivo, através de contatos no Correio do Povo, conseguiu autorização para realizar uma de suas apresentações na Expointer. A partir daí, conseguiu mais visibilidade e interesse do público, sendo convidado a fazer suas apresentações em diversos locais:

Então, nas primeiras Expointer. As primeiras desde, acho, a segunda ou a terceira. Ele já... Através da edição do Jornal Correio do Povo. Era conhecido que ele deu aula pra polícia federal aqui de Porto Alegre. Né? E pra polícia civil. Então mestre Kim, ele era muito relacionado, e o pessoal perguntou um pouco antes da Expointer. E a gente começou a se apresentar nessas feiras, qualquer feirinha que tinha. (BARBOSA, 2019)

As apresentações ocorriam onde houvesse chance de atrair o público, como praças e locais de grande concentração de pessoas, assim como no espaço das próprias academias. Conforme Barbosa (2019): "A gente começou a se apresentar nessas feiras, qualquer feirinha que tinha. Qualquer... tinha uma festa digamos em Ipanema lá, como é o bairro lá? Assunção! A gente reunia os atletas: vamos lá fazer uma apresentação". Essa estratégia angariava alunos que passavam a conhecer a prática ao ir assistir as aulas, e acabavam optando por iniciar seus treinamentos, como relata Carvalho (2018):

Essa aula que eu assisti foi dezembro de 74, exatamente dia 30 de dezembro. E fui convidado assistir uma demonstração, que ele realizou no dia 1º de janeiro de 1975, e fiquei deslumbrado com a técnica do Taekwondo, tão fascinado eu fiquei que no dia 2 já estava matriculado.

Naquele momento, suas apresentações já eram muito conhecidas, e a academia era convidada a realizá-la em lugares inusitados. Um destes lugares incomuns, onde foram realizadas apresentações de Taekwondo, foi no extinto Cine

¹³Mais informações sobre o evento no endereço: <https://www.expointer.rs.gov.br/historia> acesso em: 06/05/2019

Theatro Carlos Gomes¹⁴, no centro de Porto Alegre, localizado rua Rua Vigário José Inácio, 355. Onde, antes da projeção de filmes de práticas de luta como “When Taekwondo Strikes¹⁵” (1973), os alunos de Kim apresentaram-se:

Então, era muito conhecido as demonstrações de Taekwondo, em qualquer festa, em qualquer local que surgia nós éramos convidados pra apresentar o Taekwondo. Sempre, sempre. Qualquer festa grande, na cidade o Taekwondo estava. Eu lembro de uma época que nós nos apresentamos no Antigo Cinema Carlos Gomes. Ali foi uma das primeiras vezes que a gente se apresentou dentro do cinema assim. Nossa foi uma coisa bombástica de kimono branquinho... Era um circuito de filmes, né? De ação, de vários... (BARBOSA, 2019).

Além destes locais inseridos na capital ou na região metropolitana de Porto Alegre, como praças, clubes e cinemas, as apresentações lideradas por Yung Man Kim também alcançaram o litoral, contribuindo assim, para difusão do Taekwondo como um todo. Este trabalho desenvolvido por Kim e seus alunos trouxe visibilidade ao Taekwondo, alcançando diversos públicos que consumiam os produtos fruto da indústria das práticas de luta da década de 1970. Barbosa relata uma das atividades realizadas no litoral, neste fluxo de apresentações:

A gente fez uma apresentação no cinema Carlos Gomes. Fizemos apresentações na Praça da Matriz. Fizemos apresentações em Ipanema. Em Expointer, em várias... Na praia! Nossa, na praia o mestre Kim fazia muito esses torneios no litoral. Aí montava um palco e a gente fazia umas lutas lá (BARBOSA, 2019).

Os convites frequentes para realização de apresentações muito se deve ao alto apelo que as atividades inclusas nas apresentações demonstravam. As atividades que iam desde lutas combinadas, a saltos por dentro de círculos em chamas, chamavam atenção também pela altura da realização dos golpes, fazendo jus à alcunha do Taekwondo, à época, como a “Arte dos Homens Voadores”:

Ã.. na verdade quando acontecia, as apresentações com chutes voadores a dois metros de altura, pulando por cima de várias pessoas, quebrando tábuas, tijolos, pilha de 6, 7, 8 tijolos. Então simplesmente impressionou demais a ponto de que as solicitações eram muitas para as demonstrações em festas, eventos, clubes. Desta forma que o taekwondo foi bastante divulgado no Rio Grande do Sul (CARVALHO, 2018).

¹⁴ Mais informações sobre o estabelecimento e sua história no endereço:

<http://www.labaudiovisual.com.br/labav/wp-content/uploads/2017/10/As-transforma%C3%A7%C3%B5es-do-Cine-Theatro-Carlos-Gomes-1923-%E2%80%93-2002.pdf>

acesso em: 06/05/2019

¹⁵ Mais detalhes sobre o filme no endereço: <https://filmow.com/when-taekwondo-strikes-t204810/ficha-tecnica/> acesso em: 06/05/2019

As atividades dentro das apresentações eram as mais diversas. Havia técnicas comuns a todo o grupo, como: as formas (*Hyung, Palgwes, Poom-saes*) que são movimentos pré-estabelecidos nas quatro direções contra inimigos imaginários; as técnicas de defesa pessoal combinadas, *Sebom Kyorugui*, à época nomeadas de Sambo Derion; e as técnicas de braços e pernas. Outro dos pontos fortes das apresentações se dava quando Kim e seus alunos, de acordo com suas especialidades, compunham, complementarmente, o corpo da atividade com técnicas individuais: “Quebramentos de várias formas, de telha, tijolos, madeira (BARBOSA, 2019).

Em uma destas atividades individuais, eram arrumadas pilhas de oito telhas de barro. Kim preparava-se à frente delas, realizava o *Kirab* (grito de energia), e desferia nas telhas um golpe com a cabeça. Este golpe partia todas as telhas ao meio, e era realizado sem qualquer tipo de proteção contra o choque da cabeça contra estes materiais. Barbosa relata esta atividade com detalhes, como a quantidade de telhas e o ferimento que por vezes era causado:

O mestre Kim gostava muito de fazer aquele quebramento, onde ele botava ali, era fã disso aí, quebrava com a testa. Ele que começou com isto. Ele colocava oito, dez telhas assim, e batia com a cabeça sem proteção. As vezes ele chegava com um corte assim (BARBOSA, 2019).

Na imagem abaixo podemos ver Carvalho em uma apresentação realizada em um campo de futebol. O mesmo está performando um quebramento de telhas semelhante ao relatado por Barbosa, acima. Ele, ao contrário de Kim, utilizava proteção do choque entre a cabeça e as telhas. Entretanto, a quantidade de telhas a serem quebradas é semelhante, já que pilha foi preparada com oito telhas, suspensas por dois tijolos.

Imagem 7: Apresentação em campo de futebol



Fonte: Acervo pessoal Carvalho

Outro exemplo de atividade consistia de um aluno segurando um tijolo maciço com as duas mãos, enquanto Carvalho preparava, com concentração, o golpe a ser desferido contra o tijolo. Realizava o *Kirab* e em seguida o golpe. Com “o cutelo da mão” partia o tijolo em duas partes maiores e outras esfareladas pela potência do golpe, executado de fora para dentro. A imagem abaixo, ainda que tenha sido retirada anos após o falecimento de Yung Man Kim, apresenta Celso Carvalho, realizando a atividade de quebraimento de tijolo com a mão.

Imagem 8: Quebramento de tijolos



Fonte: Acervo pessoal Celso Carvalho

Barbosa relata que tomava certa distância de quatro ou cinco pessoas, que eram postas abaixadas e perfiladas umas ao lado das outras ao solo: "Eu gostava de fazer com Tuio Iop Tchagui¹⁶, que era pulando por cima de quatro cinco pessoas" (BARBOSA, 2019). Ele corria rapidamente e saltava sobre elas até acertar, um pouco a frente, e sem tocar o solo, um chute lateral (*Iop tchagui*) na madeira que estava sendo segurada por outro de seus colegas. O golpe aéreo partia a madeira ao meio. Esta performance também tinha como companhia nas apresentações os quebramentos múltiplos no ar. Onde diversos materiais eram destruídos no mesmo salto e aumentavam a fama acerca dos "Homens Voadores", ainda que erroneamente chamado pelo público de Karatê Coreano:

O cara vinha correndo e dava um salto e dava três, quatro chutes no ar sem cair no chão e quebravam três, quatro telhas... Vários alunos faziam isso com madeira e tal. Isso chamou muito atenção de todo mundo, todo mundo queria conhecer que arte marcial era esta, este Caratê coreano que os homens voavam (BARBOSA, 2019).

O relato de Barbosa menciona também a realização de uma atividade com *nunchako*, atividade que o mesmo gostava de realizar. Além disto, detalha as

¹⁶ Chute lateral saltando.

atividades de defesa-pessoal que eram realizadas. Estas atividades contavam com diversas variações simulando situações que poderiam acontecer no dia-a-dia, e estas impressionavam o público que ainda desconhecia aqueles tipos de técnicas. Assim, conforme Barbosa (2019):

Eu também gostava de fazer nunchako, defesa pessoal. Se bom kiurugui a gente fazia muito, muito. Só que naquela época aquela coisa tinha muita ênfase, aquele pessoal que não conhecia, olhava e se apaixonava na hora. As defesas pessoais eram muito eficientes, né? Defesa contra faca, revolver, bastão. Situações com dois caras frente à frente numa cadeira. Uma situação no ônibus o cara vem e te ataca... tinha que fazer o contra-ataque.

Havia também, o salto por dentro de círculos em chamas, onde um dos alunos realizava uma corrida de poucos metros e saltava por dentro de um círculo em chamas. Após o salto, poderia haver uma madeira a ser quebrada, ou simplesmente a passagem por este objeto pegando fogo, situação que por si só já impressionava o público. Barbosa relata esta atividade: “Tinha umas coisas que a gente fazia assim, pulando. Ele criava um círculo, num aro, colocava fogo em volta e a gente saltava no meio. O mestre Celso passava, eu passava, várias coisas assim. Sempre tinha” (BARBOSA, 2019).

Outra das atividades realizadas e que trazia também grande impacto nas apresentações era uma em que uma maçã era posta na ponta de uma faca e ajustada em altura acima da cabeça. Assim como em uma variação onde a maçã era posta na cabeça de algum dos praticantes envolvidos na apresentação. Após esta preparação um dos taekwondistas realizava um chute giratório que explodia a maçã no ar: “Ah, aquele famoso tirar a maçã da cabeça da pessoa né? A maçã na ponta da faca.” (MEDEIROS, 2018). Barbosa também dá indício da atividade de retirar a maçã da cabeça com um golpe, ao explicar como Kim dividia as atividades da apresentação: “Aí escolhia quem ia lutar, quem ia tirar a maçã da cabeça” (BARBOSA, 2019).

O recurso das apresentações como meio de difusão do Taekwondo se deu muito, também, por não haverem grandes competições à época, além do fato de que, quando as mesmas passaram a ser realizadas, tinham muito intervalo de tempo entre a realização de um evento e outro: “Era muito espaçado, quase não tinha competição, era, eram muitas apresentações para divulgar o Taekwondo” (CARVALHO, 2018). Assim, com o movimento de divulgação do Taekwondo por

meio das apresentações, e a ocorrência de novos locais de práticas, emergem as primeiras manifestações da prática em caráter competitivo.

b) A emergência das competições

As competições de Taekwondo, geralmente, são realizadas em ginásios de esportes. As lutas, denominadas *Kyorugui*, são combates de um contra um, onde vence quem consegue marcar o maior número de pontos no adversário. Como regras básicas os dois competidores não podem socar no rosto, sair da área de combate, chutar o adversário abaixo da linha da cintura, ou agarrar.

Hoje em dia, modernos equipamentos eletrônicos fazem parte do combate. Eles vão desde sensores, a câmeras de alta definição, e tem por objetivo auxiliar a equipe de arbitragem. Tentando garantir um combate justo, que premie o praticante que melhor se adequou às regras e venceu seu adversário, de peso, idade, e graduação semelhantes.

Usam-se protetores de antebraço, caneleiras, protetores genitais, e protetor bucal. Além, claro, de protetor de tórax, capacete, luvas nos pés, e nas mãos. Estes são dotados de sensores que captam a potência dos golpes, a fim de confirmar se os chutes e socos desferidos, realmente impactaram os lutadores adversários. Assim, gerando a pontuação necessária para a avaliação do vencedor dos combates com eliminação simples. Entretanto, até que chegássemos a este aparato tecnológico, várias inserções, e modificações, foram realizadas nas regras e nos materiais atinentes ao combate nas competições de Taekwondo. No contexto do Rio Grande do Sul, inicialmente em Porto Alegre, não foi diferente. O combate nas competições iniciou de maneira bem simples, e nos dias de hoje, tenta-se acompanhar as modificações das competições a nível mundial.

Em Porto Alegre, inicialmente não eram realizados campeonatos de Taekwondo, o que se tinha eram apenas apresentações, conforme afirma Carvalho (2019) ao explicar que neste período haviam poucas competições: “Era muito espaçado, quase não tinha competição. Eram muitas apresentações para divulgar o taekwondo”. O que mais se aproximava das competições eram os encontros entre academias, onde as instituições se visitavam a fim de testar os conhecimentos de luta de seus alunos. Estas atividades se caracterizam como as primeiras manifestações de eventos competitivos da prática do Taekwondo, e fomentaram o surgimento das competições a nível estadual.

Entretanto, até mesmo estas primeiras manifestações só foram possíveis assim que foram formados os primeiros faixas-pretas. Momento em que estes passaram formar as suas equipes a realizar aulas em outras cidades. Quando foi aberto este novo horizonte, foi possível começar a realização destes encontros que no relato de Barbosa é indicado como “encontros marciais”. Assim, conforme Barbosa (2019):

O mestre Kim formou alguns pretas. Né? E já começaram a trabalhar em outros locais. E de vez em quando ele reunia pra fazer umas competições estaduais. Unia o grupo ah... vou pegar o grupo de Porto Alegre e vou levar até Novo Hamburgo ali. Vamos fazer um campeonato aberto. Nem chamavam de estadual, era um encontro marcial. Era assim que funcionava.

O 1º Campeonato Estadual de Taekwondo foi realizado apenas no ano de 1976. O Evento teve a realização da Federação Riograndense de Pugilismo, sendo realizado no ginásio do Instituto Porto Alegre – IPA, na Rua Coronel Joaquim Pedro Salgado, 80, atual bairro Rio Branco, Porto Alegre - RS. A competição se deu em um sábado, no dia 2/10/1976, dois anos após a chegada de Yung Man Kim a Porto Alegre no ano de 1974 (PIONEIRO, 1976). Carvalho (2019) também corrobora com o ano da realização do primeiro campeonato estadual de Taekwondo no Rio Grande do Sul: “Nós tivemos o primeiro campeonato estadual, em 1976, do qual eu me sagrei campeão, também.” Enfatizando também seu desempenho naquela competição de relevância histórica.

O intervalo de dois anos sem competições, entre a chegada da prática do Taekwondo à Porto Alegre e a realização do primeiro campeonato, se deveu ao pouco número de praticantes de Taekwondo que existiam logo da chegada da prática ao estado. O que talvez não suscitasse a realização de um evento em escala estadual. Barbosa comunga desta assertiva:

Os campeonatos? Assim... o pessoal treinava bastante e de vez em quando se encontrava. Só tinha Taekwondo ali, né. O que ele fazia, só treinava o pessoal que era da nossa academia, não tinha campeonato estadual, não tinha campeonato brasileiro, que foi mais ou menos há uns dois anos depois que o Mestre Kim chegou aqui, que surgiu o primeiro campeonato. (BARBOSA, 2019)

Entretanto, em apenas dois anos a prática já constituía rede, e quantidade de praticantes, para a realização deste tipo de evento, já que o 1º Campeonato Estadual contou com cerca de 120 participantes em 12 categorias. (PIONEIRO, 1976). Este campeonato teve também como objetivo selecionar atletas para o 2º Campeonato Brasileiro de Taekwondo no Rio de Janeiro. O campeonato nacional foi

realizado em 23 e 24 de outubro de 1976, e teve a participação de muitos atletas cuja delegação do Rio Grande do Sul era chefiada por Yung Man Kim.

No ano posterior à realização do 1º Campeonato Estadual de Taekwondo, Caxias do Sul recebeu mais uma edição deste evento. A cidade recebeu o 2º Campeonato de Taekwondo no dia 15 de novembro de 1977, sendo iniciado às 14 horas. A matéria do Jornal de Caxias, do dia 19 de novembro de 1977 noticia o evento e faz menção ao número cada vez maior praticantes (Jornal de Caxias, 1977, p. 25). Neste campeonato, Caxias do Sul sagrou-se campeã, tendo como adversária várias cidades da Serra Gaúcha como: Garibaldi, Bento Gonçalves e Farroupilha. Cabe salientar o estágio de difusão em que o Taekwondo já se encontrava neste ano, já que além de Caxias do Sul, alcançava outros municípios da Serra Gaúcha, tendo em Caxias um importante centros irradiadores da prática.

Caxias do Sul foi sede também do 3º Campeonato Estadual, a matéria “Caxias tenta o Bicampeonato Estadual de Tae Kwon Do” aponta que a cidade poderia aproveitar-se da realização do evento em seu município e tornar-se bicampeã. Podemos observar a atenção da matéria apontando as delegações de Porto Alegre e Pelotas, como cidades que poderiam ganhar o título. Outras cidades participantes também são destacadas como Bento Gonçalves, Garibaldi, Santa Maria, Novo Hamburgo e Canoas. Ilustrando outros pontos onde a prática do Taekwondo no ano de 1978 já era institucionalizada.

Ainda que até o ano de 1978 já tivessem sido realizados três campeonatos estaduais desde a chegada da prática ao estado, os campeonatos com amplitude estadual eram poucos. Observa-se no depoimento a seguir, que as competições tomaram forma sistematizada somente ao final da década de 1970 e início da década de 1980, quando o mestre Te Bo Lee (a chegada do mesmo à Porto Alegre será abordada mais à frente) inicia o seu trabalho com o Taekwondo no estado:

E as competições ainda eram poucas, em 1977, Chegou o Grão mestre Te Bo Lee, e fez um outro trabalho junto a federação, na verdade Federação de pugilismo, o Taekwondo tinha um departamento especial na Federação Riograndense de Pugilismo. Então a partir dali começaram a se realizar várias competições. (CARVALHO, 2018)

Ainda no relato acima, Carvalho explica um pouco a subordinação da organização máxima do Taekwondo no estado à época junto à Federação Rio grandense de Pugilismo. Desta forma, anteriormente à fundação da Federação Gaúcha de Taekwondo, a prática de luta era formalizada como órgão em um departamento especial da Federação Riograndense de Pugilismo. Esta Federação,

conforme matéria do Jornal de Caxias de (19/10/1977, p. 25), tinha como presidente Adalberto de Almeida Cozimbra, e como responsável pela direção do Departamento Especial de Taekwondo, Yung Man Kim.

A imagem abaixo mostra um campeonato após a chegada do Mestre Te Bo Lee, já em 1978. O ano da fotografia esta escrito à mão no canto superior direito da fotografia, e por se tratar do ano de 1978 muito provavelmente seja o terceiro campeonato estadual. Te Bo Lee está na mesa de arbitragem observando a luta com outras duas pessoas. A imagem nos apresenta alguns indícios das primeiras competições realizadas no estado. Assim como, papéis dos agentes na luta, os equipamentos utilizados na luta (*kiorugi*) e, os espaços para a realização das mesmas.

Imagem 9: Campeonato de Taekwondo em 1978



Fonte: Acervo pessoal Medeiros

Bem ao centro, Yung Man Kim está na função de árbitro, onde olha atentamente a luta entre dois praticantes que estão trocando chutes. Nestes primeiros eventos não se fazia uso de protetores além dos de tórax e genital. As caneleiras, protetores de antebraço, capacete, luvas nos pés e mãos não haviam sido incluídos nos equipamentos da luta competitiva. Na imagem, esta ausência se apresenta de maneira bem clara, à medida que os *doboks* dos dois lutadores, devido a movimentação, deixa à vista os antebraços e canelas. Neste sentido, Burke (2004,

P. 149) ratifica a importância o olhar atento às imagens e nos significados que elas podem apresentar:

O testemunho de imagens é ainda mais valioso porque elas revelam não apenas artefatos do passado (que em alguns casos foram preservados e podem ser diretamente examinados) mas também na sua organização; por exemplo, os livros nas prateleiras de bibliotecas e livrarias (Figura 48), os objetos exóticos arrumados em museus, ou os "gabinetes de curiosidades" como eram descritos no século XVII (Figura 49), com animais empalhados e peixes pendurados no teto, vasos antigos no chão, uma estatueta num plinto, objetos menores organizados nas prateleiras e outros ainda menores em gavetas.

A matéria do Pioneiro, Caxias do Sul, "Caxias tenta o Bicampeonato de Estadual de Tae Kwon Do". 09/12/1978, página 63, indica o uso de protetores, ou o uso do único protetor utilizado em luta no 3º Campeonato Estadual de Taekwondo: "... dada a sua violência os lutadores usam para a sua proteção um escudo de bambu forrado de lona forte". A notícia indica o uso dos protetores de tórax nas competições, neste discurso representado pela expressão escudo de bambu. Cabe ressaltar que assim como na imagem acima não há indícios do uso de outros protetores auxiliares, tais como caneleiras ou capacetes.

A crítica aos modernos equipamentos e regras do Taekwondo praticadas atualmente são bem comuns em praticantes de outros períodos históricos. Principalmente aqueles que iniciaram seus treinamentos muito antes de sequer ser cogitada a entrada Taekwondo para os Jogos Olímpicos. A crítica recai sobre o modo de combate aparentemente brando, observado na atualidade, em relação aos combates da década de 1970, por exemplo. Segundo Barbosa, as lutas naquele contexto, e mais especificamente aqui no estado, eram muito fortes:

E com esse modernismo, com essa tecnologia que existe em cima das competições e de coletes eletrônicos, capacetes eletrônicos, e na época não tinha nada disso. Então o que lembro era que as lutas eram, realmente eram verdadeiras lutas, de braço, de guerra, mas no bom sentido. De quem ganhasse mesmo, entendeu? (BARBOSA, 2019)

Apesar destas representações envolverem combates mais próximos de uma luta real, considerando uma situação de perigo, assim como destacado por Barbosa, as mesmas lutas eram permeadas pelas representações de arte marcial que se constituíam no imaginário dos praticantes à época. Onde, apesar de estarem envolvidos em um combate corporal, o discurso dos praticantes era de respeito e cordialidade. Sobre este aspecto, Carvalho colabora acrescentando que a luta era "muito forte", entretanto, o que se cultivava era um espírito fraternal: "A disputa era

esportiva, a competição era muito forte, mesmo. Mas terminava a competição todo mundo se abraçava, todo mundo era amigo.” (CARVALHO, 2018).

As características de uso de protetores apenas para o tórax era também um reflexo do que se utilizava nas competições em outras regiões do Brasil. A matéria abaixo, do jornal Correio Braziliense, traz uma imagem onde é retratada uma luta em competição de Taekwondo onde, assim como no Rio Grande do Sul, é utilizado somente protetor de tórax. O mesmo se aplica também à utilização de materiais que suavizassem as quedas como os *tatames*, ou seja, as lutas de maneira geral eram realizadas diretamente nos pisos das quadras esportivas.

Imagem 10: Academia Choi promove exame

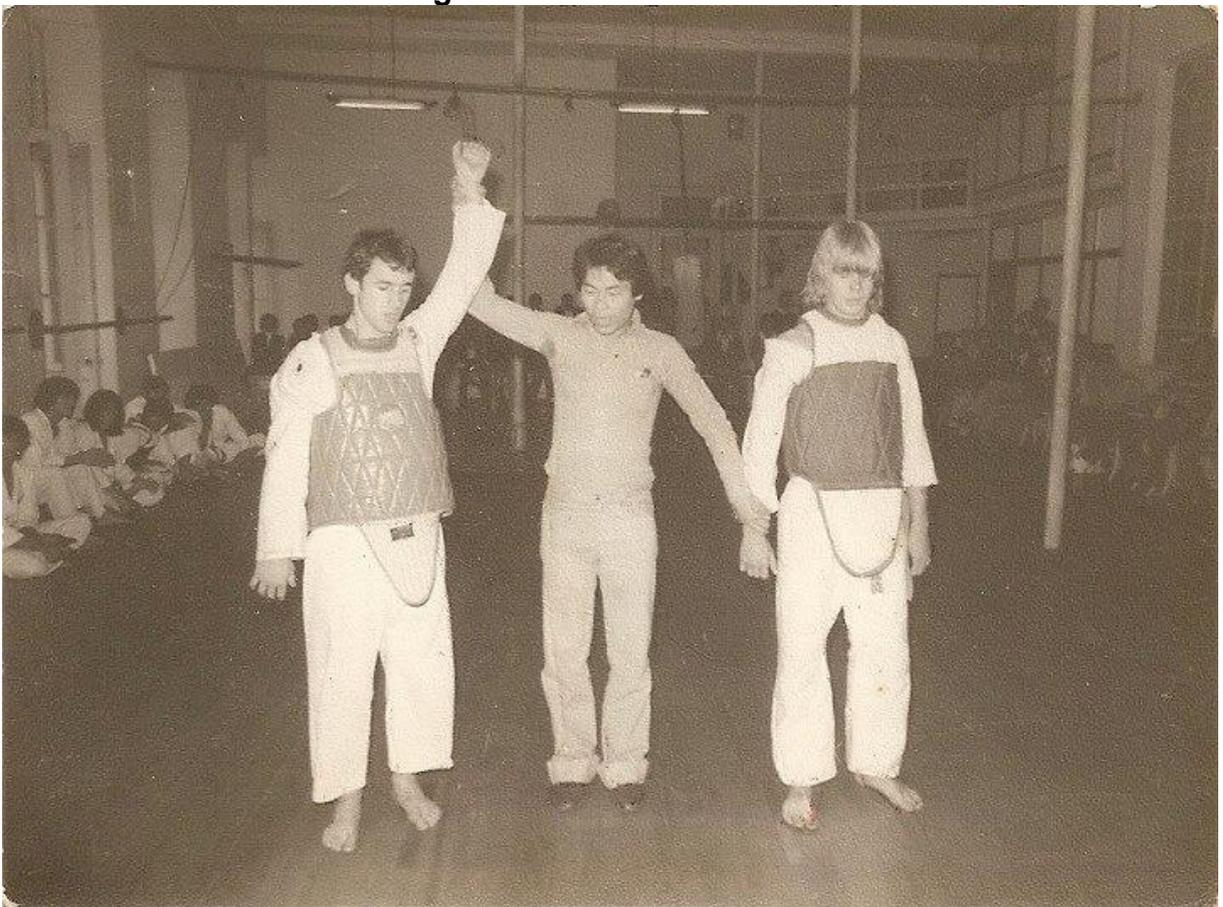


Fonte: Hemeroteca Nacional

Nas lutas eram permitidos chutes no tórax e “... sua regra de competição permite o chute acima da faixa da cintura, mesmo no rosto...” (PIONEIRO, 1978, p. 63), não podendo ser realizado soco no rosto, chute abaixo da linha da cintura, agarrar, ou sair da quadra. Estes atos eram denominados como faltas, e era de incumbência do juiz punir os lutadores que as realizasse, e estas eram subtraídas dos pontos feitos no intervalo entre os rounds. Punições graves, como golpes na área genital e socos no rosto, poderiam desclassificar os lutadores simultaneamente.

Nas competições, para a marcação dos pontos, havia juízes que eram posicionados ao lado das marcações de área de luta que anotavam em pequenos papéis, à caneta, os pontos realizados por cada lutador. Entre os rounds estes papéis eram entregues ao árbitro, e este informava aos lutadores qual o placar parcial da luta. Ao final de três rounds de três minutos, o árbitro chamava os dois lutadores, sem informar o placar, segurava a mão dos dois, e erguia somente a do vencedor. A imagem abaixo ilustra este momento, onde Yung Man Kim levanta o braço do praticante à esquerda da fotografia, indicando a vitória do mesmo sobre o adversário.

Imagem 11: Momento da vitória



Fonte: Acervo pessoal Medeiros

A imagem acima mostra também que a luta ocorria sem o uso de *tatames*, ou qualquer tipo de piso que fosse colocado sobre o chão rígido da quadra de esportes. A área de combate era demarcada por fitas adesivas coladas no chão. Estas fitas demarcavam além do espaço de luta, o local onde os lutadores deveriam se posicionar ao início do combate, e no início de cada round.

No contexto da década de 1970, e muito provavelmente por encontrar-se subordinado à Federação Riograndense de Pugilismo, o Taekwondo implementava

nas competições as mesmas divisões de peso utilizadas nas categorias do boxe. Conforme a matéria do jornal Pioneiro: “O TAE KWON DO como no Box é dividido em categorias de peso, sendo que vai de peso leve que é de 50 kg até peso pesado acima de 85 kg” (PIONEIRO, 1978, p. 63). Esta matéria ilustra também a disparidade entre o modelo de divisão de categorias de luta com o vigente hoje em dia. Naquela altura, somente havia a distinção de categorias por peso, sem haver divisão por graduação (faixa).

Desta forma, após ter chegado a Porto Alegre, passando pela difusão por intermédio das apresentações e chegando aos eventos competitivos a nível estadual, o Taekwondo se solidificou no Rio Grande do Sul. Entretanto, cabe ainda retratar como se davam as particularidades da prática no interior das academias, o que será abordado no próximo capítulo tendo como molde as aulas realizadas por Yung Man Kim e formação de seus alunos.

frente e à direita. Esta formação se mantinha para a realização de várias das técnicas básicas de pernas e braços. O professor explicava e dava os comandos à frente da turma, de onde corrigia os aspectos técnicos da execução dos golpes. Entretanto, antes do início da execução de todas as técnicas e aquecimentos havia a saudação às bandeiras (Brasil e Coréia do Sul), ao professor, e a realização do “Eu prometo”. Barbosa afirma que Kim era muito sério neste ponto e somente a partir deste cerimonial inicial é que se iniciava a aula:

Ele sempre foi muito rígido quanto à questão da filosofia do Taekwondo. As aulas começavam sempre com saudação. Como que é hoje. Tchariot, kiunhé. Saudava o grão mestre por que era Kwanjanin na época. Saudava ele, e já podia começar a aula. (BARBOSA, 2019)

Na imagem abaixo podemos visualizar uma atividade onde os praticantes estão aguardando um comando de execução. Nela podemos ver os alunos em na formação, de maneira que o aluno à esquerda da foto, e à direita da formação é o mais graduado, neste caso faixa preta. Até chegarmos ao último aluno, o menos graduado na ocasião.

Imagem 13: Alunos aguardando comando



Fonte: Acervo pessoal Medeiros

Apesar da imagem se apresentar em preto e branco, podemos afirmar que, no mínimo, os seis primeiros praticantes são faixas pretas, haja vista a borda preta em seus *dobok's*. Ainda que a imagem retrate possivelmente um exame de faixas, ela pode confirmar que o estilo de formação que é usado hoje nas aulas e exames, era também utilizado já na década de 1970.

Na imagem podemos ver também círculos nos locais onde os praticantes se encontram, eles demarcavam onde cada aluno deveria se posicionar no momento da aula. Essa característica de demarcação não foi encontrada até o momento em nenhum vestígio de outros locais de prática. Assim, esta ferramenta pedagógica deve ter sido adaptada pelo próprio Yung Man Kim.

Para Barbosa, uma aula normal “Começava sempre com uma corridinha básica, entendeu, polichinelo, outra coisas assim. Bastante alongamento”. (BARBOSA, 2019). E posterior a isto a aula propriamente dita iniciava. As aulas neste período eram realizadas em todos os dias da semana e a sua duração ficava entre uma hora e meia e duas, variando de acordo com as atividades particulares a cada aula.

Carvalho aponta uma aula com três momentos, onde mais de um terço da aula era voltado para alongamentos e aquecimentos iniciais. Este momento era acompanhado do que o mesmo cita como ginástica, ou seja, trabalhos físicos como: abdominais, flexões, e alongamentos balísticos. Cita ainda, também, a particularidade de atividades como o *yoga* estarem vinculadas à aula. Entretanto estes trabalhos deveriam ser atividades de alongamento com viés respiratório e não propriamente *yoga*. Carvalho ainda relata que os trabalhos técnicos eram principalmente de perna:

As aulas tinham a duração de duas horas, e 40 a 60 minutos era ginástica. Uma ginástica com bastante alongamento. *Yoga* também fazia parte da ginástica e depois o trabalho técnico. Principalmente de perna. (CARVALHO, 2018)

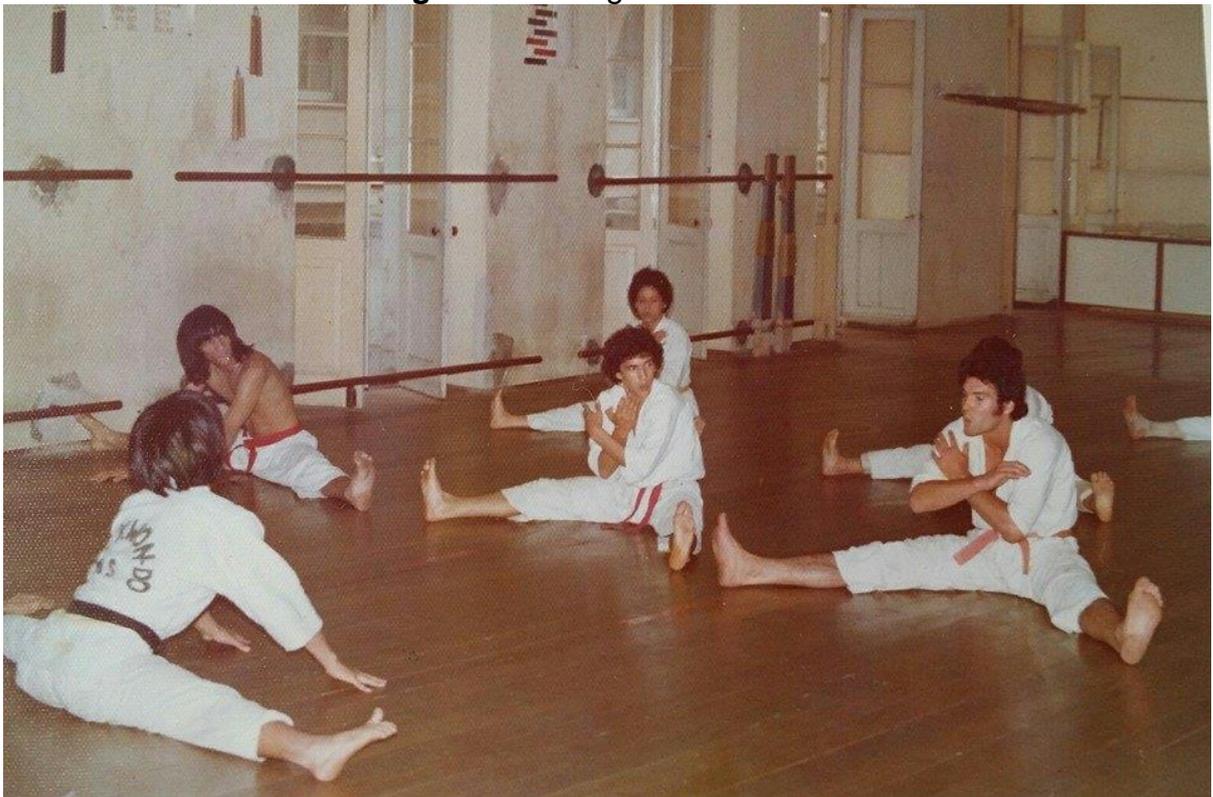
Medeiros acrescenta mais detalhes a este modelo de aula. Para ela, uma boa parte da aula era para “preparo do corpo”, onde o instrutor costumava realizar diversos trabalhos para resistência. Cita ainda, que na dificuldade da realização destas atividades, Kim explicava a eles que deveriam persistir, e que, nas palavras dele um dia os movimentos conseguiriam ser executados pelos praticantes. Conforme Medeiros (2018):

E eu acho assim, era uma hora e meia de aula. Então a gente tinha quase meia hora só de preparo do corpo. Né?! Desde o alongamento, até as

técnicas... Exercício pra resistência, pra isso, pra aquilo, pra acostumar, e ele dizia pra gente: “O corpo acostuma como movimento, o corpo acostuma... vai fazendo, vai fazendo, um dia sai”.

A imagem abaixo retrata uma parte da aula onde estão sendo realizados estes alongamentos balísticos, ou ativos. Nele o instrutor (Yung Man Kim) realiza o movimento e os alunos executam da mesma maneira, mantendo o ritmo do trabalho. Podemos visualizar também a disposição dos alunos explicada na imagem 12. Muito provavelmente, o aluno da direita da foto, e à esquerda da formação, está fazendo a contagem do exercício, devido aos outros estarem olhando para ele. Ele faria esta contagem até o número dez e o próximo aluno faria o mesmo. O que impressiona é a quantidade de repetições que a turma realizaria neste exercício (no mínimo 70 vezes) considerando-se a quantidade de praticantes que aparecem na fotografia. Entretanto, a seguir serão expostos tipos de treinamento que apontam esta suposição como muito viável.

Imagem 14: Alongamento em aula



Fonte: Acervo pessoal Medeiros

Ao lembrar as aulas, Barbosa descreve que havia excepcionalmente algumas aulas em que os mais graduados eram postos a lutar diretamente, sem todo o cerimonial normalmente realizado no início das aulas. Esse indício já denota uma preocupação para com a competição. Conforme Barbosa (2019): “As vezes,

quando tinha muitos faixas graduados, ele botava o pessoal direto a lutar. Eu mesmo cansei de chegar, e Ah: “Você troca a roupa rápido e vem lutar”. Assim lutar direto, sem aquecer sem nada”. Ainda que de maneira diminuta, a ênfase na luta para o alcance de resultados em competição parece já se manifestar no relato abaixo. Já que proporcionava a luta aos alunos mais antigos, que por consequência já não precisavam realizar o treinamento dos praticantes menos graduados, podendo realizar técnicas mais avançadas a serem utilizadas nas competições.

Nestas primeiras manifestações da prática do Taekwondo no estado, o estilo praticado de Taekwondo era o da ITF. Assim, eram realizadas as técnicas do primeiro estilo proposto por Choi Hong Hi. Este estilo, anterior ao estilo Kukkiwon/WTF, foi ensinado no Rio Grande do Sul até próximo do final de 1979. Suas técnicas tinham nomes diferentes das denominações hoje em ensinadas. Barbosa exemplifica esta diferenciação entre os nomes utilizados à época, com os utilizados atualmente:

Naquela época eram outros nomes. Era Radamaki defesa em baixo, Anmaki defesa em cima. Então não tinha o que tem hoje, entendeu? Aremaki, que é defesa em baixo, entendeu? E os nomes eram poucos e diferenciados. (BARBOSA, 2019)

Imagem 15: Técnicas com os pés

TÉCNICAS COM OS PÉS:	
1. Ap Bal Giliqui.....	Levantamento da perna na l
2. Yop Baldae Dollo Ichagui.....	Rodar perna para fora
3. An Baldae Dollo Ichagui.....	Rodar perna para dentro
4. Bituro Ichagui.....	Chute visando netto p/fra
5. Ap Ichagui.....	Chute para frente
6. Dollo Ichagui.....	Chute meio-lua
7. Yop Ichagui.....	Chute lateral (c/facido)
8. Jajare Ap Ichagui.....	Chute frente c/parada de pé
9. Jajare Bituro Ichagui.....	Chute p/fora p/frente (p/d)
10. Jajare Dollo Ichagui.....	Chute meio-lua c/pé de pé
11. Jajare Yop Ichagui.....	Chute lateral c/perna de
12. Yimio Ap Ichagui.....	Chute frente c/salto p/d
13. Yimio Bituro Ichagui.....	Chute p/fora c/salto p/d
14. Yimio Dollo Ichagui.....	Chute meio-lua c/salto
15. Yimio Yop Ichagui.....	Chute lateral c/salto p/d
16. Yimio Kimbal Ap Ichagui.....	Chute frente c/salto p/d
17. Yimio Kimbal Bituro Ichagui.....	Chute p/fora c/salto p/d
18. Yimio Kimbal Dollo Ichagui.....	Chute meio-lua c/salto p/d
19. Yimio Kimbal Yop Ichagui.....	Chute lado c/salto p/d
20. Yimio Bandae Ichagui.....	Sool giro c/salto
21. Tora Dollo Ichagui.....	Giro da calcanhar
22. Tora Yop Ichagui.....	Chute lateral visando por

Fonte: Acervo pessoal Carvalho

A imagem acima é um registro de lista de técnicas do 10^o *gub* (faixa branca). Nela podemos observar a representação em português das “técnicas com os pés”. Estas representações estão grafadas com nomes não mais utilizados. Eles dizem respeito às técnicas ITF, reformuladas nas sucessivas tentativas de união dos *kwans*. Conforme a matéria do Jornal Pioneiro de Caxias do Sul, de 09/12/1978, o Taekwondo possuía aproximadamente 2874 técnicas. Para uma melhor visualização, segue abaixo um quadro formulado a partir das técnicas explicitadas na imagem acima:

TÉCNICAS COM OS PÉS

1. Ap Bal Oligui	Levantamento de perna na....
2. Yop Baldun Dolio Tchagui	Rodar perna para fora
3. An Baldun Dolio Tchagui	Rodar perna para dentro
4. Bituro Tchagui	Chute virando p/ fora
5. Ap Tchagui	Chute para frente
6. Dolio Tchagui	Chute meia lua
7. Yop Tchagui	Chute lateral (c/ faca do pé)
8. Jajere Ap Tchagui	Chute frontal c/ perna da frente
9. Jajere Bituro Tchagui	Chute p/ fora p/ frente
10. Jajere Dolio Tchagui	Chute meia lua c/ pé da frente
11. Jajere Yop Tchagui	Chute lateral c/ perna da frente
12. Tímio Ap Tchagui	Chute frente c/salto pé f...
13. Tímio Bituro Tchagui	Chute p/fora c/salto pé f...
14. Tímio Dolio Tchagui	Chute meia-lua c/salto
15. Tímio Yop Tchagui	Chute lateral c/ salto p/f...
16. Tímio Kimbal Ap Tchagui	Chute frente c/ salto pé ...
17. Tímio Kimbal Bituro Tchagui	Chute p/fora c/salto pé ...
18. Tímio Kimbal Dolio Tchagui	Chute meia-lua c/ salto pern...
19. Tímio Kimbal Yop Tchagui	Chute lado c/salto pé det...
20. Tímio Bandao Tchagui	Giro com salto
21. Tora Dolio Tchagui	Giro de calcanhar
22. Tora Yop Tchagui	Chute lateral virando por...

Ainda sobre as técnicas, apresenta-se também a imagem abaixo, que retrata os golpes de mão. Nela podemos ver nomes ainda mais diferentes dos hoje utilizados nas técnicas do Taekwondo. Ela é o recorte inferior da imagem acima que representava a sequência de golpes desferidos com os pés. Nela ainda é possível notar, abaixo das técnicas um item chamado “juramento de aula”, o mesmo será debatido na continuação do capítulo.

Imagem 16: Técnicas com as mãos

TÉCNICA COM AS MÃOS:	
1. Nae Tchirugui; Narani Tchirugui; Kima Tchirugui	Ataque c/punho altura de...
2. Jangul Junden Tchirugui	Ataque c/ 2 dedos nos olhos
3. Jangul Iji Kwansu Tchirugui	Ataque mão aberta...
4. Jangul Jankwansu Tchirugui	Defesa...
5. Jangul Kiotcha Sudo Radan Maki	Def. cruzada em cima mão fechada
6. Jangul Kiotcha Sudo Tchukio Maki	...
7. Jangul Kiotcha Jumok Radan Maki	Def. cruzada em baixo mão fechada
8. Jangul Kiotcha Jumok Tchukio Maki	Def. cruzada em cima mão fechada
9. Jangul Palnok Radan Maki	Defesa em baixo c/mão fechada
10. Jangul Palnok Tchukio Maki	Defesa em cima c/mão fechada
11. Jangul Paket Palnok Ap Maki	Defesa no meio c/mão fechada
12. Jangul Sudo Radan Maki	Defesa em baixo c/mão aberta
13. Jangul Sudo Tchukio Maki	Def. em cima com mão aberta
14. Jangul Sudo Ap Maki	Def no meio c/mão aberta
15. Jangul Sudo Anusa Terigui	Ataque de cutela no pescoço
16. Jangul Sang Kwan Seo Tchirugui	Ataque 2 mãos fechadas/abertas
17. Jangul Sang Kwan Tijeon Tchirugui	Ataque 2 mãos fechadas/abertas
18. Jangul Do Palnok Ap Maki	Def 2 mãos fechadas/abertas
19. Fugul An Palnok Top Maki	defesa no meio mão fechada
20. Fugul Sudo Yop Terigui	Ataque no pescoço c/cutela
21. Fugul Sudo Tawi Maki	Def no meio c/2 mãos abertas
22. Fugul San Palnok Yop Maki	Def no meio c/2 mãos abertas
23. Fugul San Dillo Yop Maki	Def no meio c/2 mãos abertas

JURAMENTO DE AULA:	
1.	OBSERVAR AS REGRAS DO TAE KWON-DO
2.	RESPEITAR OS INSTRUCTORES E MESTRES SUPERIORES
3.	NUNCA FAZER MAU USO DO TAE KWON-DO
4.	CONTRIBUIR UM MUNDO MAIS PACÍFICO
5.	SER CAMPEÃO DA LIBERDADE E JUSTIÇA

Prof. Caio Carvalho

Fonte: Acervo pessoal Carvalho

Abaixo, segue o quadro referente à imagem acima, para melhor leitura das técnicas de mão obrigatórias para os faixas brancas, nele se apresentam 24 técnicas. Na formulação para o estilo WTF, por exemplo, são ensinadas cerca de apenas 8 técnicas. Observa-se então, um cuidado com o aprendizado de uma boa base de técnicas já com os faixas brancas. Infelizmente, até o momento não foi possível recuperar estes documentos que façam menção às graduações superiores. Segundo Barbosa (2019):

Mas ele era muito exigente. A gente tinha que fazer a base correta. A base esta a apkubi que a base hoje né? Tinha que estar cinquenta por cento com a perna flexionada na frente e cinquenta por cento com a base correta na perna de trás, pra evitar que você não balançasse o corpo, no encostar que é uma situação de... só encosta a perna se tiver com 70% de, com a perna com o peso na de trás e 30 na frente tu cai muito fácil, e cai. Então ele frizava muito esta questão de dividir o peso ao meio, cinquenta e cinquenta.

1. Mom Tchirugui; Narani Tchirugui; Kima Tchirugui	Ataque com o punho na altura de...
2. Jangul Junden Tchirugui	Ataque c/ 2 dedos nos olhos
3. Jangul Iji Kwansu Tchirugui	Ataque mão aberta...
4. Jangul Jankwansu Tchirugui	Defesa...
5. Jangul Kiotcha Sudo Radan Maki	Def. cruzada em cima mão fechada
6. Jangul Kiotcha Sudo Tchukio Maki	...
7. Jangul Kiotcha Jumok Radan Maki	Def. cruzada em baixo mão fechada

8. Jangul Kiotcha Jumok Tchukio Maki	Def. cruzada em cima mão fechada
9. Jangul Palmok Radan Maki	Defesa em baixo c/ mão fechada
10. Jangul Palmok Tchukio Maki	Defesa em cima c/ com a mão fechada
11. Jangul Pakat Paleok Ap Maki	Defesa no meio c/ mão aberta
12. Jangul Sudo Radan Maki	Defesa em baixo c/ mão aberta
13. Jangul Sudo Tchukio Maki	Def. em cima com a mão aberta
14. Jangul Sudo Ap Maki	Def. no meio com a mão aberta
15. Jangul Sudo Anuro Terigui	Ataque de cutelo no pescoço
16. Jangul Sang Kwon Seo Tchirui gui	Ataque 2 mãos fechadas/rosto
17. Jangul Sang Tijico Tchirgui	Ataque 2 mãos fechadas/abdômen
18. Jangul Du Palmok Ap Maki	Def. 2 mãos fechadas...
19. Fugul An Palmok Yop Maki	Defesa no meio mão fechada
20. Fugul Sudo Yop Terigui	Ataque no pescoço c/ cutelo
21. Fugul Sudo Torá Maki	Def. no meio c/2 mãos abertas
22. Fugul San Palmok Yop Maki	Def. no meio ...
23. Fugul San Timio Yop Maki	Def. no meio...

Segundo Carvalho, as técnicas treinadas naquele contexto eram do estilo Chang Hun Ryu, considerado por ele o estilo original do Taekwondo. Ainda segundo Carvalho, o estilo praticado à época era muito vigoroso e incutia neles a representação que no imaginário dos praticantes é definido como arte marcial: “Naquela época o taekwondo era muito arte marcial bem tradicional, e o nosso estilo é do estilo original do taekwondo. O Taekwondo é dividido em estilos, e o nosso era o estilo original do mestre Choi Hong Hi, que era bem arte marcial, bem forte, muito forte”. (CARVALHO, 2018).

Nestas primeiras manifestações da prática do Taekwondo, na cidade de Porto Alegre, o método de ensino direcionava bastante os alunos à prática dos *SamboDerion*. Estas técnicas são movimentações de defesa-pessoal pré-definidas, onde os praticantes realizam a cada nível, sequências de golpes contra o adversário. Na primeira das técnicas de *Samboderion*, por exemplo, os praticantes ficavam de frente um para o outro. Um deles realizava três ataques com socos, o outro recuava defendendo dois golpes, um de cada vez. No terceiro golpe o praticante realiza uma sequência de golpes pré-definida. Conforme Medeiros estas técnicas eram muito treinadas, tendo grande ênfase na realização das defesas:

É a gente tinha muito, muito, muito, samboderion, tah... Samboderion tinha bastante. E ele dizia pra nós: “Defende! Defende! Defende! Tem que aprender defender”, tah... então eu sou boa na defesa de mãos por que o Kim exigia muito da gente na defesa: “sempre defende, primeiro defende depois ataca!”. (MEDEIROS, 2018)

Estas técnicas “*Derion*” vão ficando gradualmente mais difíceis, e mais automáticas. Após as 25 técnicas de *Sambo Derion* iniciam-se aquelas, onde o

adversário ataca apenas duas vezes para a realização da sequência de golpes. Na sequência seguem-se as técnicas onde o adversário apenas realiza um golpe e desencadeia a sequência de contra-ataque. Até que se chegue às técnicas de defesa pessoal ajoelhadas. Após a reformulação do estilo Chang Hun Ryu ao Kukkiwon, estas técnicas permaneceram. Entretanto, com denominações diferentes, *Sebom*, *Dubom*, *Hanbom*. Barbosa confirma a ênfase no treinamento destas técnicas e explica com detalhes seus nomes antigos, assim como os praticados atualmente, fazendo referência a execução perfeita destas técnicas por parte de Yung Man Kim:

Agora me lembro que as técnicas de luta combinada *Sebom kiorugui*, *Dubom kiorugui*. *Sebom kiorugui*, tudo ele ensinava certinho. Assim: Ah, se tinha que aprender o *Sebom kiorugui* que é o *Sae tchirigui*, tinha que aprender as técnicas de luta barra atacar, a gente tinha que saber 25. Era o máximo que tinha que saber. Depois era o *Dubom*, que era dois ataques, ta?. Entendeu? E depois o *Il Bo*, que era um ataque só. Então era mais ou menos isso aí. Entendeu? Mas ele era perfeito, ele era assim fantástico, ele fazia muito bem, fazia muito bem. (BARBOSA, 2019)

Estas técnicas eram treinadas com bastante vigor, e assim eram exigidas pelos instrutores, causando por certas vezes desconfortos por parte de alguns alunos. Entretanto, não parecia ser feito com qualquer tipo de má intenção, pelo contrário, a sensibilidade naquele contexto era de que este tipo de treino fazia os praticantes mais fortes e permitia que os golpes fossem empreendidos com mais força. No relato a seguir, onde Medeiros faz menção à Yung Man Kim, podemos visualizar este tipo de prática, que pretendia deixar os alunos mais fortes e capazes, o que também era entendido por eles com esta função:

Ele queria ver se a gente era capaz de enrijecer os músculos do estômago quando necessário. Então, mandava deitar no chão, e ele pisava em cima com os dois pés... E quando a gente fazia a famosa ponte, também, ele pisava em cima ou, no mínimo, calcava com o pé pra ver se tu tava "repesando" os músculos...(MEDEIROS, 2018).

Havia uma atividade que Kim realizava nas aulas em que os alunos deitavam ao chão, no momento da realização de exercícios de abdômen. Nela, ele dava um passo sobre os alunos que realizavam o exercício. Esta atividade, segundo Barbosa, era uma das quais Kim, na concepção de um ex-militar sul-coreano utilizava para que eles fossem mais resistentes, ou pudessem aguentar qualquer tipo de situação. Assim, para Barbosa (2019):

Ele gostava muito de fazer a gente sofrer muito. Assim, tipo. Ele fazia... colocava todos os alunos a fazer aquele abdominal e fazia uma fila de gente. E fazia assim caminhada na barriga da gente assim. Entendeu? Ele era muito

militar né? Entendeu? Demais. Então ele: “Vocês tem que agüentar, vocês tem que agüentar é assim que se treina lá na Coréia” e tal. Então a gente tinha que agüentar. (BARBOSA, 2019)

Este modo mais duro de correção das técnicas também se evidenciava nos exercícios de salto. Uma destas atividades era realizada saltando por cima de uma corda que aos poucos ia sendo levantada, aumentando a altura que o praticante deveria pular. Neste momento, se os alunos não conseguissem executar o salto por cima da corda em determinada altura, recebiam uma batida com a vara nas pernas. Medeiros ilustra este tipo de correção, ou método de *feedback* utilizado por Kim: “Eu acho que ele saltava bem sabe. Ele pegava uma varas que eram feitas tipo de um bambu, uma taquara. Se a gente não... não saltasse na altura da corda, tah? Ele dava nas pernas da gente” (MEDEIROS, 2018).

Esta rispidez nas correções era evidenciada também em alguns outros momentos, como quando Kim desejava demonstrar algum movimento que ele julgava não estar sendo realizado de forma correta, ou de maneira mais fraca do que deveria. Entretanto, parece que a sensibilidade, assim como o imaginário da época de certa maneira permitia este tipo de prática. No relato abaixo, de Medeiros, fica caracterizado este tipo de método:

E uma vez nós estávamos treinando Sambo Derion, famoso sambo derion, né? Que é o princípio da defesa pro iniciante. E o guri que tava treinando comigo era um pouquinho mais alto... ele chegou do lado, do meu lado. Não do lado do guri e disse “eu vou te mostrar como é que se dá um soco” tchetchô tchigui, tá. Ele arredou o guri pro lado e enfiou um soco na minha barriga, eu caí urrando de dor no chão... Tu imagina a força dele... (MEDEIROS, 2018)

Ainda sobre este tipo de abordagem mais forte, Medeiros cita um dia onde os alunos foram postos a frente das janelas da sala de treinamentos (*Dojang*) com as mesmas abertas durante a noite em pleno inverno porto-alegrense, com a intenção de deixar os alunos “mais fortes”. Além disso, relata também que não havia hidratação em meio aos treinos, tão pouco a possibilidade de se ir ao banheiro. Caracterizando, em suas palavras uma disciplina bem rígida:

E é por aí. Ele era bem, exigente... Por exemplo, nunca me esqueci, inverno aqui no sul, rigoroso. Temperatura eu acho que assim de uns dez, oito graus de noite, nós treinando. Meu começo foi das oito, às nove e meia, meu primeiro ano de taekwondo, treinava de noite... trabalhava, e treinava de noite. Ele escancarava aquelas, aqueles janelões, tipo portas da academia, deixava tudo aberto, tudo! As cinco janelas abertas, e ele dizia: “todos em posição de sentido, ninguém se mexe”. E durante uma hora e meia a gente não bebia uma gota de água, e não ia no banheiro, quer dizer, uma disciplina bem militar, bem ancestral, bem rígida. (MEDEIROS, 2018)

Barbosa cita uma passagem das aulas onde Kim relatava o treinamento ao qual teria sido submetido em solo coreano. Neste treinamento, praticantes ficavam sem a parte superior da vestimenta, na neve, para que seus corpos ficassem mais enrijecidos. Este relato explica um pouco dos métodos por vezes um tanto diferentes ao nosso olhar moderno, mas que devem ter permeado várias situações dentro da prática do Taekwondo destes primeiros anos da década de 1970, e representam algumas das manifestações da figura de Kim. Conforme Barbosa (2019):

Então o Kim tinha sido parece que tenente lá na Coréia também. Quando ele contava as aventuras como é que era os treinamentos lá, que na Coréia... na neve, o pessoal ficava sem camisa pra enrijecer o corpo, eram coisas fantásticas assim, era muito legal, uma coisa assim que nunca mais se viu.

Para Medeiros, se tratava da cultura dele, de situações bem tradicionais e absorvidas ainda em seus tempos de Coréia. Ainda mais por naquele momento o Taekwondo ter como seu objetivo principal a defesa pessoal, o que passou a ter concorrência do lado esportivo somente alguns anos depois. Conforme Medeiros (2018):

Então a cultura dele era aquilo, aquela arte era marcial ainda, não era uma arte esportiva, não era um esporte olímpico como hoje é o taekwondo, uma luta olímpica. Era uma coisa bem tradicional, bem marcial, bem coreana, assim do sangue da característica deles.

Conforme os depoimentos dos praticantes alunos de Yung Man Kim, o mesmo era muito aplicado na explicação das técnicas. Ele repetia à exaustão os gestos técnicos dos movimentos, assim como a sua aplicabilidade nos momentos de combate. Demonstrava como eram os golpes, compartilhando com seus alunos o conhecimento que detinha sobre o Taekwondo. Conforme Medeiros, Yung Man Kim mostrava em detalhes os movimentos das técnicas:

Ele explicava pra gente os movimentos eu achava assim, que como instrutor o Kim era íntegro, por que não sonegava a informação de que quando tu foste dar o Yoptchagui, ou o Tolhotchagui, o teu pé já tinha que ta virado pra cá em linha reta. Ele te mostrava o detalhe do movimento perfeito... tá... tanto que eu sou uma das poucas pessoas que acho que até hoje dá um Titchagui perfeito, não com muita potência por que eu não tenho, mas... a virada do corpo e a largada da patada correta. (MEDEIROS, 2018)

Ainda conforme a praticante, ele não era egoísta com os seus conhecimentos e o disponibilizava aos alunos de maneira clara, rica em detalhes. Descrições estas que compreendiam a execução dos golpes em seus pormenores,

chamando atenção de seus alunos pelo cuidado com o desenvolvimento das técnicas. Segundo eles, primava pela busca da excelência das técnicas:

Por que o Kim ensinava a gente o detalhe... Quando terminar de dar o Tolhotchagui, ou o Yoptchagui, este pé de apoio não pode estar nem aqui nem aqui, tem que estar virado para lá... Então era, não era egoísta, ele não sonegava a informação. (MEDEIROS, 2018)

Carvalho reitera a preocupação com a correta execução dos gestos técnicos dos golpes por parte de Yung Man Kim e o fascínio que essa obsessão própria dele causava em seus alunos. Essa preocupação, segundo Carvalho, ia os motivando a gostar ainda mais da prática do Taekwondo: “E ele era uma pessoa muito exigente tecnicamente, o que nos fascinava e nos deixava mais apaixonados pela arte marcial, Taekwondo. (CARVALHO, 2018).

Na imagem abaixo podemos ver Kim demonstrando detalhadamente o golpe a ser realizado no praticante que está usando protetor de tórax. Além desse o aluno a ouvir a sua explicação onde era demonstrado o golpe, há também outro na imagem que não utiliza o protetor de tórax, usando faixa preta, que escuta atentamente a orientação. Além da imagem, Barbosa indica a maneira atenta e cuidadosa que Yung Man Kim realizava a explicação das técnicas. Segundo ele, Kim mostrava em “câmera lenta” toda a trajetória do golpe, além de demonstrar os locais onde era possível desferir o golpe no corpo do adversário:

Pois é... As técnicas eram simplesmente fascinantes, né? Eu lembro que ele pegava pra ensinar um Ap tchagui, por exemplo. Um Ap, ele é um chute frontal, não é? Ele simplesmente... Ele botava uma mão na frente assim... E ele gostava de levantar a perna lentamente e mostrar o caminho do chute, tipo em slow motion, sabe? Ele chutava, pegava a base mostrava até chegar o ponto... Ah é chute na barriga, chute no peito, chute na cara, e ele parava com o pé na cara, assim. (BARBOSA, 2019)

Imagem 17: Yung Man Kim demonstra chute



Fonte: Acervo pessoal Medeiros

As técnicas, o modo de correção, e demonstração, ainda que realizados com alguma rispidez faziam parte do imaginário dos praticantes de lutas. Se fossem realizados de outra forma, talvez não tivessem alcançado a memória e sentimento saudosista da prática naquele contexto. Ao primeiro olhar a incoerência aparente desta afirmação salta aos olhos. Entretanto, Pesavento corrobora com a compreensão desta quando enfatiza a análise cuidadosa deste tipo de contradição velada: “Ou em outras palavras, é só o olhar muito atento e acurado que vê, na contravenção, a norma, ou na declaração da virtude, a existência do pecado”. (PESAVENTO, 2003, p. 44)

Segundo Barbosa, vez ou outra, algum dos golpes acertava no rosto. Entretanto, a maneira com eram demonstrados geravam admiração, muito devido a sua complexidade. Para o mesmo, este é um dos motivos pelos quais a prática angariava tantos adeptos:

Chute na cara, nossa, cansei de levar chute na cara, no rosto. Claro que não era forte, mas ele encostava o pé mesmo assim, e tal. Ele ficava dando aqueles chutes seguidos assim um, dois, três, em baixo no meio e em cima, em baixo no meio e em cima e aí voltava com a perna Furio Tchagui, voltando a perna de novo. Era muito... Era assim... Demais, né cara. Era um artista marcial. Era demais, por isso todo mundo se apaixonava quando ia lá. (BARBOSA, 2019)

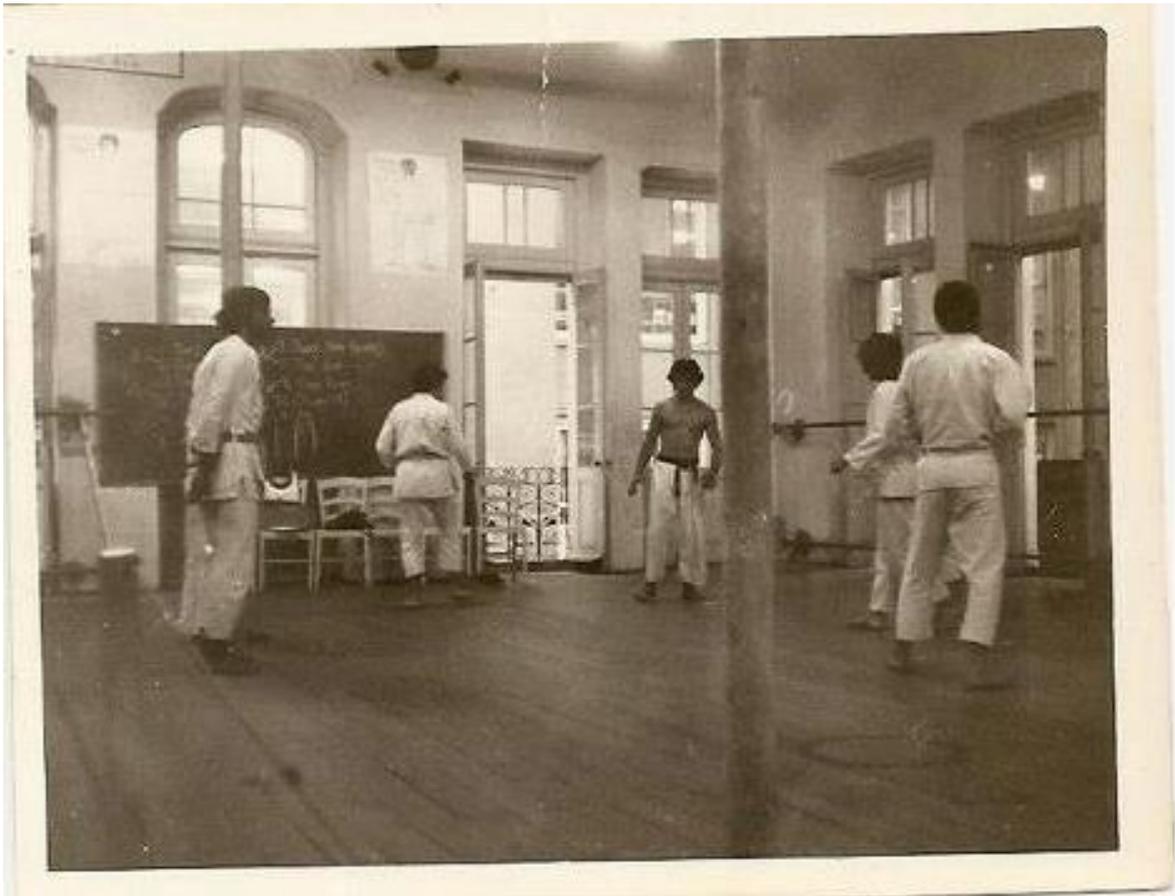
Seus alunos eram liberados, conforme Medeiros, a praticar socos em uma estrutura de madeira presa ao chão conhecida popularmente por *makiwara*, onde os praticantes de lutas realizam socos a fim de melhorarem a sua técnica e potência neste tipo de golpe: “A gente treinava aqui... No japonês se chama “makivara”, né? Mas no coreano é kiliondê. Aonde tu treinas a... é aquela madeira assim com corda trançada, onde tu treinas a batida.” (MEDEIROS, 2018).

Entretanto, Yung Man Kim era também enfático com os alunos quando os mesmos se colocavam a treinar algo de mais complexo, ou que fugisse ao que se compreendia como atividades básicas do Taekwondo naquele contexto histórico. Essa negativa se dava à medida que o mesmo parecia preocupar-se, inicialmente, com o que ele compreendia como básico ao praticante de Taekwondo, criticando aqueles alunos que se colocavam a treinar o *nunchaco*, por exemplo. Nas palavras de Medeiros, ele se preocupava, em princípio, com que o aluno dominasse as defesas, e os ataques por meio dos chutes, situação que com o passar dos anos passou a concordar:

E a gente via um ou outro com o nunchaco na mão, queria fazer. Ele olhava pra nós e dizia assim: “Vocês não sabe, nem chutá, nem defendê que aprendê nunchaco”. Ele estava certo, por que hoje depois de velha eu manejo o nunchaco já quase por um instinto, por quê? Por que o teu corpo já ta treinado. (MEDEIROS, 2018)

A imagem abaixo traz diversos indícios do local de realização das aulas. São pistas importantes para a reconstrução da prática do Taekwondo, ainda que não se revelem em um primeiro olhar, devido à sutileza de como se apresentam. Para Pesavento (2003, p.43): “Os elementos do micro, recolhidos pelo historiador, são como a ponta de um *iceberg* que aflora e que permite cristalizar algo e atingir outras questões que não se revelam a um primeiro olhar.

Imagem 18: Luta de três contra um



Fonte: Acervo pessoal Medeiros

O primeiro indício é a luta que está sendo realizada, no formato de três contra um, modelo muito praticado neste período. Nesta atividade, um dos praticantes ficava em inferioridade numérica, tendo que combater os outros. Assim tinha a possibilidade de testar, e desenvolver, os seus golpes em diversas situações de luta, haja vista a infinidade de situações que os três adversários submetem ao praticante que está sozinho. Entretanto, com a exposição e sucesso das lutas de Taekwondo no modelo de competição de um contra um, que acabou se tornando integrante dos Jogos Olímpicos, este tipo de atividade passou a ser bem menos realizada do que no período das décadas de 1970 e 1980.

É possível observar, também, as bandeiras fixadas na parede bem ao topo da foto, quase no teto. As bandeiras fixadas são as bandeiras do Brasil e da Coreia do Sul. Cabe ressaltar, que ao início das aulas era realizado o cumprimento às bandeiras, e este cerimonial é praticado ainda hoje. A presença destas representações indica o caráter nacionalista da prática que Taekwondo absorveu

desde as primeiras décadas dos anos de 1950 e reforçado na década de 1970, quando a Coreia do Sul nomeia o Taekwondo como esporte nacional.

Acima e a esquerda da imagem encontra-se um quadro, onde se pode verificar a imagem da lista do juramento realizado no início das aulas de Taekwondo, presente também na imagem 15. Nesta lista, numerada de 1 a 5, estão frases que eram lidas no início das aulas. Os dizeres eram (e ainda hoje são), respectivamente: “Observar as regras do Taekwon-do”; “Respeitar o instrutor e meus superiores”; “Nunca fazer mal uso do Taekwon-do”; “Construir um mundo mais pacífico”; e “Ser campeão da liberdade e da justiça”. Neste juramento, denominado “Eu prometo”, observam-se discursos direcionados à postura que se procurava inculcar no praticante de Taekwondo. Para, Burke (2004, p.74): “Imagens têm sido utilizadas com frequência como um meio de doutrinação, como objetos de cultos, como estímulos à meditação e como armas em controvérsias”. Neste caso, vemos como um importante meio de doutrinação e ajustamento do comportamento dos praticantes por meio do juramento.

Este juramento teria sido uma adaptação ao código dos Hwarang, onde também se apresentavam cinco códigos: “Obediência ao Rei”; “Respeito aos Pais”; “Lealdade para com os Amigos”; “Nunca recuar ante o inimigo”; “ Só matar quando não houver alternativa” (PARK; OK, 2016). Entretanto, salvo a quantidade de frases, e algumas similaridades entre duas ou três partes, os mesmos não parecem ter exatamente ligação. Ainda que o “Eu prometo” do Taekwondo seja claramente adaptado à realidade contextual das décadas correspondentes a segunda metade do século XX.

O quarto ponto a ser destacado refere-se a riqueza de detalhes apresentados no quadro negro ao fundo da imagem. Nele há diversas anotações explicando as técnicas, com representações de pessoas chutando, assim como diversas frases com representações fonéticas das técnicas básicas do Taekwondo. Estas representações aparecem em diversas outras imagens presentes nesta dissertação, e o quadro negro em questão parece ter sido um grande aliado no ensino da prática do Taekwondo nestes primeiros anos de prática, afinal, havia ali uma grande barreira cultural e também de idioma. Medeiros relata um pouco da adaptação gradual de Yung Man Kim ao idioma português:

É... Quando ele começou ele não dizia “Caxias do Sul”, ele dizia: “Hôdje nois vamo... Cárias do Sul”, depois ele melhorou o palavreado dele, aí ele disse assim “Hoje nos vamo Cassias do Sul...” começou a melhorar. Tah?! (MEDEIROS, 2018)

Nas imagens analisadas para este estudo, pouco foi encontrado material auxiliar de aula, como raquetes e manoplas, bem como protetores de todos os tipos. Estes últimos aparecem nas imagens apenas já em situação de luta, o que sugere que havia poucos e talvez fossem muito caros. Então, somente eram utilizados quando necessário nas lutas com objetivo competitivo. Evidenciou-se, por exemplo, apenas na imagem 18 a presença de um protetor solto na sala, abaixo do quadro acima das cadeiras: “E uma coisa que me chamava muito atenção à época: os treinamentos como ele conduzia que não havia essa... essa quantidade de equipamentos que hoje nós temos pra facilitar né? O que é o Taekwondo.” (BARBOSA, 2019).

Ainda que fossem utilizados poucos materiais, a análise das imagens indicou o uso de sacos de pancada e de uma roldana. Os sacos de pancada parecem em várias das imagens analisadas e parecem ser o único material de auxílio para a execução de golpes além do já discutido *makiwara*. Estes sacos eram suspensos no teto de maneira que poderiam ser içados quando houvesse necessidade, tanto para a execução de chutes mais altos, como para que não atrapalhassem em outras atividades na academia. Se apresentaram também alguns sacos de pancada de tamanho menor, que possivelmente eram utilizados para a realização de golpes altos e combinados com saltos.

Na imagem 19 podemos ver materiais de treinamento do tipo sacos de pancada suspensos em estruturas de ferro. Estes sacos eram usados para a realização do treinamento de chutes e socos, o interessante é a regulagem que podia ser dada nestes materiais assim como a altura que eles se encontram. Esta característica reforça a ideia de treinamento de golpes altos, uma das representações mais marcantes acerca do Taekwondo, assim como os chutes realizados no ar.

Um material identificado tanto nas fotografias, quanto nos depoimentos, foi uma roldana. Essa roldana era utilizada para que os praticantes melhorassem o alongamento de membros inferiores. De maneira que o praticante prendia um de seus pés a uma corda, componente deste sistema de roldana. Assim ele podia puxar com as mãos a outra ponta da corda que levantava a sua perna. Este equipamento permitia que o praticante treinasse de maneira individual a sua elasticidade. Barbosa

relata o uso deste material e destaca a pouca utilização de materiais de apoio nas aulas:

Então, por exemplo, abertura de perna, a gente tinha uma roldana que... Que eram umas cordas com um roldana em cima, né? A gente pendura a perna ali amarrava e fica puxando a perna pra levantar o máximo que você conseguia. Isso era incrível. Uma coisa fantástica. Isso aí é coisa do arco da velha, muito antigo. O cara para ter uma flexibilidade boa... Boa tinha que fazer aquilo ali todos os dias, e eu fazia, todo o dia. (BARBOSA, 2019)

O final das aulas era semelhante ao momento inicial, marcado pela saudação às bandeiras, cumprimento ao professor e aos colegas de treinamento. Entretanto, anterior a isso, em uma iniciativa semelhante ao que comumente chamamos de volta à calma, eram realizados por vezes exercícios de respiração e relaxamento. Exercícios onde a ênfase estava na concentração:

E no final da aula a mesma coisa todo mundo tchariot, sentido. E ele fazia, ele de vez em quando fazia no final da aula umas concentrações assim tipo... É... Respiração, como controlar a respiração e soltar o ar, né? Pra relaxar. (BARBOSA, 2019)

Havia ainda espaço para o treinamento de outras atividades que complementavam de maneira mais descontraída os duros treinos. Medeiros cita uma atividade onde eram treinados passos na parede. Esta atividade era muitas vezes inserida nas apresentações, sendo que no final da realização destes passos eram quebradas madeiras por meio da execução de chutes. Ainda que não estivesse alcançando a proeza de Kim, Medeiros relata que já estava indo bem na execução da atividade: “Mas tinha uma coisa que a gente treinava na academia que eu tava aprendendo a fazer... eu já tava dando três passos na parede correndo e subindo a parede três passos. Ele dava 5, 6, 7”. (MEDEIROS, 2018)

Estas atividades realizadas ao final das aulas propriamente ditas eram atividades mais soltas e descontraídas, as quais Barbosa refere como desconcertantes, já que os praticantes ficavam impressionados, dada a maneira natural de como Yung Man Kim as realizava. Barbosa relata que Kim dizia que ia mostrar coisas que ele treinava lá na Coréia do Sul e executava uma prática muito relatada por seus ex-alunos, assim como relatou Medeiros acima: a caminhada na parede. Conforme Barbosa (2019):

Ou então ele pegava e dizia ah: “ hoje eu vou mostrar pra vocês um chute que a gente fazia muito lá na Coréia” E caminhava pelas paredes. Assim, era o único cara que eu vi fazer isso, ele dava 5 passos na parede, vinha correndo e dava cinco passos na parede assim. E gostava de arrancar um chinelo na cabeça de um atleta, assim pra demonstrar. Fantástico o cara voava, ele era muito bom, era muito bom.

Imagem 19: Graduações e sacos de pancada



Fonte: Acervo pessoal Medeiros

A imagem representa aparentemente uma apresentação com boa presença de público. Inicialmente representa um exame de faixas, entretanto, a ordem nas faixas dos praticantes não está na como de costume se organiza uma aula, pois os praticantes das duas pontas são mais graduados que o do meio.

A imagem acima dá indícios do tipo de sistema de graduação vigente à época, ou seja, o tipo de ordem de faixas. Este sistema consistia de dez graduações, onde eram denominadas *gub*. Estes *gub* iam do 10º ao 1º e para cada um deles era atribuída uma faixa que iniciava na branca. A ordem delas era: 10º *gub* – faixa branca; 9º *gub* – faixa branca com ponta amarela; 8º *gub* – faixa amarela; 7º *gub* - faixa amarela com ponta verde; 6º *gub* - faixa verde; 5º *gub* - faixa verde com ponta azul; 4º *gub* - faixa azul; 3º *gub* - faixa azul com ponta vermelha; 2º *gub* - faixa vermelha; 1º *gub* - faixa vermelha com ponta preta. Alguns anos depois foi inserida a faixa laranja no lugar da faixa branca com ponta amarela (9º *gub*). Na imagem abaixo podemos visualizar no canto superior direito um informativo fixado junto à

parede onde se encontram algumas tarjas horizontais. Estas tarjas são representações das faixas, ou seja, do sistema de graduação vigente à época.

Imagem 20: Graduações na parede



Fonte: Acervo pessoal Medeiros

Este sistema de graduação foi o principal durante muitos anos, algumas variações deste sistema surgiram apenas vários anos após a emergência da prática do Taekwondo no estado e derivaram de outros estilos, entretanto, constituíram pequena parcela de adeptos. O sistema foi substituído a nível mundial pela WTF apenas nos primeiros anos da década de 2010, ou seja, o sistema de faixas com pontas perdurou como hegemônico no Rio Grande do Sul por cerca de 40 anos, sendo hoje em dia ainda muito utilizado.

Segundo Carvalho, os exames de graduação, ou de faixa como são frequentemente denominados, eram realizados em intervalos de dois a três meses. O que representa um curto período de tempo, entretanto, segundo o mesmo as aulas eram realizadas todos os dias e com uma boa duração de tempo, o que permitia uma boa preparação das técnicas das graduações respectivas a cada praticante:

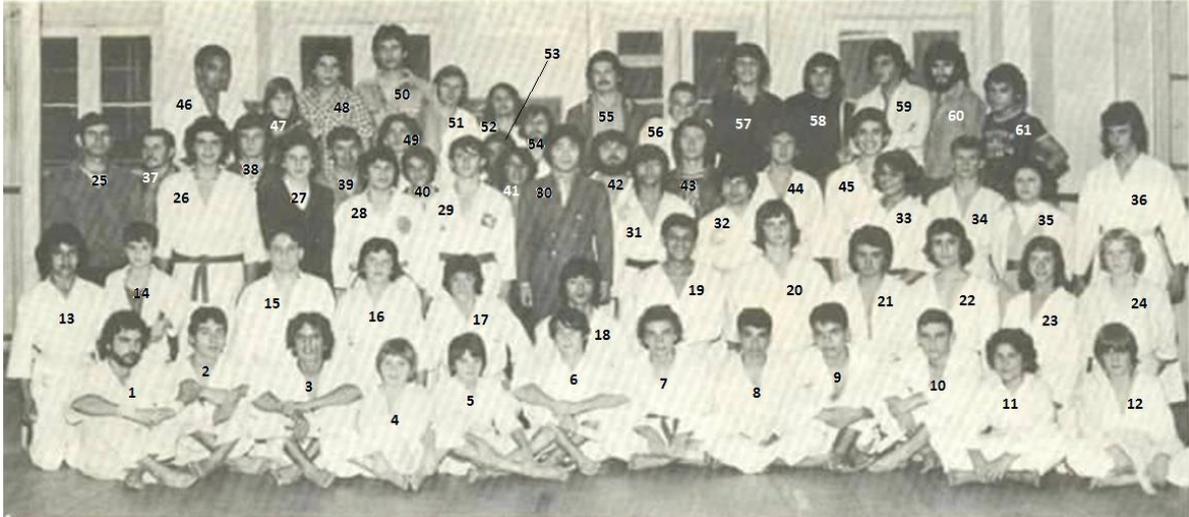
Os exames de faixa na média de dois ou três meses, o aluno preparado realizava o exame, e era muita gente realizando o exame. Mas todos, como as aulas eram todos os dias, segunda, terça, quarta, quinta, sexta, sempre todos estávamos muito preparados. E duas horas de aula em cada oportunidade. (CARVALHO, 2018)

Estes exames de faixa eram, em consenso com os relatos das aulas, muito exigentes. Neles eram cobradas as técnicas referentes a cada graduação com o objetivo de que o praticante pudesse alcançar a faixa seguinte. Existiam casos onde o aluno que alcançasse nível técnico excelente poderia chegar a graduações à frente, pulando assim alguma faixa. Entretanto, conforme Barbosa, se um aluno não alcançasse o desempenho esperado o mesmo não trocava de faixa:

Eram bem técnicos. Eram bem técnicos e ele exigia bastante tudo que ele ensinava ele queria que o aluno fizesse da melhor forma possível. Cem por cento, senão ele não passava o aluno ele era muito, muito rígido. Tipo, posições. (BARBOSA, 2019)

Na matéria “Coreano ensina no Brasil uma velha luta: Tae Kwon-do” do jornal O Globo de 30/10/1974, página 24, Yung Man Kim relata que crianças com oito anos de idade já eram faixas-pretas após treinarem desde os cinco, ou seja, em três anos de treinamento. Já os adultos poderiam alcançar a graduação em menos tempo. Ainda conforme a matéria: “Um campeão faixa preta pode surgir em um ano e seis meses”. Cabe ressaltar que neste contexto as aulas eram praticadas diariamente.

A imagem abaixo mostra um evento na academia de Yung Man Kim, já no endereço da Rua José Montauray. Na imagem podemos observar uma grande quantidade de praticantes. O registro sugere a presença de crianças nos treinamentos de Taekwondo na década de 1970. Parecem estar presentes no evento sete crianças que estão numeradas sob os números: 4, 5, 11, 12, 14, 16 e 24. Para Burke, (2004, p. 158) o testemunho de imagens como esta se faz necessário, à medida que crianças pouco aparecem nos documentos oficiais: “Como as crianças não aparecem com muita frequência nos documentos preservados em arquivos, para escrever sua história foi necessário encontrar novas fontes - diários, cartas, romances, pinturas e outras imagens”.

Imagem 21: Exame de faixa

Fonte: Acervo pessoal Medeiros

Esta imagem nos trás o indício de que, apesar de pouco aparecem nos registros da época, as crianças praticavam o Taekwondo já nos primeiros anos de desenvolvimento da prática. O evento registrado nesta imagem, dado a presença de muitos acompanhantes sem o uso do *dobok*, remete ser um exame de faixa. Considerando que nos exames de faixa apenas alguns alunos participam, cabe deduzir que havia ainda mais crianças praticando o Taekwondo neste período.

A presença de crianças nas aulas já acontecia nos anos anteriores a chegada do Taekwondo ao estado do Rio Grande do Sul, conforme o Jornal O GLOBO de 30/10/74, crianças já treinavam aos cinco anos de idade e alcançavam a faixa preta próximo aos 8 anos: “Crianças que começaram a aprender com cinco anos chegaram a faixa preta antes de completar oito”. (O GLOBO, 1974, p. 24). E, inclusive, já alcançavam graduações mais altas, como a faixa preta.

Além disso, na imagem também podemos perceber a presença de mulheres. Elas estão representadas nos números 22, 23 e 33. A presença de mulheres nesta imagem, datada do final da década de 1970, vai de encontro ao consenso de proibição de algumas práticas esportivas às mulheres. No caso do Taekwondo esta proibição, ou prática velada, parece ter existido mais branda ou ter sido menos severa em relação a outras práticas esportivas, ainda que, para o imaginário social à época, as práticas de luta em geral não se encaixassem no que as representações de mulher evocavam neste período.

a) A chegada de Te Bo Lee e a reorientação da prática

No final de 1978, chega ao Rio Grande do Sul o mestre Te Bo Lee. Ele inicialmente veio ao Brasil com uma delegação de mestres coreanos que realizaram apresentações por várias regiões país. Estes coreanos acabaram permanecendo no Brasil e foram designados a vários estados brasileiros. Assim ao Rio Grande do Sul foi designado o mestre Te Bo Lee.

Cabe salientar, que o mestre Te Bo Lee teve grande participação no processo de consolidação da prática do Taekwondo no Rio Grande do Sul. Entretanto, o presente estudo, voltou o seu olhar com mais ênfase nas primeiras manifestações da prática no estado. Assim, entendo que a partir da chegada, e nos anos posteriores, de Te Bo Lee a prática do Taekwondo entrou em um outro momento que demandaria pesquisas mais específicas à este período.

Esta excursão parece ter sido apenas um pretexto para uma sondagem por parte destes mestres coreanos às diversas regiões do Brasil. Já que os mesmos vinham do curso de atualização realizado na Coreia do Sul, que tinha como intenção justamente consolidar o novo estilo no contexto mundial. Cabe salientar que mestres pioneiros no Brasil como Sang Min Cho, foram formados e realizavam as suas aulas no estilo Chang Hun Ryu. E, possivelmente, seriam resistentes à esta nova formulação que deixava para trás a ITF chefiada por Choi Hong Hi. Desta forma, a atualização se deu de maneira mais orgânica, ainda que tenha sofrido algum tipo de resistência.

Neste contexto, o mestre Te Bo Lee, vindo da Coreia do Sul naquele ano com a excursão de apresentação, tinha formação diferente de Yung Man Kim no Taekwondo. Te Bo Lee foi submetido às mudanças da transição da ITF para a WTF, possuindo certificação de instrutor internacional. Te Bo Lee teve papel importantíssimo na implantação da Federação Gaúcha de Taekwondo no ano de 1987. Ano em que o Taekwondo se desvincula da Federação Riograndense de Pugilismo e passa ter o seu próprio órgão de gestão sobre a prática de luta.

O fato de o Taekwondo, conforme demonstram as informações reunidas até o momento, ter sido introduzido por apenas uma figura e já tardiamente em relação a outras práticas esportivas, mesmo sob a barreira do idioma, fez com que, de mesmo modo, aparecessem mais tarde as organizações institucionalizadas. Na medida em que tais instituições dependiam de alunos formados em Taekwondo, nos primeiros anos a rede de praticantes ainda não era suficiente para tal empreendimento,

embora após a chegada do mestre Te Bo Lee o Taekwondo tenha constituído departamento na então Federação Riograndense de Pugilismo. Para Medeiros, esta iniciativa significou a regularização do Taekwondo no estado à época, ainda falando sobre ele ter regularizado também a situação de Yung Man Kim: “Parece que o Te Bo Lee regularizou a situação dele, por que o Te Bo Lee veio para regularizar a situação do taekwondo no Rio grande do Sul... O mestre Te Bo Lee” (MEDEIROS, 2018)

Quando Te Bo Lee chegou a Porto Alegre se deparou com os praticantes ainda realizando as técnicas do estilo Chang Hun Ryu, o mesmo teria que continuar a dar aula neste estilo e ir convertendo progressivamente ao estilo Kukkiwon. Este fato se deve pela grande quantidade de faixas-pretas formados anterior à chegada dele ao estado. Estes praticantes, além de muito devotos à Yung Man Kim, teriam que ser convidados a repaginarem toda uma forte cultura de treinamento que diferia em vários pontos das modificações propostas pela WTF. Desde a nomenclatura das técnicas, organização das mesmas dentro das graduações e, o que deve ter gerado maior estranhamento, a troca do sistema de *Hyungs* para o sistema dos *Taeguk's/Poom-Sae*.

Após a partida de Yung Man Kim para São Paulo, quando foi sacramentar uma casamento arranjado por sua família quando ele tinha 13 anos de idade, e o posterior falecimento do mesmo, o estilo *Kukkiwon* passou a ser dominante no Rio Grande do Sul, tendo nessa altura diversos faixas-pretas formados por Te Bo Lee. Se somando a isso, aconteceu a conversão de faixas-pretas formados por Yung Man Kim no estilo *Chang Hun Ryu*, que passaram a dar suas aulas com as técnicas e *Poom-Saes* do estilo *Kukkiwon*. Ainda que mantivessem traços de seu estilo de origem, demonstrando certa resistência às novas diretrizes. Para Chartier (2007, p. 46): “A força dos modelos culturais dominantes não anula o espcoco próprio de sua recepção. Sempre existe uma brecha entre a norma e o vivido, o dogma e a crença, as normas e as condutas.”

Na imagem abaixo fica ilustrada a resistência em aceitar o novo modelo de Taekwondo. Na imagem, fotografada em meados de 1979, estão posicionados vários faixas-pretas formados por Yung Man Kim, na companhia do mestre Te Bo Lee. Nela, apenas uma das pessoas presentes usa o *dobok* no padrão WTF explicitado acima, este indício dá a ler que apesar da conversão de vários dos faixas-pretas formados no estilo ITF ao WTF, eles ainda mantinham traços de sua

formação inicial. Entendendo o *dobok* como objeto, e ratificando essa resistência simbólica ao uso do novo padrão de uniforme Burke (2004, p. 44) afirma: “Certos objetos simbólicos referem-se a papéis sociais específicos”.

Imagem 22: Faixas-pretas formados por Yung Man Kim



Fonte: Acervo pessoal Carvalho

O *dobok* utilizado no contexto da prática do Taekwondo no Rio Grande do Sul inicialmente era o modelo da ITF. Este modelo difere bastante do modelo utilizado nos dias atuais, onde a parte superior é caracterizada pela gola “V”. O modelo utilizado à época era semelhante ao *kimono* (karatê-gi), uniforme utilizado na prática do Karatê, onde a parte superior é uma espécie de casaco que pode abrir na parte da frente.

Havia diferenciação no *dobok* dos praticantes faixas-coloridas, ou *gub*, para o uniforme dos praticantes faixas-pretas. O *dobok* dos praticantes faixas-coloridas era totalmente branco, já o *dobok* dos praticantes que eram faixas-pretas tinha uma borda preta na parte superior do uniforme que ia até a altura da faixa. Havia ainda a inserção de uma lista lateral na calça para os praticantes acima dos 4º Dan, ou seja, mestres. Na imagem abaixo podemos ver os dois pontos de distinção do *dobok* utilizado à época para faixas-pretas.

Imagem 23: *Dobok* e distinções

Fonte: Acervo pessoal Medeiros

O *dobok* utilizado nos dias atuais apenas foi inserido na prática no ano de 1977, já tendo a WTF como órgão superior. A mudança se deu em virtude de diferenciá-lo do *kimono*, dar maior mobilidade aos movimentos, não deixar o busto do praticante à mostra, e ser mais fácil de usar. Ele trazia como grande diferença ao anterior, a gola em “V” sem abertura à frente. Diferenciando-se o *dobok* dos faixas pretas em relação aos faixas-coloridas, em função da adição da gola em preto. Estas relações de resistência ao novo estilo à época, foram sumindo. O que tornou o modelo WTF hegemônico e presente até os dias atuais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação de mestrado buscou responder como ocorreu a prática do Taekwondo em Porto Alegre nas décadas de 1970 e 1980. Para que fosse respondido o problema de pesquisa foram buscadas fontes textuais, orais e iconográficas, além de uma revisão de literatura. Esta operação teve como aporte teórico a História Cultural, buscando nas fontes a partir de objetos, imagens discursos e performances, as práticas e representações que deram sentido e moldaram a prática institucionalizada do Taekwondo no recorte proposto pelo estudo.

A interpretação, e a consulta resultante das possíveis leituras do Taekwondo puderam elucidar as formas como o imaginário dos praticantes do Taekwondo no Rio Grande do Sul se constituiu e evocou práticas e representações. A partir da revisão de literatura foi possível verificar uma consonância de discursos no que tange as três versões históricas sobre o desenvolvimento Taekwondo a nível mundial com a dos grupos observados na presente dissertação. Nestas leituras foi possível, também, entender a maneira como as práticas de luta da Coreia influenciaram na difusão da cultura coreana pelo mundo e posteriormente o modo como o país enfrentou as diversas invasões ao longo da história, fato este que contribuiu para reforçar comportamentos e valores, estes agregados posteriormente a práticas como o Taekwondo. Assim foi possível fazer análises mais profundas sobre os fenômenos presentes na interpretação dos indícios.

Neste aspecto, a concepção do Taekwondo como esporte nacional em 1973 elucidou o modo como o país se utilizou das práticas de luta para alicerçar o seu espírito nacional, e que conseqüentemente impulsionou a prática da luta às mais diversas partes do mundo e, por conseguinte ao Brasil. Pôde elucidar também, as mudanças organizacionais que aconteceram ao longo da história do Taekwondo a nível mundial, que impactaram diretamente a prática no Rio Grande do Sul nos anos posteriores. Como a reformulação de estilo a nível mundial, devido à resistência de professores e praticantes formados no outro estilo propagado anteriormente.

O Taekwondo chegou ao Brasil na iniciativa de envio de mestres a diversas regiões do mundo, sendo que o introdutor da prática no Rio Grande do Sul, Yung Man Kim, chegou a Porto Alegre no ano de 1974, onde já se encontravam estabelecidas outras práticas de luta. A divisão de espaço entre o Taekwondo e as demais práticas de luta que em primeiro momento sugeria disputa, não evidenciou

maiores conflitos, no que apresentaram as fontes. Elas inclusive apresentaram indícios de laços de amizade entre estes grupos como o Karatê, representado em certos momentos por personagens como Luiz Watanabe. Essas relações inclusive parecem ter auxiliado o desenvolvimento das práticas de luta como um todo, já que elas dividiram locais de práticas o que auxiliava no custeio de aluguéis de espaços. E ajudaram na divulgação das mesmas em eventos das mesmas, tal como em campeonatos.

Para além da prática, Yung Man Kim deixou sua marca na memória dos praticantes. Esta figura pouco debatida apareceu em destaque diversas vezes neste estudo, e dado os relatos dos participantes, foi possível observar que muitos dos aspectos rememorados não foram tidos como muito propícios, tendo em vista muitas das representações que a figura dos mestres de práticas de luta evoca. Entretanto, estes depoimentos trazem outro lado desta figura, traduzindo-o como alguém que prezava pelos seus alunos, assim como, suas ações o identificavam como um homem muito ligado à sua identidade étnocultural coreana.

Este pioneiro se utilizou das apresentações para difundir a prática de luta pelo estado, destacando-se Caxias do Sul como importante pólo inicial da difusão do Taekwondo. Tal cidade ocupou este posto antecipadamente a toda a região metropolitana da capital. Nestas iniciativas de propagação, as atividades utilizadas impressionaram o público que aderiu à prática. Estas apresentações, aconteceram nos mais diversos espaços e valiam-se de diversas atividades, que foram englobavam desde lutas até quebramentos de objetos que impressionavam o público.

Na medida em que a prática foi sendo difundida por várias regiões do estado, e que foram formados os primeiros faixas-pretas que passaram a institucionalizar a prática em outras cidades, puderam ser realizados encontros entre as academias, momento onde eram realizadas lutas competitivas. Estes encontros se caracterizaram como as primeiras manifestações de Taekwondo no Rio Grande do Sul com caráter competitivo. No ano de 1976, o Taekwondo alcança uma rede de praticantes suficiente para que fosse possível serem realizadas competições em nível estadual. Assim, em Porto Alegre foi realizado o 1º Campeonato Gaúcho de Taekwondo, tendo os dois eventos posteriores nos anos de 1977 e 1978 na cidade de Caxias do Sul.

Estas primeiras competições tiveram a chancela da Federação Riograndense de Pugilismo, na qual o Taekwondo constituía departamento sob a direção de Yung Man Kim. Este departamento perdurou até fundação da Federação Gaúcha de Taekwondo, onde Te Bo Lee foi teve papel central de organização. No que tange ao modo como eram realizadas as lutas, o material utilizado para o combate era apenas o protetor de tórax, sem o uso de caneleiras, antebraços, capacetes, ou luvas. Esta ausência de materiais se refletia nos materiais de amortecimento de quedas como os *tatames*, assim as lutas eram realizadas no piso das quadras de esportes dos ginásios.

As aulas no contexto desta pesquisa apresentaram particularidades que até aqui haviam sido invisibilizadas, no que diz respeito às mudanças pelas quais o Taekwondo foi submetido na década de 1970. As aulas ocorriam em ritmo muito forte e foram marcadas pela ênfase na luta e no treinamento de *Samboderion*. Estas aulas, em consenso à pouca utilização de materiais apresentadas nas competições da época, se davam com pouca utilização de materiais, entretanto, foram identificados materiais como o *makiwara*, sacos de pancada, e uma roldana utilizada nos alongamentos. Além da utilização de *nunchako*. Neste quesito, as aulas daquele contexto praticamente foram marginalizadas a partir das representações acerca da figura de Yung Man Kim fora da prática. Este as conduzia com energia e cuidado as detalhes e correção dos movimentos.

Os rastros deixados pelos praticantes de Taekwondo, nas décadas de 1970 e 1980, para a construção deste estudo se constituíram principalmente nos relatos oriundos das entrevistas. Onde os participantes acrescentaram importantes nuances da prática da luta naquele contexto. Com suas particularidades e detalhes que quase nos colocam presentes nos momentos relatados por eles, indicando o modo como se deram os primeiros passos do Taekwondo no estado a partir de Porto Alegre.

Os registros textuais ocorreram de maneira diminuta em relação aos indícios orais. Muito pelo não costume de se guardarem os registros de aulas, os sistemas de golpes, assim como as listas de alunos matriculados. Este tipo de registro poderia dar ainda mais profundidade nas intepretações, possibilitando, por exemplo, ir a fundo ao que tange a presença de mulheres e crianças nas aulas de Taekwondo nas décadas de 1970 e 1980. Entretanto os registros de jornais encontrados puderam

auxiliar de maneira muito rica as análises, e se constituíram em importantes representações do passado no tempo presente.

Indo ao encontro aos parágrafos acima, que versavam sobre as fontes orais e textuais, as fontes iconográficas acabaram por dar importante testemunho de suporte às discussões e interpretações provenientes das fontes. Elas coloriram as informações das fontes anteriores e conferiram ao trabalho “um estar” no “ter sido”, onde os relatos se materializaram e os fragmentos textuais tomaram sentido. Elas tomaram pra si os espaços entre os relatos e os textos, e deram a eles coesão permitindo enxergar aquilo que os praticantes, e os veículos de informação da época não puderam, ou não se propuseram a registrar em palavras.

Desta forma, algumas das limitações deste estudo se encontraram na pouca oferta de documentação e publicação de estudos na temática no Rio Grande do Sul. Assim como, as poucas pessoas que foram agentes da prática no contexto do estudo e que se propuseram a dar os seus relatos. Entretanto, esta dificuldade dá força à operação empírica do trabalho, e assinala a importância que terá como suporte a estudos futuros que tenham como tema o Taekwondo no Rio Grande do Sul. Por fim, cabe ressaltar, que algumas temáticas que surgiram ao longo do trabalho ainda podem ser trabalhadas de forma mais profunda. Como a prática pelas mulheres. E a prática do Taekwondo pelas das crianças.

REFERÊNCIAS

- AIRES, H.; LEDUR, J. A.; SANTOS, A. F. A.; MAZO, J. Z. A introdução do Karate-Do Shotokan no Rio Grande do Sul: memórias do sensei Watanabe. **Revista brasileira Ciência e Movimento**, v. 25, n. 1, p. 118-128, 2017.
- ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- ASSMANN, A. B.; CARMONA, E. K.; MAZO, J. Z. Para além dos ringues: vestígios da história do boxe sul-rio-grandense entre (1920 - 1960). **Rev. ARQUIVOS em MOVIMENTO**, Rio de Janeiro, v.10, n.2, p. 87-110, jul/dez, 2014.
- BACELLAR, Carlos. Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (Org). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 23-80.
- BARBOSA, L. **Entrevista**. Concedida a Juliano Lopes da Costa. 2 de maio. 2019. Transcrição: Juliano Lopes da Costa.
- BARROS, José D'Assunção. História Cultural: um panorama teórico e historiográfico. **Textos de história**, v. 11, n. 1/2, p. 145-171, 2003.
- BARROS, José D'Assunção. **O projeto de pesquisa em história: da escolha do tema ao quadro teórico**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2009.
- BARROS, J. D. A. A Nova História Cultural: considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. **Cadernos de História**, v. 12, n. 16, p. 38–63, 2011.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru: EDUSC, 2004.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- CAPENER, S. D. The making of a modern myth: Inventing a tradition for Taekwondo. **Korea Journal**, v. 56, n. 1, p. 61–92, 2016.
- CARVALHO, C. **Entrevista**. Concedida a Juliano Lopes da Costa. 25 de outubro. 2018. Transcrição: Juliano Lopes da Costa.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988.
- CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- Cineteatro Carlos Gomes. **Wikipédia**, 2019. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Cine_Teatro_Carlos_Gomes em: 06/05/2019
- COOK, D. **Taekwondo Tradicional: Técnicas Essenciais, Histórias e Filosofia**. São Paulo: MADRAS, 2011.
- FERREIRA, F. D. C.; MARCHI JUNIOR, W.; CAPRARO, A. M. O "Kung Fu" no Brasil na perspectiva dos mestres pioneiros: problemas e perspectivas no uso da história

oral como instrumental de análise. **Rev. bras. educ. fís. Esporte**, v. 28, n.1, p.65-76, 2014.

FILHO, P. A. P. L.; FILHO, J. M. G. V. Memória, fluxos migratórios e cultura do karatê no vale do São Francisco. *In: COMBRACE*, 10, 2017. Goiânia-GO. *GTT 10 – MEMÓRIAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE...* Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2017/7conice/>>, 2017. p. 2712-2716.)

FORREST, J.; FORREST-BLINCOE, B. Kim Chi, K-Pop, and Taekwondo: The Nationalization of South Korean Martial Arts. **Journal of Martial Arts Anthropology**, v. 18, n. 2, p. 1–14, 2018.

FRANCHINI, E.; VECCHIO, F. B. DEL. Estudos em modalidades esportivas de combate: estado da arte. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 25, n. spe, p. 67–81, 2011.

FROSI, T. O.; MAIDANA, W. MAZO, J. Z. Os primórdios da prática do wu-shu/kung fu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul (décadas de 1970-1990). **Revista da Educação Física/UEM Maringá**, v. 22, n. 3, p. 387-397, 2011.

GARCIA, R. A.; SILVA, N. L.; VOTRE, S. J. A luta livre no século XX no Rio de Janeiro. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, 379-390, abr./jun, 2016.

GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário *In: GINZBURG, C. Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.p. 143-180.

GUEDES, C. (1999). Estudos sócio-culturais do movimento humano. **Revista paulista De Educação Física**, 13(n.esp), 98-105.

JORNAL DE CAXIAS, Caxias do Sul “Campeonato de tae kwon-do em Caxias”. 19/10/1977, página 25.

LEDUR, J. A.; CARMONA, E. K.; MAZO, J. Z. Karate Gōjū-ryū no Rio Grande do Sul: revisitando a vida de Akira Taniguchi. **Recorde: Revista de História do Esporte**, vol. 6, n. 2, jul-dez, 2013, p. 1-23.

LIMA, S. F.; CARVALHO, V. C. Fotografias - Usos sociais e historiográficos. *In: PINSKY, C. B; LUCA, Tania Regina (Org). O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 29-60.

LUCA, T. R. Fontes Impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. *In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 111-154.

MARTA, F. E. F. Taekwon “do”: os caminhos de sua história no estado de São Paulo. **Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, Campinas, v. 0, n. 4, p. 151-162, jan/jun, 2000.

MARTA, F. E. F. **O caminho dos pés e das mãos: taekwondo, arte marcial, esporte e a colônia coreana em São Paulo (1970-2000)**. 2004. 148 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2004.

MARTA, F. E. F. **A memória das lutas - As artes marciais orientais e a sua presença na cultura corporal de São Paulo**. São Paulo: EDUC. 2010.

MAZO, J. Z. A nacionalização das associações esportivas em Porto Alegre (1937-1945). **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 03, p. 43-63, set/dez, 2007.

MEDEIROS, V. **Entrevista**. Concedida a Juliano Lopes da Costa. 26 de novembro. 2018. Transcrição: Juliano Lopes da Costa.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 2000.

MERGULHÃO, L. E.; LEE, W. J. **Aprenda taekwondo**. Rio de Janeiro: Brasil - América, 1978.

MILLÁN, G. A. El Dojang: escuela de disciplina y moralidade. **Revista de Artes Marciales Asiáticas**, v. 10, n. 1, p. 1-15, 2015.

MOENIG, U. La evolucion de las patadas em el taekwondo. **Revista de Artes Marciales Asiáticas**, v. 6, n. 1 p. 117-140, 2011.

MOENIG, U.; MINHO, K. The invention of taekwondo tradition, 1945-1972: when mythology becomes 'history'. **Acta Koreana**, v. 19, n. 2, p. 131-164, 2016.

MOENIG, U.; KIM, M. A Critical Review of the Historical Formation of Olympic-Style Taekwondo's Institutions and the Resulting Present-Day Inconsistencies. **The International Journal of the History of Sport**, v. 3367, p. 1–20, 2017.

NOGUEIRA, L. Taekwondo. *In*: DACOSTA; L. P. (Org.) **Atlas do Esporte no Brasil: Atlas do esporte; educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2006. p. 314-315.

NUNES, A. V.; RUBIO, Kátia. As origens do Judô brasileiro: a árvore genealógica dos medalhistas olímpicos. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v. 26, n. 4, p. 667-78, out/dez, 2012.

OLIVEIRA, M. A.; JÚNIOR, C. A. B. R. **A introdução do karatê shotokan em Curitiba: relações com a ditadura e imigração**. Anais [do] XIII Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física, 19 a 22 de agosto, Londrina, PR [CD ROM] / coordenadores: Tony Honorato, Larissa Michelle Lara, Antonio Geraldo Magalhães Gomes Pires. – Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2014.

O GLOBO, Porto Alegre, “Coreano ensina no Brasil uma velha luta: Tae Kwon-Do”. 30/10/74, página 24.

PARK, C.; KIM, T. Y. Historical Views on the Origins of Korea's Taekwondo. **International Journal of the History of Sport**, v. 33, no. 9, p. 978, 2016.

PARK, K.; OK, G. Martial Arts and Ideology of Hwarang, the Ancient Korean Warrior. **International Journal of the History of Sport**, v. 33, no. 9, p. 951, 2016.

PEREZ-GUTIERREZ M.; GUTIERREZ-GARCIA C.; ESCOBAR-MOLINA R. Terminological recommendations for improving the visibility of scientific literature on martial arts and combat sports. **Archives of Budo**, vol. 7, no. 3, p. 159-166, 2011.

PEREZ-GUTIERREZ, M.; VALDES-BADILLA, P.; GOMEZ-ALONSO, M. T.; GUTIERREZ-GARCIA, C. Bibliometric analysis of taekwondo articles published in the Web of Science (1989–2013). **Journal of Martial Arts Anthropology**, v. 15, n. 3, p. 8–21, 2015.

PESAVENTO, S. J. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PIMENTA, T. A profissionalização do Taekwondo: o processo de concepção de uma arte marcial moderna. In: MARCHI JUNIOR, W (Org.). **Ensaio em Sociologia do Esporte**. São Paulo: Factash Editora, 2011. p. 341-365.

PIMENTA, T.; MARCHI JUNIOR, W. A Constituição de um Subcampo do Esporte : O Caso do Taekwondo. **Movimento**, v. 15 n. 1, p. 193–215, 2009.

PIMENTA, T. F. F.; DRIGO, A. J. A economia de trocas simbólicas no campo do Taekwondo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 37, n. 2, p. 165-171, 2015.

PIONEIRO, Caxias do Sul “Campeonato estadual de tae kwon-do”. 02/10/76 página 43.

PIONEIRO, Caxias do Sul, “Caxias tenta o Bicampeonato de Estadual de Tae Kwon Do”. 09/12/1978, página 63.

RAMÍREZ, J. L. G.; SERRANO, O. J. B.; RAMÍREZ, J. L. G. Historia del taekwondo en la provincia de Holguín. **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires, v. 19, n. 199, dez, 2014.

RIOS, G. B. O processo de esportivização do taekwondo. **Pensar a Prática**, v. 8, n. 1, p. 37–54, 15 nov, 2005.

SANTOS, M. C.; SILVA, S. N.; SANTANA, T. N.; ARAÚJO, D. B. Taekwondo e sua trajetória no Brasil. **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires, v. 19, n. 196, set, 2014.

SILVA, C. F.; MAZO, J. Z. Vestígios das práticas náuticas no Rio Grande do Sul: as primeiras competições de remo. **Licere**, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 1-27, jun, 2017.

SILVA, C. F.; PEREIRA, E. L.; MAZO, J. Z. Clubes sociais: práticas esportivas e identidades culturais. **Licere**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 1-21, jun, 2012.

THOMPSON, P. **A voz do passado: História Oral**. São Paulo: Paz e Terra. 1992.

Uma história de sucesso. **Expoiner**, 2019. Disponível em: <https://www.expoiner.rs.gov.br/historia> em: 06/05/2019

When Taekwondo Strikes. **Filmow**, 2019. Disponível em: Uma história de sucesso. **Expoiner**, 2019. Disponível em: <https://www.expoiner.rs.gov.br/historia> em: 06/05/2019

APÊNDICE A
Roteiro de entrevista- A - Homens

Entrevista nº:	
Nome completo:	
Data de Nascimento:	
Endereço Residencial:	
Telefones para contato:	

Serão realizadas as perguntas em negrito e numeradas, que serão complementadas, se necessário for, com as indicadas abaixo das mesmas. Esta estratégia se dará em busca de uma melhor organização ao entrevistador e, também, não deixar de abordar pontos que o entrevistado deixe de contemplar e que sejam importantes à pesquisa.

1. Como foi o início da sua trajetória no Taekwondo?	
- Como conheceu?	
- O que o motivou a praticar?	
- Quando e onde?	
2. Quem era seu instrutor?	
3. Como ele conduzia as aulas?	
4. Como eram as atividades?	
- Poomsae (formas).	
- Kiorugui (luta).	
- Técnicas.	
- Quebramentos.	
5. Como acontecia, como um todo, prática de Taekwondo nas décadas de 1970 e 1980?	
Como eram os exames de faixa?	
Haviam campeonatos?	
Aconteciam apresentações?	
4. Como era a relação de sua academia de Taekwondo em relação a outras da mesma prática? E das academias de Taekwondo em relação a outras de judô; karatê, etc.?	
- Haviam tensões?	
5. Como era a relação entre os praticantes de Taekwondo? E deles em relação a praticantes de outras lutas (judô; karatê, etc.)?	
- Haviam tensões?	
6. Em quais academias praticaste Taekwondo?	
- Em caso positivo: qual foi o motivo da(s) mudança(s)?	
- Ainda treina ou faz aulas?	
7. Ao lembrar da prática do Taekwondo, tens algo mais a relatar?	
PONTOS ALÉM DA ENTREVISTA A SEREM CONSULTADOS	
Tens fotos, ou documentos da época como recortes de jornais e revistas, e outros registros, que possas disponibilizar para a pesquisa?	
Tens outros praticantes de Taekwondo da mesma época que possas indicar para contribuir com a pesquisa? Por qual motivo?	

APÊNDICE B

Roteiro de entrevista - B - Mulheres

Entrevista nº:
Nome completo:
Data de Nascimento:
Endereço Residencial:
Telefones para contato:

Serão realizadas as perguntas em negrito e numeradas, que serão complementadas, se necessário for, com as indicadas abaixo das mesmas. Esta estratégia se dará em busca de uma melhor organização ao entrevistador e, também, não deixar de abordar pontos que o entrevistado deixe de contemplar e que sejam importantes à pesquisa.

1. Como foi o início da sua trajetória no Taekwondo?	
- Como conheceu? ()	
- O que a motivou a praticar? ()	
- Quando e onde? ()	
2. Quem era seu instrutor?	
3. Como ele conduzia as aulas?	
4. Como eram as atividades?	
5. Como era a prática de Taekwondo para as mulheres nas décadas de 1970 e 1980?	
- Existiam outras praticantes?	
- Ascendiam às gradações normalmente?	
- Havia diferença das aulas dos homens?	
- As aulas eram mistas?	
- A família apoiava?	
- Havia campeonatos para mulheres?	
4. Como era a relação de sua academia de Taekwondo em relação a outras da mesma prática? E das academias de Taekwondo em relação a outras de judô; karatê, etc.?	
- Havia tensões?	
5. Como era a relação entre os praticantes de Taekwondo? E deles em relação a praticantes de outras lutas (judô; karatê, etc.)?	
- Havia tensões?	
6. Em quais academias praticaste Taekwondo?	
- Em caso positivo: qual foi o motivo da(s) mudança(s)?	
- Ainda treina ou faz aulas?	
7. Ao lembrar da prática do Taekwondo, tens algo mais a relatar?	
PONTOS ALÉM DA ENTREVISTA A SEREM CONSULTADOS	
Tens fotos, ou documentos da época como recortes de jornais e revistas, e outros registros, que possas disponibilizar para a pesquisa?	
Tens outras praticantes de Taekwondo da mesma época que possas indicar para contribuir com a pesquisa?	

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidá-lo (a) para participar do projeto de pesquisa **“O TAEKWONDO NO RIO GRANDE DO SUL: UMA LEITURA DO TEMPO SOBRE A PRÁTICA DE LUTA (1970-1980)”**, por você apresentar possibilidades de contribuir para o mesmo a partir de seus conhecimentos e de suas experiências. O objetivo geral compreender o contexto da prática do Taekwondo no Rio Grande do Sul nas décadas de 1970 e 1980. Se você concordar em participar deste estudo, responderá a uma entrevista com um roteiro pré-elaborado pelo pesquisador, com o tempo máximo de duração previsto de uma hora. Seu relato é muito importante para que possamos levantar informações necessárias para nossos estudos, a partir da visão de quem vivenciou o campo das práticas associadas ao Taekwondo no período estudado. Para tanto, requeremos seu assentimento para a realização da entrevista, pois esta poderá ser gravada em áudio e/ou vídeo através de aparelhos digitais, tais como câmera filmadora e gravador de voz. Informamos, também, que sua entrevista será transcrita integralmente.

Finalizada a transcrição, se for do seu interesse, retornaremos o documento para o senhor (a), para sua revisão e seu consentimento de publicação dos resultados. Solicitamos autorização para utilizarmos suas imagens, captadas durante a filmagem da entrevista, além de eventuais fotografias, para a produção de projetos audiovisuais (video clips, documentários, etc.) e/ou projetos culturais (exposições, oficinas, etc.) que envolvam a história da prática do Taekwondo no Rio Grande do Sul. Caso seja do seu interesse, enviaremos posteriormente uma cópia da entrevista em áudio e/ou vídeo para uso pessoal. Esclarecemos que sua participação é totalmente voluntária, podendo o (a) senhor (a): recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Esclarecemos, também, que suas informações serão utilizadas sem fins comerciais. Com a sua permissão, as informações geradas a partir de seu depoimento poderão ser disponibilizadas (formas escrita e/ou visual) em plataformas sociais online do Núcleo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física (NEHME), da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul bem como no site do mesmo, de livre acesso, o qual possui a finalidade de preservar e divulgar a memória do Esporte e da Educação Física. Informamos ainda, que o (a) senhor (a) não terá custos financeiros e nem será remunerado (a) por sua participação. No entanto,

adotaremos os cuidados necessários para evitar qualquer tipo de constrangimento relativo à pesquisa, embora sempre exista a possibilidade de riscos. Esperamos por meio das ações veiculadas a este estudo, preservar a memória da prática de Taekwondo no Rio Grande do Sul e produzir novos conhecimentos; divulgando os resultados no meio acadêmico e esportivo. Caso o (a) senhor (a) tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos, poderá contatar a qualquer momento a professora responsável pelo estudo, Professora Janice Zarpellon Mazo, no endereço profissional à Rua Felizardo, nº 750, Bairro Jardim Botânico, Porto Alegre – RS, CEP 90690-200, ou pelos telefones (51) 999579428/33883031, ou no endereço eletrônico janmazo@terra.com.br, ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pelo telefone 3308.3629 ou por e-mail: etica@propesq.ufrgs.br.

Por fim, é importante esclarecer que este estudo é parte integrante de um projeto maior, intitulado “Cenários Históricos e Socioculturais dos Esportes e da Educação Física no Rio Grande do Sul – Brasil”, também aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS pelo número 27331. O presente termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devidamente preenchida, assinada e entregue ao (à) senhor (a).

_____, ____ de _____ de 201 ____.

Entrevistador

Nome: _____

Assinatura: _____

Data: _____

Eu, _____,

tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos, concordo em conceder a entrevista e participar voluntariamente da pesquisa descrita acima.

Assinatura: _____

Data: _____

Eu, _____, tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos, concordo em participar voluntariamente da pesquisa descrita acima. Assim, permito a identificação de meu nome, o uso do áudio e/ou vídeo captados durante a entrevista para os fins descritos no presente termo. Declaro que recebi cópia deste documento.

Assinatura: _____

Data: _____

Em caso de algum tipo de restrição com relação ao uso do áudio e vídeo captados durante a entrevista, favor utilizar o campo abaixo para maiores esclarecimentos.
